





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

André Joaquim Figueiredo da Cruz

**Jornalismo desportivo em tempo de
pandemia: teletrabalho e emoções a
distância**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Felisbela Maria Carvalho Lopes

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo apoio incondicional, compreensão e por todos os sacrifícios diários.

Ao meu pai, irmão e cunhada que diariamente tentam esbater a distância física.

À minha afilhada, pela motivação e alegria.

Ao meu incrível grupo de amigos de Coimbra, pela disponibilidade diária e por darem sentido à palavra amizade.

Aos meus amigos de infância por tentarem compreender os meus momentos de solidão.

À professora Felisbela Lopes, um pilar deste trabalho, sempre com palavras de incentivo, elogio ou crítica e disposta a ajudar.

Aos meus colegas do *Maisfutebol*, em especial ao Dudu, ao Pedro e ao Sérgio pela amizade e por todo o conhecimento que me passaram.

A todas as pessoas que colaboraram e tornaram possível este trabalho.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Garanto que foi pedido consentimento a todos os entrevistados para a gravação e reprodução das entrevistas, bem como para o tratamento dos dados recolhidos.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

JORNALISMO DESPORTIVO EM TEMPO DE PANDEMIA: TELETRABALHO E EMOÇÕES A DISTÂNCIA

RESUMO

A pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) veio alterar todas as dinâmicas sociais e profissionais que havíamos conhecido até então. A partir de março de 2020, altura em que a Covid-19 penetrou no país, e por força das medidas de saúde pública adotadas, o trabalho à distância tornou-se obrigatório sempre que possível e tiveram de ser criados novos hábitos e rotinas entre os cidadãos. Desde logo, o jornalismo não escapou a esta realidade. Se até aqui os jornalistas já passavam mais tempo dentro da redação do que no terreno a investigar, analisar e compreender os factos, estes profissionais tornaram-se ainda mais sedentários e, em muitos casos, enviados para casa e remetidos ao computador pessoal e a uma redação improvisada no seio do próprio lar. Os jornalistas tiveram de aprender a trabalhar num contexto desfavorável, privados do espaço onde produziram conteúdo informativo ao longo de toda a carreira. No caso do jornalismo desportivo, existem algumas exceções, como as deslocações aos estádios, ainda que estas decorram de uma maneira bastante distinta da de outrora.

Refletindo uma experiência de estágio de três meses no *Maisfutebol*, este relatório procura analisar esse período e, adicionalmente, perceber que experiências tiveram outros jornalistas que trabalham na área do desporto. A temática central desta tese visa, portanto, compreender de que forma o regime de teletrabalho condicionou a produção noticiosa e o impacto provocado no trabalho dos jornalistas desportivos.

Como conclusão geral depreende-se que as rotinas dos jornalistas se alteraram neste período e a profissão sofreu um processo de renovação, fruto da adaptação a uma nova e adversa realidade. Além disso, ficou demonstrada a capacidade e eficácia da resposta que os jornalistas deram nesta fase, ainda que a ausência da redação e a diminuição dos contactos informais com os colegas tenha afetado o planeamento do jornal, a definição da agenda e o espírito de equipa. Por isso, a adoção do regime de teletrabalho no jornalismo e, em particular, no jornalismo desportivo ainda divide a opinião dos profissionais.

Palavras-chave: Covid-19; Futebol; Jornalismo desportivo; Pandemia; Teletrabalho

SPORTS JOURNALISM IN A TIME OF PANDEMIC: TELEWORKING AND EMOTIONS FROM A DISTANCE

ABSTRACT

The pandemic caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2) changed all the social and professional dynamics as we knew it. From March 2020, when Covid-19 entered the country, and due to the public health measures adopted, it became mandatory to work at a distance whenever possible and new habits and routines had to be created among citizens. Ever since, journalism did not escape this reality. If until now journalists have spent more time in the newsroom than in the field investigating, analyzing and understanding the facts, these professionals have become even more sedentary and, in many cases, have been sent home with a personal computer and an improvised newsroom in their homes. Journalists had to learn how to work in an unfavorable context, deprived of the space where they produced informative content throughout their careers. In the case of sports journalism, there are some exceptions, such as trips to stadiums, even though these take place in a very different way from which they took in the past.

Reflecting a three-month internship experience at *Maisfutebol*, this report seeks to analyze that period and, additionally, to understand what experiences other journalists who work in the field of sport have had. The central theme of this thesis, therefore, aims to understand how the telework regime conditioned news production and the impact it had on the work of sports journalists.

As a general conclusion, it appears that the routines of journalists changed during this period and the profession underwent a process of renewal, as a result of the adaptation to a new and adverse reality. Furthermore, the capacity and effectiveness of the response given by journalists at this stage was demonstrated, even though the absence of the newsroom and the decrease in informal contacts with colleagues affected the newspaper's planning, the definition of the agenda and the team spirit. Therefore, the adoption of the telework regime in journalism and, in particular, in sports journalism still divides the opinion of professionals.

Keywords: Covid-19; Football; Pandemic; Sports Journalism; Telework

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
1. ESTÁGIO CURRICULAR NA REDAÇÃO DO <i>MAISFUTEBOL</i>	11
1.1. Um jornal nativo digital.....	11
2. EXPERIÊNCIA DURANTE O ESTÁGIO.....	15
2.1. Estagiar na redação ou em teletrabalho	15
2.2. O contacto com as fontes.....	18
2.3. Contexto editorial e aspetos diferenciadores do jornal	23
2.4. Adaptação ao mundo profissional: uma nova realidade	25
3. A COMUNHÃO DO JORNALISMO COM A ERA DIGITAL.....	28
3.1. As potencialidades das plataformas digitais	29
3.2. Obstáculos que se erguem e reconfiguram o perfil de jornalista	32
3.3. À procura de um modelo de negócio para o jornalismo online em Portugal	36
3.4. Jornalismo em tempo de pandemia.....	39
4. JORNALISMO DESPORTIVO	44
4.1. Breve história do jornalismo desportivo.....	44
4.2. Desporto como espetáculo onde o futebol é rei.....	48
5. TELETRABALHO	51
5.1. Um conceito com várias interpretações.....	52
5.2. Vantagens e aspetos críticos do teletrabalho	54
5.3. Teletrabalho inserido no contexto pandémico.....	56
5.3.1. A redação em casa	57
6. METODOLOGIA	59
6.1. Objetivos e linhas orientadoras	59
6.2. Questão de partida.....	59
6.3. Escolha do objeto de estudo.....	60
6.4. A formulação de hipóteses	61
6.5. As entrevistas e a escolha dos entrevistados.....	62
6.5.1. Guião de perguntas.....	62
7. O QUE PENSAM OS EDITORES ACERCA DO IMPACTO DO TELETRABALHO NO JORNALISMO	64
7.1. O fim das pausas para café e dos contactos informais com colegas	64
7.2. A relação dos jornalistas com as fontes em período de pandemia	65

7.3. As alterações nos processos de construção de conteúdos e repercussões na agenda e produto final.....	67
7.4. A capacidade de resposta dos jornalistas a uma realidade adversa	70
7.5. As limitações causadas pela Covid-19 e a viabilidade do teletrabalho no jornalismo desportivo	73
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXOS	87
Anexo I – Entrevista a António Barroso, subchefe de redação do jornal <i>O Jogo</i>	87
Anexo II – Entrevista a Filipe Pedras, editor da secção Benfica do jornal <i>Record</i>	89
Anexo III – Entrevista a Norberto Lopes, editor de desporto do <i>Jornal de Notícias</i>	91
Anexo IV – Entrevista a Nuno Sousa, editor de desporto do jornal <i>Público</i>	93
Anexo V – Entrevista a Pedro Cunha, editor da redação do Norte do <i>Maisfutebol</i>	96
Anexo VI - Entrevista a Rui Baioneta, editor do jornal <i>A Bola</i>	98

INTRODUÇÃO

O presente relatório decorre da experiência de estágio curricular de três meses na redação do Norte do *Maisfutebol*, entre 1 de setembro e 30 de novembro de 2020. Este foi o meu primeiro contacto profissional com o jornalismo desportivo, num jornal online que me deu a oportunidade de trabalhar ao lado de jornalistas com vários anos de carteira, com liberdade e autonomia para sugerir e tratar temas do meu interesse e com a vantagem de, ao contrário daquilo que acontece nos jornais com versão impressa, não estar limitado a um número máximo de caracteres.

A escolha da empresa decorreu de um processo de reflexão em que decidi contactar um antigo colaborador que me deu boas referências, além de ter elevado as expectativas, que não foram defraudadas ao longo deste período. Além disso, já era leitor assíduo do jornal, com o qual me identificava, e esse foi, por si só, um fator-chave para a análise extremamente positiva que faço desta experiência, que culminou com vários trabalhos publicados.

Ainda assim, durante os meses de estágio fui confrontado com uma realidade adversa e que condicionou quer o bom funcionamento do jornal, quer a minha experiência. Por consequência da pandemia da Covid-19, que se alastrou pelo país desde março de 2020, cerca de metade dos meus dias enquanto estagiário do *Maisfutebol* foram vividos na redação, enquanto os restantes decorreram em regime de trabalho a partir de casa, ou seja, teletrabalho.

Esta realidade perturbadora dificultou, desde logo, a adaptação ao jornal, a comunicação e relação com os jornalistas, a perceção que os mesmos tinham do meu trabalho, uma vez que este era feito à distância, a colaboração com as fontes de informação e a entrada no jornalismo desportivo profissionalizado. Fruto destas adversidades, que congestionaram a perceção sobre o normal funcionamento de uma redação, nasceu a vontade de perceber quais os prejuízos e os ganhos deste modo de trabalho.

São, por isso, muitos os pontos a extrair desta experiência e que serão abordados mais à frente, mas que envolvem toda a observação realizada ao longo deste período, bem como conhecimentos adquiridos, dificuldades no processo de construção dos artigos noticiosos, relacionamento quer com os jornalistas, quer com os clubes, experiências mais marcantes, tais como, a presença em estádios de futebol como jornalista acreditado e algumas rotinas diárias de relevo.

A vertente empírica deste trabalho gira em torno da problemática escolhida e que está, portanto, relacionada com os impactos do regime de teletrabalho no jornalismo desportivo. Por isso, a questão de partida do relatório é: “Qual o impacto do teletrabalho no trabalho dos jornalistas desportivos?”.

Através de entrevistas a editores de desporto, procurou-se entender as alterações provocadas, a capacidade de resposta das empresas e dos jornalistas e, ainda, refletir sobre o futuro e viabilidade deste regime na profissão.

O período em que os jornalistas desportivos trabalharam em teletrabalho concentrou algumas particularidades relacionadas com alterações nos métodos de trabalho e, por isso, constatam-se algumas diferenças nas rotinas dos profissionais, ao nível, por exemplo, da definição da agenda e relacionamento com os pares da redação. Em virtude das condicionantes inerentes ao trabalho a partir de casa, esta fase foi encarada como um momento de reinvenção no setor, sublinhada pelo suporte e importância das ferramentas tecnológicas, que atenuaram as dificuldades na comunicação.

1. ESTÁGIO CURRICULAR NA REDAÇÃO DO *MAISFUTEBOL*

1.1. Um jornal nativo digital

O *Maisfutebol* foi fundado a 5 de junho de 2000. Trata-se de um jornal desportivo online, disponível através do endereço eletrónico www.maisfutebol.iol.pt, e é propriedade da Media Capital Digital, do grupo Media Capital.

Surgiu da necessidade de acompanhar e sustentar o crescimento das notícias de desporto, sendo o primeiro jornal desportivo inteiramente digital, com foco na componente multimédia (vídeo, som e fotografia).

O nome do jornal advém da ideia “mais futebol e menos conversa” e reflete um dos pilares do projeto: falar do jogo jogado, dar espaço aos protagonistas e intervenientes – desde jogadores a treinadores – e evitar as polémicas e ruído inerentes ao desporto. Luís Sobral, Berta Rodrigues e Nuno Madureira foram os principais impulsionadores do projeto.

Anselmo Crespo é atual o diretor do *Maisfutebol* e Luís Pedro Ferreira é o diretor-adjunto. Nuno Travassos ocupa o cargo de subdiretor, enquanto Sérgio Pereira e Pedro Cunha são editor-chefe e editor, respetivamente. Além disso, o jornal conta com mais nove jornalistas e seis correspondentes espalhados por várias regiões do país (Minho, Beira-Alta, Algarve, Açores e Madeira). Tem redação em Lisboa com sete jornalistas e seis no Porto.

Apesar do nome, o jornal não trata apenas de uma modalidade. A abrangência e prioridade do foco noticioso é dada ao futebol, mas as modalidades não são colocadas de lado. Existe, aliás, no site, um separador dedicado exclusivamente ao andebol e outro destinado às outras modalidades.

Logo no ano de fundação, o *Maisfutebol* esteve na Holanda e Bélgica a cobrir o Campeonato da Europa de futebol e, ainda em 2000, o jornal esteve presente no Mónaco, na Supertaça Europeia, entre o Real Madrid e o Galatasaray. Assim, tornou-se o primeiro órgão de comunicação unicamente online acreditado pela UEFA.

Desde então, o jornal tem marcado presença em todos os grandes eventos de futebol a nível internacional, como os Campeonatos da Europa e do Mundo, mas também cobriu os Jogos Olímpicos de 2014, que decorreram no Brasil, com várias modalidades além do futebol.

Estes grandes eventos contaram com a participação da seleção portuguesa de futebol ou de Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal, em virtude de serem os três maiores clubes nacionais. Aliás, estas equipas, normalmente apelidadas de “grandes”, recebem grande parte da atenção e cobertura do jornal.

Além da cobertura e acompanhamento internacional das equipas portuguesas nos eventos internacionais, o *Maisfutebol* também está presente nas competições internas. No que concerne à I Liga de futebol, todos os jogos são acompanhados *in loco* por um jornalista que se desloca ao estádio, salvo raras exceções em que dois profissionais estão no terreno. Tal também acontece nos jogos da Taça da Liga e da Taça de Portugal, embora esta última tenha acompanhamento no estádio apenas numa fase mais adiantada da competição.

O jornal foi, de facto, o primeiro órgão de comunicação a proporcionar coberturas ao minuto. Durante cada jogo, é feito um acompanhamento onde o leitor pode acompanhar as fichas de jogo, o relato das principais jogadas da partida e, no pós-jogo, ter acesso às palavras dos intervenientes, bem como a uma crónica do encontro.

O *Maisfutebol* tem vindo a moldar-se aos tempos contemporâneos, embora seja um advento da Internet. Desta forma, e tal como sucede em boa parte dos órgãos de comunicação, as redes sociais desempenham um papel fundamental. O jornal tem páginas no Facebook, Twitter, Instagram e, ainda, TikTok. Na primeira, são partilhadas as notícias com a hiperligação de acesso ao site; no Twitter, o leitor depara-se com uma imagem representativa da notícia, o título e, também, o link associado. No Instagram, as publicações são diferentes, já que esta rede social tem moldes específicos. São publicados vários vídeos ou imagens com texto e, nas histórias, existe um acesso facilitado ao site, através do *swipe up*. O TikTok foi a última rede social em que o jornal marcou presença e destaca-se pelos vídeos virais do mundo de desporto.

Recentemente, foi também lançada uma app. Os utilizadores desta aplicação recebem notificações das notícias e, ao clicarem sobre as mesmas, são direcionados para o site ou para a própria app - dependendo da predefinição escolhida – e têm acesso à notícia.

A proximidade com os leitores é, na verdade, uma das bandeiras do projeto. A MF Total surge precisamente nesse sentido, em outubro de 2013, e já conta com quase mil edições. Trata-se de um segmento semanal, onde o leitor se depara com artigos de opinião dos jornalistas,

entrevistas, grandes reportagens e vídeos de assuntos do momento. Em 2016, foi distinguida pelo Prémio Online, nos Prémios CNID, atribuídos pela Associação dos Jornalistas de Desporto.

Tal como a MF Total, também a Newsletter diária tem como objetivo cimentar a relação com o leitor. Todas as manhãs, os leitores inscritos recebem na sua caixa de correio eletrónico as principais notícias e opiniões do dia.

Além das plataformas digitais e online, o *Maisfutebol* marca presença na televisão por cabo. Desde 2009, na TVI 24, às sextas-feiras à noite, Cláudia Lopes apresentava o *Maisfutebol*. A apresentadora foi substituída por Pedro Ribeiro durante um determinado período, mas voltou ao comando do programa. Em março de 2021, a grelha do programa alterou-se e este passou a ser transmitido todos os domingos à noite.

O painel de comentadores da atualidade desportiva - maioritariamente futebolística - é composto por Catarina Pereira (jornalista), Costinha (ex-jogador), Luís Pedro Ferreira (jornalista), Nuno Gomes (ex-jogador), Pedro Ribeiro (diretor de programação da Rádio Comercial), Pedro Barbosa (ex-jogador) e Tomaz Morais (treinador de rugby). Ocasionalmente, alguns convidados marcam presença em estúdio.

O programa na TVI24 também foi distinguido com o Prémio para melhor programa desportivo, em 2010, 2013, 2015 e 2020.

Nos primeiros anos de *Maisfutebol*, nomeadamente a 10 de maio de 2003, o jornal passou para a rádio, num projeto ambicioso que funcionava 24 horas por dia. A emissão estava disponível através do sítio na Internet do *Maisfutebol* e do Cotonete, um portal de rádios online do grupo Media Capital Rádios.

Na rádio, a informação desportiva dividia o tempo de emissão com a música. Apesar de ter estado no ar por apenas um ano, os ouvintes puderam ouvir o relato da Final da Taça UEFA de 2003, em Sevilha, que o Futebol Clube do Porto venceu, diante do Celtic.

No que toca ao papel, o *Maisfutebol* tem feito algumas publicações ao longo dos anos. Durante seis anos, entre 2005 e 2011, publicou anuários da Liga, livros em tom de balanço daquilo que havia passado no campeonato de futebol de cada época. Neste mesmo período, lançaram um livro de abordagem aos Campeonatos do Mundo e da Europa de futebol, que decorrem a cada quatro anos cada.

A revista em papel surgiu na comemoração dos 15 anos do jornal, através da distribuição gratuita da publicação à entrada do Estádio Cidade de Coimbra, na final da Taça da Liga, em 2015. Tratavam-se de 24 páginas, com informações sobre os protagonistas. Desde então, surgiram mais algumas nestes eventos.

O jornalista Rui Miguel Tovar foi o responsável pela publicação de três Almanques sobre a história de Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal.

Além destes livros, o jornal publicou duas edições ilustrativas dos antepassados do Sport Lisboa e Benfica nas provas europeias, intitulado de “Sport EUROPA e Benfica”.

2. EXPERIÊNCIA DURANTE O ESTÁGIO

2.1. Estagiar na redação ou em teletrabalho

Como tive oportunidade de experienciar o trabalho em redação e, também, a partir de casa, pude tomar consciência das diferenças, vantagens e condicionantes entre estas duas formas de produção.

Na redação, houve sempre uma preocupação em não colocar mais do que quatro a cinco pessoas a trabalhar ao mesmo tempo, cumprindo as normas sanitárias impostas pelas autoridades de saúde, bem como manter sempre o uso de máscara. Desta forma, o meu contacto diário com a equipa estava, desde logo, mais limitado.

De manhã, ao chegar à redação, era informado de quem estava a editar nesse dia. Caso fosse alguém em Lisboa, estabelecia contacto com esse colega através de WhastApp. Caso fosse um colega no Porto, bastava comunicar verbalmente as ideias e sugestões que me ocorriam.

Apesar da evolução constante a que temos assistido nas várias formas de comunicação, ainda não há uma aplicação que consiga substituir o poder da comunicação presencial. Além disso, o contacto com profissionais, em alguns casos, com mais de 20 anos de carreira, servia para observar, ver como trabalhavam, tentar fazer o mesmo, pedir conselhos e ser corrigido.

Num dos primeiros dias, por exemplo, entrevistei o treinador Ricardo Sá Pinto através de chamada telefónica para comentar o anúncio da contratação de Marko Grujic pelo FC Porto, visto que o técnico já tinha treinado o jogador no Estrela Vermelha, da Sérvia. No final, os colegas elogiaram o meu trabalho, mas deram também a sugestão de perguntas fundamentais que deveria ter feito e que, em entrevistas futuras, poderia colocar, entre as quais uma história curiosa que tenha ocorrido ao jogador, uma vez que esse tipo de conteúdo é bastante apreciado pelo leitor. Este feedback imediato é fundamental durante todo o estágio e é drasticamente reduzido em regime de teletrabalho.

Tendo entrado em setembro, e tendo em conta que o mercado de transferências foi alargado até ao dia 22, pude vivenciar um dos mais entusiasmantes períodos do futebol e perceber como se trabalha. Tal só foi possível porque estava na redação e consegui observar as abordagens feitas pelos meus colegas aos intervenientes e intermediários nas transferências. Além disso, os últimos dias de mercado são os mais agitados.

As notícias diárias desencadeavam também comentários entre todos na redação e, nestes momentos, foram-me transmitidas algumas histórias que os colegas foram acumulando durante o percurso profissional, e que me ajudaram a perceber como funciona, quer o jornalismo desportivo, quer o negócio em que o futebol se tornou.

Além disso, a presença física na redação possibilitava-me observar a forma de trabalhar dos colegas, quer enquanto personalidades individuais quer enquanto grupo. Consegui perceber as dinâmicas de um jornal, bem como as rotinas. Por outro lado, a partir de casa, perdi essa possibilidade.

A acrescentar a tudo isto, não podem ser esquecidas as relações interpessoais entre todos os profissionais e que são indispensáveis para manter um bom ambiente de trabalho e, por consequência, um melhor e maior rendimento. As pausas para almoço e lanche são um exemplo disso mesmo. À parte das conversas sobre o trabalho diário, também tínhamos em conta o quotidiano de cada um e fomentávamos a relação pessoal além da profissional.

Quando entrei em teletrabalho, a forma de trabalhar manteve-se, embora tenha começado a utilizar o meu computador pessoal ao invés daquele cedido pelo jornal na redação e produzia os conteúdos a partir da minha secretária, fora de um contexto profissional. O papel do jornalista de secretária, à semelhança daquilo que vem a acontecer ao longo dos anos, voltou a ganhar um novo significado. Sem a possibilidade de nos deslocarmos, salvo em algumas exceções, estávamos cada vez mais agarrados a quatro paredes e afastados do mundo onde toda a ação decorre.

No dia anterior recebia a agenda com a informação acerca dos colegas que estavam a trabalhar no mesmo horário, bem como quem estava encarregado da edição de manhã e de tarde. Encarregava-me de contactar o editor e encaminhava-lhe as notícias que ia pesquisando. Mediante a sua apreciação e caso o parecer fosse favorável, avançava para a escrita e, posteriormente, enviava o texto ao colega que me tinha sido indicado, para que este corrigisse o artigo.

Com as ferramentas que temos disponíveis no mundo contemporâneo, a comunicação entre duas pessoas a longa distância torna-se rápida, mas não tão eficaz quanto aquela que acontece na redação. Por exemplo, quando estava a redigir um artigo na redação que me suscitava alguma dúvida, bastava pedir ajuda a um colega e esta era instantânea. Já a partir de casa, tinha de enviar uma mensagem ou ligar a um dos jornalistas que podiam estar encarregados de outro artigo nesse momento e, por isso, havia a possibilidade de não receber feedback no momento.

A construção de um texto é afetada, entre outras variantes, pelo ambiente que nos rodeia. Na redação, o barulho de fundo dos cliques nos computadores, das chamadas telefónicas ou da televisão ligada suscitam e motivam a escrita. Já em casa, num ambiente e contexto que nos é confortável e familiar, a parte criativa pode ser deixada de lado, já que não existe incentivo ao nosso redor.

Além disso, não conseguimos ter a perceção acerca do nosso desempenho. Em teletrabalho, é impossível saber o que se passa a toda a hora no jornal, assim como aquilo que pensam do nosso trabalho.

Também os artigos escritos em conjunto exigiram uma adaptação por parte da equipa. Já durante o período de estágio a partir de casa, dois colegas receberam a informação acerca do despedimento de um treinador da Primeira Liga e estavam a ter dificuldades em contactar o assessor de imprensa do clube. Após tomar conhecimento disso, contactei os colegas e indiquei o contacto do diretor desportivo, com quem já tinha falado anteriormente acerca de outros projetos e fui encorajado a avançar para a chamada telefónica. Confirmei a informação e, juntamente com os outros dois jornalistas, decidimos como redigir o texto, através de chamadas telefónicas e troca de mensagens por WhatsApp, visto que os três tínhamos contribuído para apurar a informação.

Apesar de todas as condicionantes que a pandemia colocou, isso também foi útil para estimular algumas competências, desde logo, a autonomia.

Na quarta eliminatória da Taça de Portugal, tive a oportunidade de cobrir dois jogos de futebol em dois dias consecutivos. Um desafio aliciante, mas, em contrapartida, bastante exigente. Devido às restrições das autoridades de saúde, só uma pessoa do jornal podia marcar presença no estádio e, em nome do *Maisfutebol*, estive presente no Penafiel – Sp. Braga e no Felgueiras – Tondela. Apesar do receio inicial quando tomei conhecimento daquilo que teria pela frente, encarei isso como um voto de confiança já que ia deslocar-me sem o acompanhamento de outro colega da redação. Estive sempre em contacto por WhatsApp com um jornalista responsável pelo acompanhamento ao minuto do jogo e realizei uma crónica – entregue logo após o apito final -, marcando também presença nas conferências de imprensa. O acompanhamento ao minuto também costuma ser feito pela pessoa que se dirige ao estádio, mas neste caso a redação optou por me tirar esse peso dos ombros, visto que eram os primeiros jogos que ia cobrir e estaria desacompanhado.

Esse fim de semana de jogos de Taça de Portugal foi um estímulo e serviu para colocar as minhas capacidades à prova, pois tive de preparar as partidas, dirigir-me para locais distantes da minha área de residência, falar com os responsáveis dos clubes nos estádios, descobrir onde ficavam as zonas de imprensa, e enfrentar alguns imprevistos.

Tudo isto contribuiu para que estes trabalhos se tornassem nos mais proveitosos e satisfatórios.

Em contrapartida, outro dos eventos pelos quais estava encarregado de cobrir era o Moreirense-Paços de Ferreira, adiado devido a um surto de Covid-19 na equipa de Moreira e Cónegos e que me retirou a possibilidade de estar presente como jornalista estagiário num jogo da Primeira Liga de futebol.

A falta de motivação e os entraves na comunicação são, assim, as principais condicionantes do teletrabalho no jornalismo. A juntar a estas dificuldades, e enquanto estagiário, o acompanhamento que é disponibilizado também não é o ideal.

Uma das questões que facilitou o período de integração no jornal foi o facto de ter estado presente na redação numa primeira fase. A comunicação com os restantes jornalistas era mais fluída, era alertado para algumas gralhas e erros e aconselhado a fazer pesquisa em determinados sites em detrimento de outros com menor grau de fiabilidade. Além disso, com a experiência que os outros profissionais carregam, iam-me aconselhando em pequenas questões do dia a dia que surgiam. As semanas em que estive em regime de teletrabalho não foram tão ricas deste ponto de vista e sem dúvida alguma a qualidade do trabalho pode ter-se refletido nisso. Ou seja, não estando com os colegas de forma presencial, obrigava a que enviasse o artigo ao editor com um número maior de erros e, por consequência, aumentasse a sua carga de trabalho, o que podia ser evitado caso estivesse a trabalhar ao lado de um colega na redação.

2.2. O contacto com as fontes

Se a relação entre profissionais e colegas foi afetada pela pandemia de Covid-19, assim também aconteceu com o contacto com as fontes e esse constrangimento exigiu a procura de formas diferentes de comunicação. A maior parte dos contactos passaram a ser feitos através de chamadas telefónicas ou plataformas virtuais e os contactos físicos foram reduzidos.

Na primeira entrevista que realizei, ainda no início do estágio e numa altura em que as restrições sanitárias eram menores, desloquei-me a Penafiel para entrevistar o jogador Vasco

Braga. Fui sozinho, cumprindo as normas de distância de segurança. Mais uma vez, deparei-me com algumas situações inesperadas. A entrevista com o jogador estava prevista para o final do treino e, por culpa da preparação do jogo que se avizinhava, a sessão matinal demorou mais do que previsto. Por isso, tive de esperar cerca de uma hora e meia até me sentar à mesa com o entrevistado. Por outro lado, como tive de acompanhar boa parte do treino, pude observar tudo o que se passava ao redor, como por exemplo a presença de adeptos, algo que impossível caso a entrevista tivesse decorrido através de chamada telefónica ou plataformas virtuais.

Também na segunda entrevista, com o antigo jogador e atual treinador das camadas jovens do Rio Ave, Fábio Faria, optámos pelo contacto presencial, que claramente valoriza o conteúdo final. O jornalista deve deslocar-se ao local do acontecimento, de forma a presenciá-lo e poder descrevê-lo baseado na observação direta. Neste caso, a reportagem prendia-se com um pavilhão de padel e era imperativo deslocar-me ao local, já que pude testemunhar algumas obras que estavam a decorrer, as dimensões do espaço e todas as características que o compõem.

Já noutra entrevista, com Zezinho, jogador do Sporting Braga sub-23, a conversa decorreu no último mês de estágio em que as indicações das autoridades de saúde eram mais restritas. Por isso, a entrevista realizou-se a partir da plataforma Zoom, para evitar possíveis contágios.

Nestes três casos, o contacto com os diretores de comunicação foi feito por mim, ainda que com autorização do orientador do estágio. Eis mais uma oportunidade de fomentar o lado autónomo do meu trabalho. Além disso, estive sempre sozinho e a preparação das entrevistas ficou inteiramente a meu cargo, apesar de o produto final ter sofrido sempre algumas alterações por parte do editor.

Logo num dos primeiros dias de estágio, uma fonte havia-me informado de uma notícia relacionada com um surto de Covid-19 num dos clubes do primeiro escalão e precisei de confirmar isso junto de fonte oficial do clube. Este é, de resto, um procedimento habitual no *Maisfutebol* e, aliás, bastante elogiado pelos clubes. No jornal, é imperativo verificar a veracidade da informação junto de fonte oficial da instituição em causa e só depois se poderá publicar alguma coisa.

No caso acima descrito, o assessor de imprensa do clube não confirmou a informação e deparei-me com alguma dificuldade para redigir o artigo. À medida que o tempo passava, a fonte junto do clube nunca desmentiu a informação, mas preferia remeter a confirmação para um futuro comunicado que de pouco me valeria mais à frente. Assim, e como tinha confirmado a veracidade

do surto junto do contacto que me havia transmitido a informação, fui aconselhado pelos colegas de redação a avançar para a construção da notícia. Poucos minutos depois de ter sido publicada a notícia, surgiu o comunicado do clube que veio validar a mesma. Neste caso, foi fundamental a confiança que depositava na minha fonte e que me permitiu avançar com total responsabilidade e certeza para a construção da notícia.

Num negócio como o do futebol, que, além de fatores económicos, envolve também várias questões emocionais, é necessário ter uma relação com a fonte pautada pelo respeito e confiança, nunca esquecendo os possíveis interesses que esta possa ter em que algo seja publicado.

Seguindo as regras do jornalismo e também aquilo que fui aprendendo ao longo do meu percurso académico, procurei sempre ouvir os dois lados de uma história e contrastar as versões. Como indica o Código Deontológico dos Jornalistas, o profissional deve “procurar a diversificação das suas fontes de informação e ouvir as partes com interesses atendíveis nos casos de que se ocupem”.

Depois de ter sido contactado por um empresário que acusava o Sporting de Braga de falta de pagamento de salários e entraves na saída do jogador Eduardo Teixeira, que este representava, tive de confrontar fonte oficial do clube com esse dado. Prontamente o clube desmentiu a informação e apurei também novos factos junto desta fonte oficial, pelo que tive de voltar a contactar o agente para o confrontar com a nova informação que acabara de recolher. Este processo, além de demorado, exigiu que gravasse as chamadas telefónicas, dado que não pude falar com nenhum dos intervenientes presencialmente. No final, publiquei as duas versões da história, o que tornou o produto final muito mais rico.

Durante o período de transferências, também fui confrontado com várias informações, algumas corretas, outras que não passaram de meras especulações. Neste segmento, foi fundamental a ajuda dos profissionais mais velhos, visto que era a primeira vez que enfrentava um momento deste género.

É importante sabermos a qualidade das nossas fontes e termos convicção de que nos transmitem informação válida. Depois, o que nos chega de outras formas necessita de ser confirmado, quer junto dos clubes ou de fontes próximas dos processos de transferência. Neste período a proliferação de fake news é uma realidade, sobretudo na rede social Twitter, que é muitas vezes uma ferramenta útil, mas que também se pode revelar traiçoeira. Além disso, há

muitos interesses envolvidos nas transferências, que incluem as três partes: clube, jogador e respetivos representantes. Ora, muitas vezes uma destas partes procura “plantar” notícias, de forma a inflacionar o valor da transferência ou motivar interesse junto de um clube. Por estas razões elencadas, este período exige uma atenção especial sobretudo na verificação das fontes e veracidade das notícias.

Uma dificuldade que enfrentei, por exemplo, foi a contratação de um jogador iraquiano por parte de um clube português. A imprensa daquele país dava conta do negócio, mas a barreira linguística e a falta de contactos no Iraque revelaram-se um entrave que não permitiu confirmar a transferência.

Outra das questões que a pandemia de Covid-19 veio desencadear foram os casos positivos de infeção pelo novo coronavírus nas equipas de futebol. Estas informações tinham de ser tratadas de forma especialmente cuidada, isto porque afetavam a saúde dos jogadores e, em alguns casos, estes não queriam que a sua identidade fosse revelada. Daí muitas vezes as notícias apontarem para a existência de um certo número de infeções em determinado clube, sem que o nome dos jogadores aparecesse discriminado.

No contacto com alguma fonte, sempre me identifiquei como jornalista e não como estagiário, para evitar possíveis omissões de informação ou que a fonte não revelasse conteúdo que pudesse ser importante. Esta indicação foi-me transmitida desde o início do estágio, pois é também política do jornal.

Relativamente às fontes, como jogadores, treinadores, empresários, dirigentes ou, até, antigos profissionais, foi-me colocada à disposição uma lista de contactos do jornal. Desde o começo do estágio, sempre me incentivaram a solicitar os contactos que fossem necessários para determinado trabalho, visto que o *Maisfutebol* possui um vasto arquivo de contactos.

O período de três meses no jornal serviu ainda para alargar a carteira de contactos e de fontes, que poderão ser proveitosas no futuro. Com algumas delas, cimentei a relação que tinha, enquanto com outras tive de estabelecer contacto desde a estaca zero. Sempre procurei não estar dependente de nenhuma fonte, embora reconheça que seja difícil, sobretudo quando a informação que recebemos à priori é escassa. Ainda assim, é primordial distanciarmos o plano profissional da relação de amizade e encontrar um equilíbrio que não nos cause constrangimentos durante o processo de recolha de informação, construção do texto e publicação da notícia.

A profissionalização das fontes de comunicação no futebol tem sido uma realidade dos últimos anos. Consegui perceber que é uma barreira ao trabalho jornalístico. Com a evolução do desporto, agora interpretado como negócio, os clubes são criteriosos na escolha do momento em que determinado jogador pode ser entrevistado, quantas perguntas se podem colocar ou que tipo de perguntas podem ser colocadas e quais os temas que não podem ser abordados. Isto porque o clube teme que certas declarações possam afetar a sua imagem, podendo, inclusivamente, conduzir à perda de receitas.

A pouco tempo do término do estágio, um colega de redação sugeriu-me entrevistar um jogador que estava de regresso ao futebol português depois de ter representado Benfica e Sporting. Por estar, atualmente, a jogar num clube da segunda divisão, era interessante perceber o que motivou o jogador a aceitar este desafio. Contactado o departamento de comunicação do clube em causa, a entrevista foi aceite, mas não autorizada naquele momento. Ou seja, como o jogador estava a ser bastante solicitado para falar com a imprensa, os dirigentes entenderam que era melhor retardar a entrevista de forma a evitar um possível mal-estar dentro do balneário, uma vez que os restantes jogadores não falavam tantas vezes com a imprensa.

A relação dos jornalistas com os principais intervenientes do desporto, ou seja, os atletas, tem-se pautado pela distância. Se há alguns anos era comum um jogador ser entrevistado à saída dos treinos, num parque de estacionamento, sem qualquer consulta prévia de alguém do departamento de comunicação do clube, agora tal é impossível. Os profissionais estão mais resguardados e o aparecimento da figura de assessor de imprensa veio condicionar o trabalho do jornalista.

A entrevista a Fábio Faria, por exemplo, decorreu durante a semana que antecedeu o jogo entre Rio Ave e Benfica e a assessoria de imprensa do clube de Vila do Conde não permitiu que esse jogo fizesse parte do leque de perguntas ao entrevistado. Nesta entrevista, à semelhança do que aconteceu também com aquela que fiz a Zezinho, ambos os assessores de imprensa dos clubes marcaram presença e assistiram à conversa até ao final.

As conferências de imprensa são também o espelho da dificuldade que os jornalistas têm em ouvir os treinadores. No jogo entre Trofense e Sporting de Braga, só foram colocadas três perguntas ao treinador da equipa visitante, uma vez que o assessor de imprensa não permitiu um maior número de questões. A televisão oficial do clube foi o primeiro órgão a questionar o técnico,

seguida de dois jornalistas que o assessor indicou. Assim, fiquei sem a possibilidade de confrontar o treinador com alguns factos do jogo e que seriam importantes para a redação do texto.

Este papel dos órgãos oficiais do clube tem substituído a função dos jornalistas. Os clubes lançam conteúdos exclusivos com os jogadores e treinadores, como entrevistas e vídeos, direcionados para o seio do clube e adeptos. Desta forma, controlam a mensagem e protegem-se de possíveis danos.

2.3. Contexto editorial e aspetos diferenciadores do jornal

Apesar de ter escolhido o *Maisfutebol* para local de estágio por ser leitor assíduo e estar familiarizado com o tipo de conteúdos, uma das preocupações principais antes de estagiar prendia-se com a forma de trabalhar desta empresa jornalística, nomeadamente, o filtro de notícias e o contexto editorial.

Na redação, foi-me disponibilizado, desde o primeiro dia, um perfil do site da agência Lusa e indicaram em que secção podia encontrar as notícias de desporto. De seguida, aconselharam-me também a abrir cerca de 10-15 páginas dos principais jornais estrangeiros especializados. Estes eram os principais sítios de recolha da informação do dia e que serviam como base para o fluxo diário de notícias do site.

No início, é difícil ter a perceção daquilo que é relevante ou não, mas, à medida que o tempo passa, a experiência aumenta e tomamos consciência do que interessa ser publicado e o que é menos importante. Assim, também facilitamos a tarefa do editor.

As primeiras semanas serviram, então, para me adaptar ao jornal e perceber de que forma se organizava e funcionava a redação. Encarei esta fase como uma observação em andamento, já que a carga de trabalho foi mais leve e não estive sujeito a grandes responsabilidades, mas tinha de produzir conteúdos de forma regular e diária. Ainda assim, com a redação a funcionar a meio gás, nunca pude constatar como funcionaria caso não estivesse limitada pelas restrições impostas pelas autoridades de saúde.

Este tempo serviu também para me adaptar à «linguagem do jornal». Isto é, perceber o tipo de histórias que se procuram e o perfil do consumidor do *Maisfutebol*. O cariz humano de cada história está bem vincado e a revista *MFTotal*, onde foram publicadas as minhas reportagens, caracteriza-se por isso mesmo.

Além disso, levei algum tempo a assimilar algumas das questões do livro de estilo do jornal, nomeadamente aquelas relacionadas com o nome dos clubes ou os resultados. No *MaisFutebol*, a abreviação de Sporting de Braga é «Sp. Braga». Também o Vitória Sport Clube é denominado Vitória de Guimarães.

A partir deste período inicial, foram-me propostas algumas tarefas de maior grau de dificuldade e fui desafiado a apresentar, de forma regular, temas para possíveis entrevistas ou reportagens.

O aspeto diferenciador do jornal não se esgota apenas na procura fontes oficiais dos clubes e confirmar a veracidade de todas as informações. Muito do conteúdo que pode ser encontrado nos restantes sites e jornais desportivos não tem lugar no *Maisfutebol*.

Os *fait divers*, por exemplo, não são tema de interesse, ao contrário do que acontece em alguns órgãos concorrentes, fundamentalmente por uma questão de audiência. Este tipo de conteúdos é muito procurado por alguns media para cativar o leitor, pois são de “clique fácil”, por tratarem temas próximos do consumidor, factos curiosos ou inusitados. As namoradas ou os carros de cada jogador são alguns dos exemplos mais frequentes nestas secções, embora não sejam parte integrante da política editorial do *Maisfutebol*.

Os rumores também não cabem na linha editorial do jornal, assim como declarações polémicas de dirigentes, por exemplo acerca de arbitragens, que servem exclusivamente para inflamar o ambiente em redor do desporto. Desta forma, pode-se fazer jus ao nome do jornal e falar “mais de futebol” e menos acerca daquilo que o rodeia e ocupa um papel secundário.

Desde o começo, também fui alertado para a necessidade de procurar vídeos ou áudios que atestassem a veracidade daquilo que estava publicado na imprensa estrangeira, quando o órgão não fosse fidedigno ou tivesse tendências sensacionalistas. Tal como deveria acontecer em todas as redações, o combate ao sensacionalismo integra a política do *Maisfutebol*, embora reconheça que nem sempre é fácil balancear a necessidade de visualizações, falta de tempo e de recursos com a intenção de informar com o maior rigor.

Sendo um jornal online e não havendo a preocupação de terminar certas peças para publicar na edição do dia seguinte, os trabalhos também se tornam mais ricos pois os profissionais têm tempo para pesquisar informação, recolhê-la, entrevistar, redigir, rever e só depois publicar.

Tive tempo para me dedicar exclusivamente às reportagens que realizei, visto que foram publicadas na *MFTotal*, lançada todas as sextas-feiras. Depois de ter contactado os entrevistados, tinha alguns dias para redigir o texto e entregá-lo ao responsável pela revista, para que este pudesse rever e dar-me orientações. Este tempo para trabalhar, uma característica nada habitual no jornalismo atual, foi precioso.

Ainda assim, não pode ser esquecido o facto de que o imediatismo e a necessidade de ser o primeiro a noticiar algo têm muito relevo no jornalismo online e pode afetar a construção dos artigos.

No *Maisfutebol* existe, sobretudo, uma necessidade de marcar o que se faz pela diferença face aos concorrentes. As notícias da agência Lusa são fornecidas a todos e publicadas em grande maioria dos casos sem qualquer revisão, ao contrário do que acontece no *Maisfutebol*. Por exemplo, as notícias recolhidas junto da agência Lusa eram reescritas, até para adaptá-las ao estilo do jornal. Tal sucedia sobretudo nas peças acerca das conferências de imprensa em que ninguém tinha marcado presença devido às restrições e constrangimentos provocados pela Covid-19. Outros órgãos têm uma forma diferente de trabalhar e optam por fazer “copy-paste” da notícia da agência, ao invés de a ler, desconstruir e refazer.

Numa época em que as redes sociais são o principal veículo das informações, as notícias também são elaboradas a pensar na reação do leitor. No jornalismo online, acontece por diversas vezes estarmos a construir o texto e imediatamente a pensar no impacto que terá no consumidor, os tipos de comentários que vai gerar nas redes e a forma como estes vão interagir com o jornal.

2.4. Adaptação ao mundo profissional: uma nova realidade

A experiência de estágio no *Maisfutebol* foi o contacto mais próximo que estabeleci com o jornalismo desportivo num âmbito profissional. O receio e ansiedade que tomam conta de nós na antecâmara desta aventura esbatem-se com a vontade de conhecer, perceber e procurar a imediata integração neste meio.

Desde logo, estes três meses serviram para colocar em prática alguns dos conteúdos aprendidos durante o percurso académico e ser confrontado com realidades da sociedade contemporânea, como o clickbait.

Durante o processo de construção da notícia, temos de balancear vários fatores, sobretudo no que concerne ao título, isto porque este segmento vai acompanhar um link que dirige o

utilizador para o resto do artigo. Na procura de um título apelativo, somos confrontados com a necessidade de captar a atenção do leitor, mas sem enveredar pelo sensacionalismo.

Esta, de facto, foi uma das dificuldades que senti, sobretudo no que diz respeito às foto galerias e vídeos. A procura pelo lado mais criativo que este tipo de conteúdos exige foi sempre acompanhada do receio de desvirtuar o sentido de uma notícia. Esta barreira só é ultrapassada com o tempo, experiência e, está claro, a ajuda dos colegas mais experientes.

Outra dificuldade prende-se com o limite máximo de caracteres. No que diz respeito aos títulos, a barreira estava fixada em 70, também para cumprir certos pressupostos das redes sociais, o que por vezes dificulta a tarefa ao jornalista. Em alguns dos casos, existe receio em não transmitir a ideia correta no título em virtude do limite de caracteres que é colocado. Por diversas vezes vi-me obrigado a reescrever títulos, pois excedia esse limite e, noutras, o produto final ficava aquém daquele que tinha idealizado ou, até, da mensagem que primeiramente desejava transmitir.

Já no que toca às entrevistas e reportagens que fui realizando, nunca me foi imposto um limite. Esta é também uma característica do *Maisfutebol*. Não sendo um jornal impresso e estando exclusivamente disponível nas plataformas online, não existe limites à capacidade criativa do jornalista quanto ao corpo do texto.

Ainda assim, procurei não realizar textos extensos e com uma carga de palavras excessivas que pudesse cansar o leitor, que não quer perder largos minutos a ler.

O *Maisfutebol*, tal como o próprio nome indica, dedica-se sobretudo ao futebol, mas também abrange outras modalidades. A experiência de estágio serviu para estimular a procura de conhecimento acerca de outras modalidades, quer pela necessidade de saber sobre aquilo que escrevia, quer pelo interesse que as notícias que ia redigindo provocavam. Ainda assim, o gosto pessoal que nutro pela NBA e Fórmula 1 revelou-se importante para escrever artigos acerca destes dois desportos. A carga informativa destas modalidades também foi maior, isto porque o estágio coincidiu com as finais dos play offs do basquetebol dos Estados Unidos da América e ainda com a presença do desporto automóvel no Circuito de Portimão. Neste contexto, havia maior valor noticioso.

Este é, de facto, um dos problemas do jornalista desportivo: apesar de integrar uma área especializada do jornalismo, o profissional não consegue ter um conhecimento profundo de cada

modalidade. O jornalista desportivo é especializado, mas não pode ser um especialista em todos os desportos e, como tal, não sou exceção.

Apesar de ser estagiário, integrei-me na equipa e era encarado como mais um elemento disponível para trabalhar. Isto facilitou a adaptação ao mundo profissional e fez com que estivesse melhor preparado para enfrentar algumas adversidades.

No primeiro jogo que cobri, por exemplo, os onze iniciais das equipas não foram disponibilizados e tive de procurar identificar os jogadores no aquecimento. Para isso, abordei um colega de outro órgão de comunicação e, em conjunto, identificamos as equipas que iam perfilar no relvado.

Já o segundo desafio, que opôs o Felgueiras ao Tondela, deparei-me com algumas situações caricatas. Quando cheguei, e após solicitar a minha credencial, fui encaminhado pela organização a uma das bancadas. Ora, esta bancada tratava-se de uma zona para adeptos e, em conjunto com um colega de outro órgão de comunicação, demos conta de que a área relativa à imprensa se encontrava no lado oposto. Entretanto, tive de pisar o relvado e atravessar até ao outro lado para me instalar e colocar mãos à obra. Já na zona de imprensa, pude testemunhar a comunhão e entajuda que existe entre jornalistas. Um colega de rádio, a narrar o jogo sozinho, ia solicitando algumas informações acerca do mesmo enquanto a bola rolava e, entre as tarefas que tinha a desempenhar e o foco na partida, procurei ajudá-lo em questões relativas a cartões e substituições.

As minhas motivações pessoais e o entusiasmo aumentavam quando me sugeriam trabalhos que teriam maior impacto. A presença de artigos redigidos por nós na capa do site do jornal, que integra os destaques, era um combustível para a continuação do trabalho e contribuía para que me sentisse um jornalista desportivo como os restantes colegas. A carga de trabalho diário era também um fator motivador. Escrevia cerca de 10 a 15 notícias, mas, apesar da quantidade, o cuidado em tratar o texto nunca foi deixado de lado.

O contacto com o mundo de trabalho e mais concretamente com o jornalismo desportivo, permitiu-me alargar horizontes, entender determinadas situações e ficar a conhecer, por exemplo, algumas jogadas de bastidores de clubes, jogadores, empresários e diretores. Além disso, a experiência serviu para entrar no mundo profissional e adquirir as bases que me possibilitem estabelecer e continuar o percurso no jornalismo desportivo.

3. A COMUNHÃO DO JORNALISMO COM A ERA DIGITAL

Desde os primórdios, o jornalismo tem-se adaptado ao meio em que está inserido e encontra-se estritamente ligado aos métodos de difusão do mesmo. Aconteceu com o jornalismo escrito, radiofónico, televisivo e, nos últimos anos, tem vindo a suceder nas plataformas digitais. Com o desenvolvimento das novas tecnologias e das formas de comunicar na sociedade, o jornalismo teve de se reinventar e adaptar. Desde logo, o aparecimento da World Wide Web em meados dos anos 90 foi um fator determinante para mudar o trabalho nas redações. Esta rede, acessível através da internet, é um serviço de informação em formato de hipertexto que integra imagens, vídeos e sons.

Os órgãos de comunicação já tinham penetrado na Internet, que existia desde 1969, mas foi no final da última década do séc. XX que afirmaram a sua presença online e a web foi um dos impulsionadores. A World Wide Web deu formas gráficas à rede mundial Internet e possibilitou que o jornalismo enveredasse pelo caminho da Revolução Digital que dava aí os primeiros passos. Antes mesmo da afirmação da web, os media recorreram às tecnologias que estavam à disposição para distribuir notícias, como foi o caso dos projetos de videotexto, teletexto ou BBS (Bulletin Board Systems), embora sem o mesmo sucesso (Alves, 2006, p.93). Os primeiros tempos da presença na web dos jornais tradicionais pautaram-se por um modelo limitado e em muito parecido ao impresso. A página inicial era semelhante à primeira página do jornal e o texto predominava, já que os media não potenciavam as características que as plataformas online ofereciam.

Segundo Rosental Alves, “em vez de ver a web como um novo meio, com características próprias, as empresas tradicionais encararam-na como uma nova ferramenta para distribuir conteúdos, originalmente produzidos noutros formatos”. Raras eram os casos em que se encarava “a presença na Internet como uma extensão ou um complemento do produto tradicional”. O autor acrescenta ainda que “assim como o rádio, nos seus primórdios era o ‘jornal falado’ e a televisão era ‘o rádio com imagem’, os meios tradicionais simplesmente levaram para a Internet os seus códigos comunicacionais ou linguagens e, principalmente, a linguagem do jornal diário” (Alves, 2006, p.94).

Depois desta fase inicial, alguns dos conteúdos publicados na web passaram a ser exclusivos online e já integravam hiperligações, aplicações interativas e ainda, em alguns casos, fotos, vídeos ou sons (Canavilhas, 2005, p.2) Mais tarde, todas as potencialidades do online foram sendo aproveitadas, com os jornalistas a conseguirem tirar partido do que de bom a web oferecia.

Canavilhas designa este estágio de webjornalismo, caracterizado “pela produção de informação de cariz noticioso com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, imagens - estáticas ou em movimento - e hiperligações, tudo combinado num todo coerente, interativo, aberto e de livre navegação para os utilizadores”.

A internet veio romper as limitações de espaço e tempo e ofereceu um alcance global que a rádio e a televisão não conseguiam proporcionar até então. Estes meios, para Alves, acrescentaram apenas “um canal sensorial à comunicação existente: o sentido da audição, no caso do rádio, e o da visão, no da TV”. Assim, entende o autor, a internet tem-se afirmado como “a ponta do iceberg de uma revolução muito mais ampla e profunda do que foi o nascimento dos meios de comunicação de massa. A Internet é apenas a parte mais visível e popular da Revolução Digital que está a criar a Sociedade da Informação” (Alves, 2006, p.95).

Este paradigma, relacionado com a facilidade de acesso e partilha de informação por qualquer indivíduo, sem barreiras e fruto dos avanços tecnológicos, pode, ainda que pareça paradoxal, enaltecer o trabalho de jornalista. O acesso universal e imediato a conteúdos informativos, aliado ao aumento do volume dos mesmos, exige que o jornalista tenha de assumir a responsabilidade social de, como mediador de informação, garantir critérios de credibilidade, relevância e rigor. Apesar de todos poderem ser produtores e consumidores de notícias, cabe aos jornalistas, através da recolha, tratamento e disseminação das matérias informativas, evitar a dispersão do público (não focar no acessório, mas no que é relevante), pouca viabilidade das fontes ou dados manipulados.

3.1. As potencialidades das plataformas digitais

A difusão das notícias começou a ser feita através de um novo meio – a web – e, por consequência, a forma como os jornalistas trabalham a narrativa jornalística também se alterou, de modo a tirarem o máximo proveito das ferramentas do online. Tal como sucedeu com o jornalismo escrito, o jornalismo radiofónico e o jornalismo televisivo, o jornalismo online também introduziu novas rotinas e linguagens jornalísticas (Canavilhas, 2003, p.1). Desde logo, o fim das limitações de espaço possibilita que o jornalista desenvolva e aprofunde o seu trabalho, ao poder integrar outros ficheiros que sirvam como comprovativo daquilo que transmitiu (Martins, 2013, p.7).

Outra diferença entre o jornalismo nas plataformas online e impresso relaciona-se com a estrutura da peça. Enquanto, no papel, o jornalista orienta-se segundo a lógica da pirâmide

invertida - fruto do espaço limitado que obriga a seguir uma estrutura para o rentabilizar - alguns autores, como Canavilhas, defendem que “usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercar o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (Canavilhas, 2006, p.7).

De acordo com Ramón Salaverría, os meios online oferecem flexibilidade aos jornalistas que lhes “permite organizar as informações de acordo com as diversas estruturas hipertextuais. Cada informação, de acordo com as suas peculiaridades e os elementos multimédia disponíveis, exige uma estrutura própria” (Salaverría, 2005, p.108).

No online, o leitor opta por não seguir um registo de leitura rígida e linear e “constrói” a própria pirâmide, podendo aceder a várias hiperligações e conteúdos disponibilizados no interior da publicação. Tal só é possível graças ao hipertexto, que se relaciona com os links disponibilizados, que muitas vezes integram material de arquivo dos jornais. Este arquivo online acumula informação noticiosa e outros conteúdos anteriormente publicados e funciona num espaço ilimitado de acesso fácil e rápido. Esta memória cumulativa pode ser utilizada para comparar um acontecimento atual com um evento passado ou servir para desconstruir e voltar a construir, com recurso a novos factos, esses mesmos eventos (Palacios, 2014, p.93).

A principal marca diferenciadora do jornalismo online face àquele que é feito noutra meio ou suporte prende-se com a multimedialidade, que Salaverría define como “a combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem” (Salaverría, 2014, p.30). Este conceito corresponde à capacidade de convergir texto, som e vídeo que ganhou uma nova dimensão com as plataformas online.

É certo que, exceção feita aos primeiros tempos, em que tinha um cariz monomédia por só utilizar linguagem textual, o jornalismo impresso já utilizava fotografias ou mapas. Também o jornalismo televisivo conjugava imagens com texto e sons. Contudo, foi na web que o uso de elementos visuais, textuais e gráficos deu um salto qualitativo, o que permitiu “oferecer um produto completamente novo: a webnotícia” (Canavilhas, 2003, p.1).

A possibilidade de interação com o jornalista é outra das vantagens mais exploradas pelo jornalismo na web. Ao contrário do que acontecia nos media tradicionais, na web o recetor tem um papel ativo e estabelece uma relação com o profissional.

Na imprensa, o leitor pode entrar em contacto com o jornalista e recorrer à Lei da Imprensa¹ para que a sua resposta seja publicada numa edição seguinte. Já a presença dos media na Internet oferece a possibilidade de uma relação imediata e contínua entre jornalista e leitor, ou seja, entre emissor e recetor (Canavilhas, 2003, p.2). Isto deve-se à presença das caixas de comentários no final de cada publicação. Para o autor, “no webjornalismo, a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria, deve funcionar apenas como o ‘tiro de partida’ para uma discussão com os leitores” (Canavilhas, 2003, p.3).

Também Martins refere que “é no mundo online que os conteúdos noticiosos ganham outra dimensão. Deixam de ser apenas factos apresentados e lidos pelos leitores e passam a ser alvo de discussão pelos utilizadores em rede que partilham e comentam as informações” (Martins, 2013, p.6).

Ainda que com as devidas diferenças, o jornalismo transportou a rádio e a televisão para a web. O som ou a imagem em movimento captados no local do acontecimento legitimam a informação, transmitem emoções e são uma garantia de credibilidade e veracidade, o que agradará ao leitor, já que o público alvo do jornalismo online é exigente e procura objetividade e rigor. No caso específico do uso de imagens em movimento, como na televisão, o jornalista transmite que esteve no local e “viu com os próprios olhos”, possibilitando que o leitor também possa ver o que se passou como se estivesse presente no local do acontecimento.

Outra das vantagens do jornalismo online em relação aos meios convencionais prende-se com a instantaneidade. Ao invés de ter de esperar para ler o jornal do dia seguinte ou assistir/ouvir os noticiários diários na rádio ou televisão, o utilizador pode manter-se a par da atualidade através da web, que fornece informação em tempo real.

Esta característica faz com que, muitas vezes, as notícias sejam publicadas com um apontamento de que aquele conteúdo está “em atualização”. Mais tarde, após apurar toda a informação, o jornalista acrescenta-a àquela previamente publicada.

¹ Lei n.º 2/99 - Diário da República n.º 10/1999, Série I-A de 1999-01-13.

“Artigo 24.º Pressupostos dos direitos de resposta e de retificação

1 - Tem direito de resposta nas publicações periódicas qualquer pessoa singular ou colectiva, organização, serviço ou organismo público, bem como o titular de qualquer órgão ou responsável por estabelecimento público, que tiver sido objecto de referências, ainda que indirectas, que possam afectar a sua reputação e boa fama (...)”

A personalização é outra potencialidade associada ao jornalismo na plataforma digital e tem que ver com a capacidade que o utilizador tem em configurar a página de um jornal – através de *cookies* - e definir quais os conteúdos a que quer ter acesso ou de que forma a informação é recebida e apresentada, de acordo com os seus interesses pessoais. São exemplos disso as notificações e alertas noticiosos, bem como as newsletters que cada utilizador recebe por e-mail.

Os media, nas plataformas online, têm também um carácter ubíquo. Isto é, qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, pode aceder a uma rede em tempo real e contribuir com a partilha e fornecimento de conteúdos, participando, assim, na distribuição global de informação (Pavlik, 2014, p.60).

3.2. Obstáculos que se erguem e reconfiguram o perfil de jornalista

Fruto do surgimento e posterior evolução das plataformas digitais, assistiu-se a uma mutação da paisagem mediática, com alterações relevantes ao nível dos consumidores, mas também dos produtores de notícia (Neto, 2017, p.111). Desta forma, a profissão de jornalista adaptou-se a um novo contexto e os profissionais renovaram-se, tendo incorporado determinados traços distintivos (Santos, 2011, p.208), devido às novas ferramentas disponíveis, tipos de linguagem e rotinas de produção.

O jornalista passou a estar inserido num ambiente que se preocupa mais com questões técnicas do que propriamente jornalísticas, como o tratamento e edição de imagens, vídeos e sons e a gestão das redes sociais ou até das caixas de comentários. Assim, fica limitado, ao nível de tempo disponível para recolher informação pelos seus próprios meios, seleccioná-la, redigi-la, colocá-la em contexto, preparar os seus textos ou montar as suas peças (Bastos, 2012, p.2). Muitas vezes, estes profissionais remetem-se a tarefas de “copiar e colar” em vez de produzirem conteúdo original, por culpa dos constrangimentos que o imediatismo do online implica. Assim, a verificação dos factos, pesquisa, cruzamento de informação e contraste de fontes diminuem drasticamente.

Para o autor, está em voga o modelo de “dar primeiro e confirmar depois”. Ora, a maioria da informação divulgada nas *breaking news* chega através das agências noticiosas e são validadas sem sequer existir uma verificação prévia.

É aqui que o tradicional papel do jornalista como um *gatekeeper* é fortemente afetado. Num tempo em que qualquer um pode ser produtor e disseminador de informação, o jornalista

arrisca-se a perder poder como personagem que filtra os conteúdos e é, portanto, quem “avalia, destaca e publica informação relevante, selecionada através de fluxos de consciência social” (Neto, 2017, p.135). Emerge, assim, o conceito de *gatewatcher*, dado que os jornalistas partilham um diverso conjunto de informações oriundas dos processos de filtragem promovidos pelas plataformas sociais. Estas “redes sociais de media alteram a forma como as notícias são recolhidas e pesquisadas” (Neto, 2017, p.135). Ou seja, em vez de se guiar pelos tradicionais valores-notícia, o jornalista publica a notícia em função daquilo que vai gerar maior feedback junto dos leitores.

Até aqui, o jornalista passava mais tempo na redação do que no exterior. Agora, essa particularidade acentuou-se. O sedentarismo impera no jornalismo online e, desde a recolha de dados até ao contacto com as fontes, quase todo o processo decorre a partir da secretária e dos dispositivos tecnológicos. Tal como Bastos refere, “trabalhos de maior fôlego, que, por norma, exigem grande dispêndio de tempo, como acontece na reportagem de investigação, tornam-se quase uma miragem para o ciberjornalista” (Bastos, 2012, p.2). A produção jornalística é, em certa medida, afetada, já que o jornalista não vai para o terreno nem testemunha presencialmente o acontecimento, o que limita a visão que tem do mesmo.

A interatividade, apesar de todas as vantagens que acarreta, também pode afetar o trabalho do jornalista, na medida em que um leitor pode contactar o profissional e levantar certas questões que, caso não sejam esclarecidas, podem guiar à insatisfação do mesmo e condicionar a produção jornalística.

A liberdade de que o leitor goza aquando da leitura da notícia retira algum controlo ao jornalista e pode gerar entendimentos diferentes dos pretendidos, uma vez que, em muitos dos casos, nem sequer são lidas na totalidade (Menezes, 2015, p.14).

O jornalista online tende a preocupar-se com outros fatores, tais como a instantaneidade, a adaptação e tratamento de conteúdos, a formatação, a distribuição multiplataforma, a monitorização, a concorrência e a produção multimédia (Bastos, 2012, p. 5).

Ivo Neto elenca algumas particularidades que o ambiente informativo mais tecnológico acrescentou ao dia a dia dos jornalistas.

O papel do jornalista é atualmente confrontado com um conjunto de variáveis das quais se podem destacar: a abertura do acesso para todos das redes informativas; a possibilidade extensiva de

distribuição e produção de conteúdo informativo; o potencial interativo que diferencia a atual relação entre criador e receptor daquela que existia nos ambientes tradicionais do *broadcast*, caracterizada por um perfil unidirecional; o perfil multimidiático que permite a mistura de diferentes conteúdos, numa lógica de convergência. A juntar a estes elementos, temos as novas tecnologias de informação móvel que permitem a qualquer utilizador receber e enviar informação de um qualquer lugar. (Neto, 2017, p.111)

Exemplo disso são os blogues ou microblogs, como o Twitter, que não garantem ao jornalista que este seja o primeiro a informar sobre determinado assunto (Neto, 2017, p. 120). Ainda assim, o jornalista mantém uma posição de soberania, na medida em que “desempenha um papel que não pode ser entregue aos cidadãos” (Neto, 2017, p. 127), isto é, o de verificação da informação. A rapidez e imediatismo que acompanham o jornalismo online não se podem sobrepor à necessidade de filtrar o essencial - afastando-o do acessório - apurar a verdade e combater o rumor.

A falta de recursos humanos e técnicos nas redações, aliada à competitividade existente no seio do jornalismo online, exige aos jornalistas que façam mais com menos, ou seja, produzam mais conteúdo com menos recursos. Ora, desta forma, o produto final não cumpre os requisitos de rigor e objetividade que são exigidos e aumenta o seu carácter supérfluo.

As plataformas digitais, nomeadamente as redes sociais, têm também conferido um perfil mais pessoal ao jornalista. As oportunidades proporcionadas pelo ambiente digital permitem a “qualquer jornalista desenvolver uma relação próxima dos seus seguidores, quer a comentar assuntos da atualidade, como acontecimentos da sua vida pessoal” (Neto, 2017, p.129). Assim, “quase como uma marca própria, os jornalistas conseguem distanciar-se do meio para o qual trabalham”. Através do uso de uma “conta individual em vez da institucional”, o jornalista cria “uma marca pessoal” nas redes sociais (Neto, 2017, p.30). Tal como o autor salienta, redes como o Twitter são encaradas como um espaço onde o profissional pode alcançar o reconhecimento dos pares e do público, já que a conjuntura atual possibilita pouco espaço a quem se encontra em início de carreira (Neto, 2017, p.131).

Bastos considera que “a diluição de pilares centrais da atividade jornalística no ciberjornalismo teve como principal consequência a perda generalizada da qualidade do jornalismo produzido nas redações digitais”. O autor entende que “boa parte do tempo laboral e das energias dos profissionais é dirigido para tarefas de alto teor técnico de rotina e baixa densidade

jornalística”, o que diminui a quantidade de notícias em primeira mão ou trabalhos mais aprofundados, como reportagens de terreno e de investigação (Bastos, 2012, p.9).

Num estudo acerca da situação dos ciberjornalistas portugueses em 2016, Helder Bastos retrata a situação sociodemográfica destes profissionais, que são jovens, maioritariamente do sexo feminino e poucos se encontram em início de carreira, apresentando experiência na área na qual trabalhavam (Bastos, 2017, p.22). Em contraste, João Canavilhas dava conta, em 2005, de que os jornalistas online portugueses eram, sobretudo, jovens em início de carreira, uma vez que a Web era uma invenção relativamente recente e era entre o sexo feminino que se registava uma maior rejeição ao online (Canavilhas, 2005, p.7).

A maior parte dos ciberjornalistas portugueses (87,1%) ocupa largas horas do horário de trabalho com um tipo de produção monomédia, ou seja, a “redigir notícias ou a adaptar material de agências noticiosas” (Bastos, 2017, p.22), sendo que 57,1% diz ocupar o seu dia-a-dia com a elaboração de trabalhos multimédia, que envolvem o manejo simultâneo de texto, áudio e vídeo (Bastos, 2017, p.12).

Em consonância com o sedentarismo que o jornalismo online veio agravar, 36,4% dos ciberjornalistas sai raras vezes para o exterior em reportagem, sendo de notar que 13,5% dos profissionais admite nunca o fazer (Bastos, 2017, p.14).

Apesar de 74,6% dos ciberjornalistas entenderem que “publicar informação o mais rápido possível” é um dos aspetos mais importantes do trabalho jornalístico na Web (Bastos, 2017, p.17), estes profissionais valorizam “aspetos mais práticos do trabalho, como credibilizar, organizar e filtrar a informação” (Bastos, 2017, p.22).

O crescimento do jornalismo online tem levantado dúvidas quanto ao fim dos meios tradicionais de comunicação, mas a generalidade dos autores crê que tal não vai acontecer. Martins entende que os media convencionais vão reformular as suas técnicas narrativas e tentar acompanhar a evolução das novas tecnologias, de forma a tornarem-se “numa ferramenta cada vez mais apetecível pelo público e pelos utilizadores que diariamente, através do computador, tablet ou telemóvel, se conectam ao monstruoso mundo online para ir em busca de informação que se encontra, apenas, à distância de um clique” (Martins, 2013, p.13).

3.3. À procura de um modelo de negócio para o jornalismo online em Portugal

Acompanhando os progressos tecnológicas e as tendências em todo o mundo, o jornalismo online chega a Portugal em 1995, por intermédio do *Jornal de Notícias* (Santos, 2011, p.164). A 26 de julho desse mesmo ano, foi inaugurado o jn.pt, e o jornal tornava-se o primeiro diário generalista com atualizações informativas diárias na Web (Bastos, 2011, p.4).

Contudo, é importante notar que a televisão pública RTP foi o primeiro órgão de comunicação social português a registar um domínio na Internet (www.rtp.pt), sendo que os primeiros conteúdos informativos na Web só surgiram com a entrada em cena do JN (Zamith, 2011, p.51).

Concebido por uma equipa que integrava jornalistas e elementos do design do jornal, a ideia inicial prendia-se com a distinção face à versão impressa, promovendo uma nova identidade e em consonância com o novo ambiente. Ainda assim, nos primeiros meses da aventura online ainda se discutia a natureza da nova plataforma, enquanto dois jornalistas trabalham exclusivamente no projeto (Santos, 2011, p.164), formando, assim, a primeira redação digital do país.

O *Público* juntou-se a esta onda de penetração no universo online a 22 de setembro de 1995, depois de algumas experiências na Web, nomeadamente com a colocação de alguns artigos do jornal impresso. Ainda nesse ano, a 29 de dezembro, o *Diário de Notícias* aproveitou a ocasião dos 131 anos do jornal para apresentar nas plataformas online as notícias mais relevantes da edição em papel, apresentando também uma área específica relacionada com as eleições presidenciais de 1996 (Bastos, 2011, p.4). O último dos principais jornais do país a disponibilizar a edição diária na Internet foi o *Correio da Manhã*, a partir de 19 de março de 1998 (Bastos, 2011, p.5).

Esta fase embrionária da presença dos diários portugueses na Internet refletia-se nos conteúdos disponibilizados que, na generalidade dos casos, se limitava ao “despejo direto de conteúdo na Web” (Bastos, 2011, p.5).

Luís Santos (2011) retrata a realidade do *Jornal de Notícias* nos primeiros meses, em que os dois jornalistas destacados transferiam para a Web parte do conteúdo do jornal impresso antes do início de cada dia, atualizavam o site por volta das 17 horas e asseguravam a manutenção do site com conteúdos não impressos. Nesta fase, porém, grande parte da redação não utilizava

Internet (em 1999, apenas 12 jornalistas usavam regularmente a Internet sem a ajuda de colegas, num universo de 70) e tinha uma postura tímida e cautelosa quanto à Web (Santos, 2011, p.165). O autor explica que tal se deve ao desconhecimento da decisão estratégica do meio por parte dos jornalistas, bem como a falta de um programa pedagógico que fundamentasse as vantagens do novo ambiente digital e de como este poderia ser utilizado no exercício da profissão.

Além dos jornais, também as televisões e rádios tentaram explorar as características da Web no final do séc. XX. A *TVI* tornou-se no primeiro canal a emitir diariamente um noticiário online, a partir de janeiro de 1996, com a disponibilização do *Novo Jornal* no site da estação. No que concerne à rádio, a *TSF Online* cimentou-se em setembro desse ano com várias rúbricas e a possibilidade de o utilizador ouvir os noticiários em direto (Bastos, 2011, p.4), o que, à data, era uma novidade.

Esta primeira fase do ciberjornalismo em Portugal é entendida, de acordo com Bastos, como o período da implementação, entre 1995 e 1998. É uma fase experimental, isto porque “os jornais abrem os respetivos sites para neles reproduzirem os conteúdos produzidos para a versão de papel, as rádios transmitem na Web o sinal hertziano, as televisões os seus telejornais” (Bastos, 2011, p.1).

Estes primeiros anos de presença dos media portugueses na Web ficaram marcados pela incerteza e desconfiança reinava nas redações. Bastos refere que “as empresas sentiam que não podiam perder o comboio e lançaram-se como podiam e sabiam nos meandros da publicação noticiosa no ciberespaço, reproduzindo, na maioria dos casos, os cânones do jornalismo tradicional” (Bastos, 2011, p.3). Além disso, nas redações, o distanciamento entre os jornalistas do jornal impresso e os profissionais da versão online era bem vincado.

Se os primeiros anos de jornalismo online em Portugal foram caracterizados pela entrada gradual dos meios de comunicação na Web, em 1999 e 2000, viveu-se uma fase de expansão e otimismo que, sublinha Bastos, foi “exagerado”. Foi neste período de euforia em torno da economia gerada pela Internet, tanto em Portugal como no resto do mundo, que se verificou um reforço das redações, com a abertura dos serviços de “última hora” (Bastos, 2011, p.1). Neste sentido, o exemplo do *Jornal de Notícias*, onde, três anos depois da entrada no universo online, foram instalados mais três terminais de acesso à Internet (Santos, 2011, p.166), espelha bem esta situação.

Também em 1999, o jornal *Público* anunciou o lançamento das primeiras publicações exclusivamente eletrônicas, bem como os primeiros serviços online pagos (Bastos, 2011, p.6). Nesta fase do *boom* do jornalismo online em Portugal, surgiram o *Diário Digital* e o *Portugal Diário*, que se configuravam como os primeiros jornais generalistas exclusivamente online. Importa sublinhar, contudo, que no ano anterior, o jornal regional *Setúbal na Rede* tinha-se tornado o primeiro jornal português unicamente disponível na Web (Zamith, 2011, p.51). Por esta altura, também as televisões cimentavam posição na rede.

Foi já na viragem do século, mais concretamente no final do ano 2000, que surgiram os primeiros sinais de contração. Este período, que vigorou na primeira década do séc. XXI foi marcado pelo “rebetamento da “bolha” da Internet, fruto de receitas publicitárias muito inferiores ao investimento feito nos produtos e serviços online” (Zamith, 2011, p.52). Tal conduziu ao encerramento de vários sites, despedimentos e redução das despesas nos órgãos de comunicação social (Bastos, 2011, p.1). Todos estes problemas foram agudizados pela crise financeira de 2008 que marcou o país e provocou um forte impacto nos media.

As empresas não conseguiam encontrar modelos de negócio rentáveis, o que conduziu ao desinteresse pelo ciberjornalismo por parte dos investidores (Bastos, 2011, p.10). A indefinição de um modelo de negócio, aliás, tornou-se também um entrave à aceitação do ciberjornalismo por parte de muitos jornalistas.

O ciberjornalismo em Portugal era rudimentar e mostrava-se pouco capaz de extrair todas as potencialidades que a rede oferecia, entre as quais a interatividade, o hipertexto ou o multimédia, além de que os sites apresentavam um grafismo pouco trabalhado. Assim, “a Web era mais utilizada como suporte que como meio” (Bastos, 2011, p.10).

Regressando ao exemplo do *Jornal de Notícias* apresentado por Luís Santos, verifica-se que, em 2003, a versão online do jornal parecia estar parada no tempo, com apenas uma atualização diária, escasso uso de material não escrito e pouco aproveitamento da interatividade, entre outros recursos da plataforma online. Nesta fase, o foco do grupo estava no jornal impresso e tal é comprovado pela maior abertura a possibilidade na versão em papel do que digital (Santos, 2011, p.167).

A partir do final da primeira década do séc. XXI, a estratégia das empresas centrou-se na procura da rentabilização dos conteúdos online e na distribuição destes através de múltiplas plataformas, tais como smartphones e tablets (Bastos, 2011, p.2).

Este processo de renovação iniciou-se, desde logo, pelo “estudo e a implementação de estratégias realistas de curto prazo, em vez de utopias difíceis de levar à prática” (Bastos, 2015, p.16). Ora, nesse sentido, ao contrário do que vinha a acontecer, tem-se verificado uma maior aproximação entre os jornalistas, já que a tendência tem passado “por colocar o máximo número de jornalistas a produzir para as diversas plataformas de publicação”, entre as quais a versão impressa, Web e os dispositivos móveis (Bastos, 2015, p.16).

Se no final da primeira década do séc. XXI os media portugueses enfrentavam várias dificuldades, em 2020 depararam-se com uma situação inédita e que, mais do que nunca, os colocou à prova.

3.4. Jornalismo em tempo de pandemia

Alguns relatos no início do ano davam conta de “uma estranha forma de pneumonia”² na China que preocupava a comunidade científica, mas foi a 30 de janeiro de 2020 que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional. Este é considerado o nível de alarme mais alto da OMS e foi um alerta a todos os países para que imediatamente tomassem medidas de combate à propagação do novo coronavírus. Segundo a Direção Geral da Saúde (DGS), “este vírus foi identificado pela primeira vez em humanos, no final de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei”, tendo-se alastrado a outros países. Designado por Covid-19³, trata-se da doença provocada pelo novo coronavírus SARS-COV-2 que, em alguns casos, pode causar infeção respiratória grave como a pneumonia.

O primeiro caso de infeção pelo novo coronavírus data de 2 de março de 2020. Dezasseis dias depois de detetado o primeiro caso no país, foi decretado o estado de emergência em

²<https://www.publico.pt/2020/01/07/ciencia/noticia/estranha-forma-pneumonia-preocupar-china-causa-desconhecida-1899502>

³ De acordo com a OMS, “a maioria das pessoas infetadas com o vírus COVID-19 apresentará doença respiratória leve a moderada e recuperar-se-á sem a necessidade de tratamento especial”. Contudo, a população mais idosa ou os cidadãos que sofram de outros “problemas médicos subjacentes, como doenças cardiovasculares, diabetes, doenças respiratórias crónicas e cancro, têm maior probabilidade de desenvolver doenças graves”.

Os sintomas mais comuns são a febre, tosse seca e cansaço. Os casos mais graves ocorrem quando se verificam dificuldades em respirar ou falta de ar e perda da fala ou movimento, que podem conduzir “a pneumonia grave com insuficiência respiratória aguda, falência renal e de outros órgãos, e eventual morte”, alerta a DGS. Estes sintomas demoram cerca de seis dias a manifestarem-se após a exposição ao vírus, ainda que a OMS ressalve que este período de contágio possa ser de 14 dias, em alguns casos.

O vírus da COVID-19 espalha-se, sobretudo, por via “de gotículas de saliva ou secreção nasal quando uma pessoa infetada tosse ou espirra”, frisa a OMS. A DGS aponta ainda que “as gotículas podem depositar-se nos objetos ou superfícies que rodeiam a pessoa infetada e, desta forma, infetar outras pessoas quando tocam com as mãos nestes objetos ou superfícies, tocando depois nos seus olhos, nariz ou boca”.

Portugal, através do Decreto do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Desde então, o país atravessou, à semelhança daquilo que ocorreu um pouco por todo o mundo, vários outros momentos de restrições nos movimentos e atividades do quotidiano, adotando medidas excecionais e temporárias com o intuito de conter a transmissão do vírus. Estas medidas foram variando ao longo do tempo e, salvo algumas exceções, materializaram-se em confinamentos obrigatórios, dever geral de recolhimento domiciliário, proibição de circulação entre concelhos, restrições nas deslocações para fora do território continental, obrigatoriedade de adoção do teletrabalho sempre que possível, uso obrigatório de máscara, entre outras associadas a diferentes setores de atividade, como o comércio.

Como resposta às medidas adotadas pelas autoridades de saúde e de Governo, todos os cidadãos e atividades profissionais tiveram de repensar a forma de conviver e trabalhar, de modo a adaptarem-se ao contexto de vida em tempo de pandemia. Assim sendo, o jornalismo também enfrentou algumas mudanças, com destaque para aquele que decorre no universo online.

A agenda dos media durante a crise sanitária tratou essencialmente a propagação mundial da infeção, através da seleção, tratamento e divulgação dos dados e notícias mais relevantes acerca do vírus, de forma a esclarecer os cidadãos e procurar reaproximar-se do público. Neste período, constatou-se a importância da comunicação e da literacia em saúde.

Apesar de não existir uma definição única de Comunicação da Saúde, Maibach e Holtgrave descrevem-na “como o uso de técnicas e tecnologias de comunicação para informar e influenciar positivamente decisões individuais e coletivas que afetam a saúde” (Lopes, Araújo, Magalhães, & Sá, 2020, p.208).

Importa também notar a literatura portuguesa, nomeadamente o entendimento de Isabel Loureiro e Natércia Miranda, que segue a mesma linha de pensamento. Na obra *Promover a Saúde: dos Fundamentos à Ação*, as especialistas em Saúde Pública argumentam que a Comunicação da Saúde procura “levar ao entendimento dos fenómenos de saúde e de doença e dos fatores que os determinam, daqui decorrendo a tomada consciente de decisão para gerir os riscos e para o autocuidado em situação de doença” (cit. in Lopes et al., 2020, p.209).

O jornalismo de saúde acarreta, assim, “conceções mais didáticas e instrumentais” do que as outras especialidades, como o jornalismo económico, desportivo ou político (Lopes et al., 2020, p.210).

Desta temática não pode ser dissociada a literacia em saúde, que consiste no conjunto de competências adquiridas pelos indivíduos ao longo da vida para procurar, compreender e avaliar certos conceitos e informações em torno da saúde e que lhes permitem tomar decisões conscientes e informadas, reduzindo os riscos de saúde e aumentando a qualidade de vida (Lopes et al., 2020, p.214).

No inquérito “*Covid-19: Jornalistas assumem orientação dos cidadãos pela primeira vez em Portugal*”, da Universidade do Minho, 92,2% dos jornalistas inquiridos declararam ter-se preocupado frequentemente em orientar comportamentos dos cidadãos. Esta preocupação não surgiu no sentido “de direcionar os públicos para o apoio a determinadas opções políticas, mas de os inteirar em permanência acerca da evolução da pandemia em diferentes partes do país e do mundo e de os ajudar a adotar atitudes que promovessem a saúde pública e evitassem cadeias de contágio”.

Desta forma, os métodos adotados pelos jornalistas foram variados. O mesmo estudo demonstra que houve um uso elevado de infografias e das “peças em jeito pergunta/resposta” com informações diversas, como, por exemplo, o que era o estado de emergência e o lay off ou em que circunstância as pessoas podiam sair da residência. Os noticiários televisivos também adquiriram um novo registo e os textos-pivot “misturavam informação com um registo de conversa de proximidade e de empatia com a ansiedade sentida pelos telespectadores”.

A disseminação da informação por parte dos media durante o período pandémico, de facto, influenciou o comportamento das populações e interferiu no cumprimento das medidas impostas pelos governos contra a propagação do vírus, apontava Concetta Papapicco em “*Informative Contagion: The Coronavirus (COVID-19) in Italian*”, em março de 2020. A autora alertava ainda para o poder das redes sociais, na medida em que estas disponibilizam o acesso direto a uma quantidade de conteúdo sem precedentes e que conduz à amplificação de rumores e desinformação. Além disso, as fake news e informações imprecisas espalham-se, muitas vezes, mais rapidamente do que notícias suportadas por factos (Papapicco, 2020, p.2).

Lidar com a informação falsa foi outra das tarefas que os jornalistas reconheceram ter enfrentado neste período pandémico. No estudo realizado pela Universidade do Minho, 87% destes profissionais admitiram que houve um aumento da proliferação de fake news, pelo que tiveram de usar determinadas estratégias “de combate a essa situação”, tais como, “o cruzamento da informação com fontes documentais e o pedido de explicações a fontes oficiais ou especializadas”.

Estes problemas na triagem de informação credível foram, no entendimento de mais de metade dos jornalistas inquiridos, “a dificuldade mais importante que enfrentaram durante o estado de emergência”, seguindo-se a “a falta de colaboração de algumas fontes de informação”.

Em alturas de alarme, os media assumem grande importância e são ainda mais procurados pela população. Os cidadãos recorrem sobretudo aos órgãos tradicionais, mas as redes sociais adquirem maior relevo porque funcionam como um complemento por via dos testemunhos reais de quem vive os factos *in loco* (Masip et al., 2020, p.2), como a comunidade médica, por exemplo, durante a crise pandémica.

Os media apostaram nestas fontes especializadas, como cientistas, investigadores e profissionais de saúde, de forma a garantir credibilidade, rigor e qualidade nas publicações. Além disso, estes profissionais também compensam as falhas na disponibilização de informação aos jornalistas por parte das fontes oficiais (Lopes et al., 2020, p.219) e acarretavam notoriedade pública, bem como boa capacidade de comunicação.

Acontecimentos como a crise sanitária provocada pelo novo coronavírus servem também para “medir o pulso” à confiança dos cidadãos relativamente às notícias. Segundo o “*Reuters Digital News Report 2020*”, Portugal é, entre os “40 mercados analisados, o país onde mais se confia em notícias a par da Finlândia, com 56% dos portugueses a dizer confiar em notícias em geral”. Por outro lado, a confiança em notícias caiu dos 65,6% para os 56,5%, entre 2015 e 2020.

Importa também destacar que apenas menos de 3 em cada 10 leitores (28%) afirmam confiar em notícias com origem nas redes sociais. Os utilizadores mostram maiores níveis de confiança nos media tradicionais, como a televisão, imprensa e rádio em detrimento das marcas cujo principal suporte é o online.

O mesmo estudo aponta que o contexto pandémico agravou os problemas causados pela crise financeira de 2008 e que ainda não estavam totalmente ultrapassados. Desde logo, o setor encontrava-se “fortemente tradicionalizado, dependendo da circulação impressa paga e de investimento nesse suporte”. Os “frágeis modelos de negócio de informação digital” continuaram a revelar-se insuficientes “para fazer frente a um conjunto de fatores negativos de difícil reversão”.

A crise pandémica provocada pela Covid-19 reforçou a importância que o jornalismo tem nas sociedades, bem como expôs as suas fraquezas e a necessidade de ser sustentado por

modelos de negócio eficazes (Olsen, Pickard & Westlund, 2020, p. 678) que, mais de duas décadas depois de ter surgido, o jornalismo na Web ainda não foi capaz de encontrar.

O relatório “*Os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no contexto da pandemia Covid-19*” dá conta de que, à semelhança daquilo que aconteceu noutros países, a circulação dos jornais em papel em Portugal caiu acentuadamente. Por outro lado, notou-se o crescimento dos acessos aos portais digitais dos principais órgãos de informação que, em alguns casos, optaram por suspender as paywalls. Também as audiências televisivas atingiram recordes históricos e são mais um exemplo do aumento do consumo de informação veiculada pelos media em período pandémico.

Dependentes de um número muito reduzido de subscritores, com a suspensão das paywalls e estruturas de pagamento por notícias digitais, esses órgãos (como o *Público* e *Observador*) ficaram reféns das receitas das receitas publicitárias que, por sua vez, também sofreram quebras acentuadas. Esta situação trouxe de volta a discussão em torno da precariedade existente no jornalismo. A “crise laboral (e existencial)” do setor tenderá a “agudizar-se, comprometendo a subsistência da informação de qualidade, sendo de salientar o forte impacto que a crise pandémica está a ter ao nível dos novos projetos informativos, muitos ainda a tentar atingir uma situação de *break even*”, atesta o “*Reuters Digital News Report 2020*”.

Mais do que a mudança causada pela crise do coronavírus, é importante lembrar que a tolerância face ao erro será drasticamente menor nos tempos que se seguem, seja na transição do financiamento do jornalismo para modelos digitais; seja na adaptação da televisão aos concorrentes internacionais do streaming ou à adaptação de todos os setores clássicos à dominação das grandes plataformas norte-americanas; seja a pressão para mudar, que será substancialmente maior, sendo que a vantagem está do lado das marcas que já compreenderam, aprendendo por si, a navegar o digital.

(Reuters Digital News Report, 2020, p.17)

No mesmo sentido, o estudo “*Covid-19: Jornalistas assumem orientação dos cidadãos pela primeira vez em Portugal*” aponta que, apesar de todas as mudanças que este contexto inédito provocou nos media, estas não foram tão profundas como aquelas que o setor necessitava.

4. JORNALISMO DESPORTIVO

4.1. Breve história do jornalismo desportivo

Além de se adaptar aos contextos tecnológicos, o jornalismo tem vindo a acompanhar as conjunturas sociais e interesses dos públicos. A cultura de massas deu lugar a um mercado segmentado, quer na produção, quer na distribuição e no consumo da informação. Como tal, as organizações jornalísticas enveredaram pelo caminho da especialização do jornalismo “como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si” (Abiahy, 2005, p.5).

Ana Abiahy entende que a identidade individual dos cidadãos não é definida por padrões socioculturais enraizados na comunidade em que este se insere, mas baseia-se em escolhas subjetivas, fruto de opiniões ou atitudes isoladas. A autora refere ainda que este tipo de jornalismo tem um papel de coesão social, isto é, “a função de agregar indivíduos de acordo com as suas afinidades ao invés de tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses que jamais atenderia à especificidade de cada grupo” (Abiahy, 2005, p.6).

O desenvolvimento do jornalismo especializado é uma realidade do século XX e consiste na cobertura aprofundada de uma temática por um jornalista específico e direcionada para um público com interesses comuns. Entre essas especializações temáticas, destacam-se a ciência, a política, a economia, a saúde ou, está claro, o desporto.

Com o crescimento da atividade desportiva, sobretudo no final do séc. XIX, a imprensa escrita generalista passou a incluir o desporto nas suas publicações, através de suplementos desportivos.

Foi em 1852, em Inglaterra, que surgiu o primeiro diário desportivo especializado na temática desportiva, o *Sportman*, que mais tarde viria a nomear-se *Sporting Life*. Dois anos mais tarde, deu-se a criação do *Le Sport*, em França, enquanto em Espanha, o primeiro periódico desportivo, denominado de *La Caza*, surgiu em 1865.

Em Portugal, a prática desportiva não estava enraizada na sociedade e as primeiras atividades físicas não passavam de importações elitistas do modelo parisiense, que as classes mais favorecidas de Lisboa imitavam – ainda que esporadicamente - após regressarem de viagem a Paris e terem tomado contacto com as formas de lazer da elite francesa. A imprensa desportiva

portuguesa acompanhou o aparecimento do desporto moderno, onde se destacavam modalidades como a caça, tauromaquia, ginástica, ciclismo e o tiro (Pinheiro, 2009, p.53).

O desporto ganhou espaço na imprensa nacional mais tarde do que noutros países europeus e foi aparecendo paulatinamente em algumas publicações, até que, em 1893, deu-se a criação d' *O Velocipedista*. Surgia o primeiro jornal desportivo português, motivado pela popularidade do ciclismo e seguindo a tendência europeia, onde vinham a surgir publicações dedicadas à modalidade, que ganhava cada vez mais adeptos.

O Velocipedista extinguiu-se dois anos mais tarde, devido à falta de recursos económicos. De acordo com Pinheiro, “apesar do desaparecimento, esta revista contribuiu decisivamente para a consolidação de uma imprensa periódica desportiva fora dos eixos desportivos tradicionais (caça e tauromaquia), criando também a primeira linha editorial generalista sobre desporto em Portugal” (Pinheiro, 2009, p.62).

Nesta fase final do séc. XIX, os periódicos extinguíam-se rapidamente, pois não conseguiam angariar leitores e, conseqüentemente, deparavam-se com falta de assinaturas ou até atrasos nos pagamentos das mesmas, bem como falta de verbas relativas à publicidade. A tendência manteve-se na viragem do século, à semelhança do que acontecia em Espanha, mas ao contrário de França onde a imprensa desportiva se consolidava. Ainda assim, algumas publicações conseguiram contornar esta instabilidade e perdurar por vários anos, como são os casos do *Tiro e Sport*, resultado da fusão entre *O Tiro Civil* (1895) e a *Revista de Sport* (1903), e do bissemanário *Os Sports*, que entre 1905 e 1904 tratou as modalidades de automobilismo, ciclismo, futebol, hipismo e natação.

Estas publicações mantinham “o discurso doutrinário sobre o papel que o desporto devia desempenhar na sociedade portuguesa” (Pinheiro, 2009, p.99). Os jornais refletiam sobre a importância da atividade, até então quase exclusiva da elite portuguesa, e criticavam o facto de Portugal não ser representado nas provas internacionais, ao mesmo tempo que elogiavam a prática desportiva e preparação dos atletas dos países do norte e Centro da Europa.

O futebol foi uma das modalidades escolhidas pel' *Os Sports* para iniciar uma campanha de democratização do desporto e torná-lo acessível aos pobres e não só a determinadas classes e regiões, tais como Lisboa e Porto.

No período após a I Guerra, o paradigma mudou e a informação desportiva integrou quer a imprensa generalista de referência quer os jornais de menor dimensão. Ao mesmo tempo, em França e Inglaterra, o desporto já era um fenómeno social enraizado e bem aceite na sociedade.

Pinheiro ressalva que “este súbito advento, que se prolongaria nos anos seguintes, ficou a dever-se, em grande medida, à gradual popularização do fenómeno desportivo, em especial o futebol”, e nos anos seguintes viria a organizar-se a primeira prova a nível nacional, o Campeonato de Portugal⁴. O autor refere ainda que “esta competição acarretou um natural aumento das rivalidades futebolísticas, quer entre clubes quer entre regiões, contribuindo para a criação de periódicos que defendessem cada uma das fações”. Além disso, a imprensa beneficiou da “melhoria das condições económicas”, em virtude do fim da guerra (Pinheiro, 2009, p.181).

A imprensa desportiva portuguesa consolidou-se em meados da década de 40 com o crescimento dos jornais regionais e a massificação do futebol e de outros desportos, como o automobilismo e o ténis. Entraram também em cena os jornais *Mundo Desportivo*, *O Norte Desportivo*, *A Bola* e *Record*, sendo que estes dois últimos ainda se mantêm nos dias de hoje, tal como *O Jogo*, e, apesar da instabilidade do meio, continuam a representar uma grande fatia das vendas de jornais no país (Saraiva, 2013, p.21). No estrangeiro, surgiam jornais de referência como o espanhol *Marca* (1938) e o gaulês *L'Équipe* (1946).

A segunda metade do séc. XX foi fortemente marcada pela profissionalização dos jornalistas desportivos. Pinheiro entende que o papel do jornalista teve três fases importantes: entre o final do séc. XIX e a década de 1910, o jornalista era também um participante no ato desportivo, produzia as notícias e ainda patrocinava a publicação, promovendo a prática de exercício físico. Na década de 1920, em que proliferavam os periódicos desportivos generalistas e o interesse pelo desporto aumentou, sobretudo pela popularização do futebol, o jornalista assume o papel de repórter e não ocupa tanto tempo do seu trabalho com questões doutrinárias. Esta linha editorial, marcada pela promoção da prática desportiva termina no início dos anos 40 (Pinheiro, 2009, p.559).

Neste caminho da profissionalização dos jornalistas, “o ensino da área nas universidades⁵ estendeu-se a vários países e os profissionais começaram a ser vistos como especialistas com

⁴ Em 1934-35 deu-se a primeira edição do Campeonato de Portugal de futebol, disputada por oito clubes e que o FC Porto venceu.

⁵ O primeiro curso de Comunicação Social em Portugal foi criado cinco anos depois do fim do regime ditatorial, em 1979, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sob o nome de Ciências da Comunicação.

competências técnicas autenticadas”, fundamentalmente a partir da década de 60, quando estes profissionais “se começaram a especializar em determinadas editorias, nas quais se inclui o desporto” (Latas, 2017, p.11).

Já em 1972, o Sindicato dos Jornalistas adjudicou a filiação de profissionais de algumas especializações, entre as quais os da imprensa desportiva, sendo que, até então, apenas profissionais de imprensa diária e semanal nacional gozavam desse estatuto (Santarém, 2017, p.16).

Os jogos de futebol e provas de ciclismo, como a Volta a Portugal, começaram a ser relatados nas rádios e surgiram as primeiras rúbricas desportivas, enquanto a televisão transmitia os jogos. Importa dizer que, durante boa parte do séc. XX, a televisão era considerada um bem de luxo em muitos lares portugueses, o que contribuiu para o destaque da rádio (Garcia, 2006, p.62).

Mais tarde, com o aparecimento das estações privadas – *S/C* e *TVI* – na década de 1990, desperta a luta pelos direitos de transmissão cada vez mais valiosos. A televisão aproximou o desporto das pessoas, o que antes liam ou viam, agora podiam ver e teve uma importância decisiva no incremento, na promoção e na expansão do futebol (Cancela, 2006, p.23).

No entender de David Rowe, o desenvolvimento das competições, aliado à maturação da publicidade e à emergência de novos meios de radiodifusão conduziu ao surgimento de novos media e novos fluxos de receita. Assim, as notícias relacionadas com o desporto foram sendo cada vez mais valorizadas e entendidas como “uma mercadoria que poderia ser produzida, vendida e distribuída”. Os meios de comunicação tornaram-se, considera Rowe, “o motor económico e cultural do desporto”, isto porque são capazes de atrair “a maior parte do capital que, por sua vez, cria e dissemina as imagens e as informações que geram mais capital e mais desporto, naquela que é uma espiral ascendente” (Rowe, 2004, p.72). É aqui, então, que surge uma nova etapa do jornalismo desportivo, feito em suportes digitais variados e marcado pelo aparecimento de novos canais televisivos que davam maior mediaticidade ao desporto, entendiam as audiências como fonte de rendimento, relegam para segundo plano a importância que a imprensa teve no séc. XX na divulgação de informação desportiva e ainda alcançam notoriedade junto da sociedade (Latas, 2017, p.13).

O desporto era, agora, entendido como “desporto-espetáculo” e funcionava como o sustento dos media. Um caminho que começou a ser desbravado para que o futebol se tornasse um fenómeno de massas.

4.2. Desporto como espetáculo onde o futebol é rei

O desenvolvimento do desporto como um espetáculo devido ao espaço que lhe tem sido dedicado nos media nas últimas décadas, explica Torrijos, “tornou-se um fator de identificação cultural que desperta emoções comuns num elemento de coesão social de cidades, regiões e países” (Torrijos, 2012, p.78). Tal fenómeno torna-se ainda mais visível na antecâmara das grandes competições, devido à expectativa que os adeptos geram em ter representação de atletas locais ou nacionais nesses eventos.

O jornalismo desportivo alcançou, assim, um mercado amplo e maior do que qualquer outra área especializada. Em Portugal, por exemplo, os três jornais desportivos, *A Bola*, *O Jogo* e *Record*, transformaram-se em diários em 1995, tal era o volume de conteúdo desportivo passível de noticiar. Rowe considera mesmo que a imprensa desportiva tem também um papel importante nesta fase, uma vez que fomenta o interesse no evento desportivo mesmo antes dele acontecer e tem a capacidade de mantê-lo na esfera mediática depois do seu término.

Neste sentido, entende Torrijos que o futebol, por representar a modalidade com maior número de seguidores, “mobiliza sociedades inteiras com as suas respetivas instituições e impõe a sua centralidade cultural devido à força de uma popularidade e universalidade que são inegáveis” (Torrijos, 2012, p.78).

O protagonismo do futebol no espaço mediático é de tal forma grande que chega a relegar as restantes modalidades para segundo plano. A presença das outras disciplinas desportivas nos espaços de informação ocorre apenas em momentos de conquistas por parte de atletas que são vistos como ídolos nacionais (Torrijos, 2012, p.84). No caso português, por exemplo, o ciclista João Almeida retrata esta situação, pois, devido à prestação de sucesso que protagonizou na Volta a Itália 2020⁶, gerou imenso fluxo informativo, além de o verem como um herói na aldeia em que cresceu.

⁶ João Almeida liderou a 103.ª edição da Volta a Itália (2020) durante 15 dias e terminou no quarto lugar, naquele que foi o melhor registo de um ciclista português na prova. Na aldeia A-dos-Francos, de onde é natural, espalharam-se cartazes, bandeiras e outros objetos de cor de rosa numa manifestação de apoio ao atleta.

O jornalismo desportivo vive os eventos como se de uma guerra entre heróis e vilões se tratasse. Os atletas são mediatizados pela televisão e elevados ao estatuto de deuses pela publicidade (Nolasco, 2004, p.18). Este estatuto é adquirido quando o atleta consegue obter sucesso desportivo, por via do mérito, mas também deve funcionar como herói social, alguém em quem os adeptos se revêm pelas conquistas e se identificam, ainda que não esteja fisicamente junto deles. Ou seja, “o herói consegue conciliar a presença simbólica com a ausência física, de modo a que os seus feitos e a sua imagem se difundam para além do espaço em que ocorrem, permitindo uma globalização do seu heroísmo”. Diego Armando Maradona exemplifica esta situação, já que cresceu num bairro pobre dos arredores de Buenos Aires e alcançou o estatuto de estrela à escala global através das conquistas futebolísticas, sem nunca ter deixado de embandeirar o amor à pátria e, quando jogava no Nápoles, à cidade italiana.

O destaque atribuído ao futebol no espaço mediático conduziu à banalização dos conteúdos do jornalismo desportivo e, conseqüentemente, ao desprezo por parte dos pares das outras editorias. Torrijos, em “*Del fútbol por exceso a la espectacularización de la información en el periodismo desportivo*”, apela à diversificação das temáticas no jornalismo desportivo, entendendo que os profissionais desta especialidade não selecionam “os conteúdos sempre a partir de critérios puramente noticiosos”, optando por dar relevo aos rumores e ‘*fait-divers*’ em detrimento de “resultados e conquistas desportivas que merecem maior valorização” (Torrijos, 2012, p.4).

Tal acontece sobretudo nos dias em que não existem competições e pela necessidade de preencher as páginas ou espaços informativos, mas pode trazer riscos, já que os profissionais se afastam da prioridade do seu trabalho: informar.

Estas práticas podem ser entendidas como sensacionalistas, já que visam entreter o público, ao recorrer a títulos impactantes e ferramentas visuais apelativas e de fácil compreensão.

Por isso, o jornalismo desportivo é, por vezes, visto como o parente pobre da profissão, encarado como o palco da futilidade, que não se dedica a tratar questões de fundo e relevância.

A ideia de inferioridade da editoria de desporto perante as restantes advém, em certa medida, do discurso que utiliza. No caso do futebol, por exemplo, é comum depararmo-nos com o termo “futebolês”, carregado de neologismos, para designar o tipo de linguagem que emprega. O jornalista desportivo deve nortear-se pelas mesmas técnicas de escrita que abrangem qualquer

trabalho jornalístico, mas está claro que existe uma terminologia específica desta editoria (Henriques, 2014, p.34)

Para Pedro Santamaría, “este tipo de jornalismo é o que tem os traços mais definidos dentro das especializações massivamente difundidas”. O autor entende ainda que a linguagem utilizada no jornalismo desportivo acarreta para a “informação desportiva vivacidade, emoção, colorido, cumplicidade com a audiência, capacidade para nomear de forma precisa aspetos muito variados relacionados com o jogo” (Santamaría, 2010, p.184).

De facto, o aspeto emocional é outra das críticas apontadas a esta editoria. O jornalista deve abster-se da paixão inerente ao jogo, o que nem sempre se verifica, tal como em competições ou eventos das seleções nacionais. Nos jogos que envolvam equipas portuguesas em competições internacionais é unanimemente aceitável o cariz patriota dos textos e das transmissões de rádio ou televisão, mas, no que toca a competições internas, o público exige ao jornalista isenção e imparcialidade. Saraiva explica que “enquanto a parcialidade demonstrada quando o assunto é a seleção nacional não é mal vista pelos leitores, pelo contrário, se houver a mínima evidência de que um jornalista não está a ser neutro em relação aos clubes, cria-se uma onda de indignação e crítica à preferência demonstrada” (Saraiva, 2013, p.55).

Torrijos considera que o jornalismo desportivo usa uma fórmula “em que se combina informação com espetáculo, dados com emoções, através de uma linguagem universal”. Desta forma, “consegue uma maior aproximação com o público e uma maior cumplicidade entre os praticantes, adeptos e meios de comunicação, a partir da qual se aproveitam para captar e fidelizar clientes” (Torrijos, 2012, p.79).

Em suma, o sucesso do desporto nos media ilustra a capacidade que este tem de mobilizar paixões, transcender as barreiras nacionais, e a sede de entretenimento que se verifica na sociedade contemporânea e que alimenta as visões críticas e a baixa reputação do jornalismo desportivo. Por ser rentável e captar a atenção do público, o desporto é também um dos objetos informativos preferidos dos meios de comunicação social.

5. TELETRABALHO

Depois da revolução industrial que se deu no séc. XIX, assistiu-se, a partir dos anos 60 do século passado, a uma nova “revolução”. Se a primeira se prendia com a necessidade de aumentar e melhorar a produção de determinados bens físicos ou materiais, a nova fase enveredava pela melhoria na produção, distribuição e utilização da informação e conhecimento. Tendo por base as Tecnologias de Informação e Conhecimento (TIC's), em franco crescimento neste período, também a sociedade se transformou, sendo agora apelidada de “sociedade de informação” (Serra, 1996, p.1).

De entre os vários domínios da vida social, o trabalho foi um dos que se adaptou à nova realidade e, retrata Serra, surgiu “uma nova forma (supostamente mais flexível, mais produtiva, mais cómoda) de organizar o trabalho: o teletrabalho”.

Foi no início dos anos 70 que o norte-americano Jack M. Nilles, visto como o “pai” do teletrabalho, avançou com o termo “telecommuting”. À data, trabalhava para a NASA a partir de casa, em Los Angeles, e o conceito surgiu num contexto de respostas aos problemas que as grandes áreas urbanas impunham, tais como, a divisão entre zonas empresarias e zonas residenciais, e conseqüente atraso das zonas mais desfavorecidas, os custos das deslocações dos teletrabalhadores – com o aumento do preço do combustível, fruto da crise petrolífera de 1973⁷ - , o crescimento da poluição atmosférica e constrangimento do tráfego urbano (Almeida, 2019, p.4).

Em vez de os trabalhadores irem ao encontro do local de trabalho era tempo de o trabalho vir até ao trabalhador (Tomás, 2006, p.10).

O teletrabalho assenta num novo paradigma, (...) em que o trabalho deve ir ao encontro do trabalhador em vez de ser este a ter de ir diariamente ao encontro do trabalho. Essencialmente, (...) baseia-se numa descentralização física acompanhada por uma descentralização da informação, (...) é o que hoje se chama uma forma de trabalho distribuída. (Nilles, Jack M., 1995)

Mais tarde, Nilles concebeu a expressão “teleworking”, que pode ser entendida, em português, como “teletrabalar”. Este conceito era mais abrangente que o anterior, já que,

⁷ Em outubro de 1973, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) proclamou um embargo petrolífero aos países que apoiavam Israel na Guerra do Yom Kippu. Neste período, o preço de barril de petróleo, que passou de 3 para 12 dólares.

enquanto *telecommuting* se refere apenas a trabalhar à distância, *teleworking* prende-se com o fim das deslocações diárias para o trabalho.

Nilles refere que esta nova expressão designa “qualquer forma de substituição de deslocações relacionadas com o trabalho por tecnologias da informação (tais como telecomunicações e computadores); levar o trabalho para os trabalhadores em vez de levar os trabalhadores para o trabalho”. A doutrina norte-americana viria, porém, a adotar os dois termos, enquanto na Europa, devido à impossibilidade de traduzir a palavra “commuting”, optou-se por designar as duas expressões de “teletrabalho” (Almeida, 2019, p.4).

Apesar das experiências nas décadas de 70 e 80, o teletrabalho só começou a revelar aparente sucesso nos últimos anos do séc. XX, num processo que não pode ser dissociado do incremento das denominadas TIC's. A massificação das novas tecnologias, acompanhadas pelo desenvolvimento da Internet, permitiu não só flexibilizar os modelos de trabalho como a organização do mesmo, numa transformação que incluiu o teletrabalho e que tem sido acompanhada no mundo contemporâneo.

Esta redefinição do trabalho, aliada à possibilidade de o executar em qualquer parte desde que com recurso à tecnologia, conduzem a novas práticas e rotinas no dia-a-dia e na forma como se executam determinadas tarefas, tendo por objetivo aumentar a eficiência e produtividade da empresa (Tomás, 2006, p.11).

5.1. Um conceito com várias interpretações

Diferentes autores e organizações interpretam o conceito de teletrabalho de várias formas, face às tecnologias utilizadas ou ao local a partir do qual o teletrabalhador realiza aquilo que lhe é proposto. Ainda assim, a ideia de que o teletrabalho se prende com a execução de tarefas à distância que implicam o uso de tecnologias é comum a todos.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) entende que o teletrabalho “deve decorrer de um acordo voluntário entre a entidade empregadora e o/a trabalhador/a” e “é definido pelo uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC), tais como smartphones, tablets, computadores portáteis e de secretária, (...) no trabalho que é realizado fora das instalações da entidade empregadora. Por outras palavras, o teletrabalho implica o trabalho realizado com recurso às TIC exercido fora dos locais de trabalho da entidade empregadora” (Organização Internacional do Trabalho, 2020).

Esta entidade acrescenta ainda que “um/a freelancer que trabalhe principalmente a partir de casa pode não se enquadrar na classificação de teletrabalho, mas poderá enquadrar-se no trabalho a domicílio”.

A interpretação do Código de Trabalho português vai ao encontro desta visão, indicando que este conceito se trata da “prestação laboral realizada com subordinação jurídica, habitualmente fora da empresa e através do recurso a tecnologias de informação e de comunicação”.

Menezes Leitão, em “*Direito do Trabalho*”, defende que “o teletrabalho consiste na prestação de trabalho que se desenvolve fora do local de trabalho central do empregador, sendo realizado noutra local que se encontra ligado a esse local de trabalho central por meios de comunicação eletrónicos” (Leitão, 2008, p.488).

A literatura apresenta algumas definições para esta temática, sendo que muitas até se complementam. Entre elas, importa destacar a perspetiva de Olson (1983), que entende o teletrabalho como o trabalho realizado fora dos limites da organização normal da empresa, no que concerne ao espaço e tempo, sempre suportado pelo recurso às TIC's. A autora aponta ainda para o conceito de “automatização do escritório”, que permite que muitos funcionários de escritório possam recorrer ao teletrabalho, ao contrário do que acontece com outro tipo de trabalhadores por conta própria, como artesãos ou artistas. Estes, independentemente de trabalharem a partir de casa, não podem ser considerados teletrabalhadores, uma vez que não fazem uso de computadores e outras tecnologias de comunicação para comunicar com a central da empresa (Urze, Barroso & Gomes, 2003, p.53).

Ursula, Korte e Robinson (1990) consideram que a visão de Nilles, que compreende o teletrabalho como a substituição das deslocações para o local de trabalho pelas telecomunicações, é redutora, dado o cariz multidimensional do termo e acrescentam que trabalhar a partir de casa com o auxílio das designadas TIC's não é fator determinante para definir um teletrabalhador. Assim, os autores apontam três dimensões deste conceito, entre as quais, o local de trabalho, “independente do empregador e que pode mudar de acordo com as vontades e necessidades individuais do teletrabalhador e da organização para a qual trabalha”; o uso de equipamento eletrónico, “sendo que, os resultados desse trabalho podem ser transferidos remotamente para o empregador ou cliente” e, por último, a comunicação entre trabalhador e o contratante ou empregador, que “não exige uma ligação direta, mas pode incluir a utilização de serviços de

correio” (Huws, U., Korte, B., Robinson, S., 1990, p.10). Também Maria José Sousa segue esta linha de pensamento, na medida em que indica o teletrabalho como uma nova forma de trabalhar suportada pelas variadas tecnologias e em que as tarefas são executadas noutra local que não o habitual de trabalho (Urze et al., 2003, p.57).

Paulo Serra apresenta ainda outras três visões deste conceito, devendo-se destacar a de Hillman. O autor refere que “teletrabalho significa trabalhar à distância, qualquer pessoa que opere longe de um ponto central, mas permaneça em contacto por telefone é, de certo modo, um teletrabalhador”. Nesta perspetiva, “a palavra ‘teletrabalhador’ é usada para descrever indivíduos cujo trabalho também envolva pelo menos algum tipo de computador, um telefone, fax e possivelmente texto online e conexão de dados, seja direta ou através de um *modem*” (Serra, 1996, p.12).

Uma vez que não existe uma definição concreta e universal do conceito de teletrabalho, tal como sublinham Huws et al., este deve ser abordado de uma perspetiva abrangente, tendo em conta todas as dimensões que pode tomar, conforme os variados contextos e situações de trabalho.

Em 1990, a OIT identificou quatro modalidades de teletrabalho quanto ao local onde é realizado: trabalho em casa, quando ocorre no domicílio do trabalhador e este se encontra ligado a uma sede ou escritório central, que foi, de resto, a mais adotada durante o período pandémico provocado pelo vírus SARS-CoV-2; nos centros-satélite, pertencentes à empresa e situados próximo da residência do trabalhador; nos centros de recursos ou telecentros, em que os equipamentos são partilhados por diferentes utilizadores que podem pertencer a diferentes empresas que cooperam entre si e, tal como os centro-satélite, tencionam evitar o isolamento social dos trabalhadores; teletrabalho móvel, nómada ou itinerante, realizado a partir de qualquer local, desde que com recurso a um computador portátil e telecomunicações móveis.

5.2. Vantagens e aspetos críticos do teletrabalho

O teletrabalho tem por objetivo o aumento da rentabilidade da empresa, por consequência do acréscimo de produtividade e garantir o bem-estar e satisfação de todos os intervenientes neste regime (Tomás, 2006, p.11). Para o bom funcionamento desta modalidade do trabalho, as empresas devem adaptar-se aos mercados e redefinirem a forma como estão organizadas internamente. Desde logo, este processo acarreta benefícios, mas também alguns entraves, quer para o teletrabalhador quer para as empresas.

Tomando como exemplo a modalidade de teletrabalho domiciliário, por ser a mais comum e aquela que vigorou durante a pandemia de Covid-19, podemos denotar que o trabalhador beneficia com: a poupança de tempo e dinheiro, no que concerne à eliminação das deslocações para o local habitual de trabalho, despesas de vestuário e alimentação; a possibilidade de trabalhar num ambiente confortável, familiar e acolhedor, uma vez que no seu lar o teletrabalhador tem à sua volta objetos com os quais está familiarizado e lhe são queridos; redução de stress; menor exposição a vírus, ao contrário do que aconteceria num ambiente fechado com grande número de pessoas; a possibilidade de estar afastado dos centros urbanos, num local mais barato e inserido num ambiente mais calmo; aumento do senso de autonomia, da autossuficiência ou da autoestima, fruto da eliminação dos contactos presenciais com os colegas de trabalho ou superiores hierárquicos; maior flexibilidade de tempo e espaço; maior equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal e, fruto disso mesmo, maior satisfação laboral (Almeida, 2019, p.7).

Em contrapartida, o teletrabalhador pode sofrer com o isolamento; perder características inerentes à capacidade de interação social; ver reduzida a importância no seio da empresa; perder oportunidades profissionais; dificuldade em criar um ambiente de trabalho, devido às distrações existentes no lar; possível aumento de adições, entre as quais, à comida, ao álcool ou ao trabalho (Almeida, 2019, p.8). O relatório de 2020 do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), denominado “*Teletrabalho: espaço, relações e tempos*” aponta, ainda, como aspetos críticos a dispersão dos teletrabalhadores com as atividades domésticas e familiares, as dificuldades em progredir na carreira, a falta de condições de trabalho e, até, algumas despesas associadas ao teletrabalho que não teria de suportar caso trabalhasse na central da empresa.

No que toca ao empregador, o regime de teletrabalho acarreta algumas vantagens como: maior produtividade; maior facilidade em atrair trabalhadores e captar talentos de diferentes regiões; redução das despesas, nomeadamente nas instalações dos locais de trabalho; redução do risco de interrupção da produção, já que os trabalhadores não estão expostos a várias contingências, como epidemias, greves de transportes ou tempestades (Almeida, 2019, p.8) e ainda a maior flexibilidade de horários.

Por outro lado, pode-se instalar um clima de mal-estar entre teletrabalhadores e não teletrabalhadores, uma vez que estes primeiros podem sentir-se “esquecidos” nos momentos de distribuição de tarefas, enquanto os outros entendem, por vezes, serem mais sobrecarregados. Os momentos de pausa no trabalho, essenciais para a designada “aprendizagem informal”, fruto

da interação entre trabalhadores, também deixam de existir (Almeida, 2019, p.9). Desta forma, o espírito de equipa diminui, bem como a capacidade de absorção da cultura e valores da empresa, o que prejudica o sentido de pertença a uma comunidade por parte dos trabalhadores.

A falta de comunicação entre as equipas, a dificuldade em controlar o desempenho e os tempos de trabalho, os custos relacionados com as infraestruturas tecnológicas e a gestão de questões relacionadas com efeitos psicológicos do isolamento dos trabalhadores são outros entraves que o teletrabalho coloca às empresas, segundo o relatório do IEFP.

Também a sociedade beneficia de algumas particularidades do teletrabalho, aliás, como ficou bem patente no regime extraordinário do período pandémico em 2020. Estes aspetos positivos prendem-se com a redução do trânsito rodoviário, da lotação dos transportes públicos e da poluição atmosférica, o abrandamento do aquecimento global e o aumento das oportunidades de trabalho para cidadãos com deficiência ou doença crónica, cuidadores informais ou residentes em zonas rurais pouco desenvolvidas. Por outro lado, a solidariedade profissional e a capacidade de interação social são aspetos enfraquecidos por este regime (Almeida, 2019, p.9). Neste sentido, Serra acrescenta ainda a potencial exploração de trabalhadores em situação mais vulnerável, a erosão das estruturas tradicionais de educação e formação profissional e o possível aumento das assimetrias regionais, com a transferência de apenas empregos pouco qualificados e mal pagos para as áreas rurais menos desenvolvidas (Serra, 1996, p.20).

5.3. Teletrabalho inserido no contexto pandémico

O regime de teletrabalho, apesar de estar previsto e regulamentado no Código de Trabalho português desde 2003, não havia sido prática comum no país até ao aparecimento da pandemia de Covid-19, que obrigou a um novo planeamento e reestruturação de algumas empresas e profissões.

O alastramento do vírus SARS-CoV-2 fez com que as empresas recorressem ao mecanismo do teletrabalho, já que, tal como refere o relatório do IEFP, se mostrou como a solução para compatibilizar a necessidade de confinamento dos trabalhadores com a continuidade da atividade das empresas. Até aqui, já alguns trabalhadores tinham experienciado o teletrabalho, ainda que de forma excecional e por um período limitado de tempo. De facto, importa salientar que dados de 2016 dão conta que apenas 0,3% de trabalhadores por conta de outrem estavam abrangidos por um contrato de prestação subordinada de teletrabalho.

Já durante o contexto pandémico, o mesmo relatório indica que 93% das empresas adotaram o teletrabalho quando possível, e em 23% dos casos esta medida abrangeu a totalidade dos trabalhadores. A produtividade, consideram 43% das empresas, manteve-se inalterada, enquanto 16% apontam para uma redução e 10% dão conta de um impacto positivo do teletrabalho.

Relativamente aos trabalhadores, notou-se elevada aceitação deste regime por parte dos mesmos, sendo que apenas em 15% das empresas o teletrabalho teve uma aceitação pouco ou nada elevada.

Apesar das circunstâncias em que foi adotado, o relatório sublinha o impacto positivo do teletrabalho em Portugal durante o período de confinamento, “quebrando inércias, destruindo preconceitos, revelando potencialidades”. Tendo por base esta experiência, “o que antes não era encarado como opção, é agora visto como alternativa a ponderar”.

5.3.1. A redação em casa

Um dos setores mais afetado pela imposição do regime de teletrabalho tratou-se do jornalismo. Além de toda a pressão e esforços a que os jornalistas tiveram sujeitos, fruto da necessidade do constante acompanhamento da evolução da pandemia da Covid-19, estes profissionais viram-se obrigados a trabalhar em circunstâncias muito específicas.

O relatório “*Os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no contexto da pandemia Covid-19*” dá conta das alterações que ocorreram no trabalho dos jornalistas. Após a Declaração de Estado de Emergência (DEE)⁸, 66,7% dos jornalistas inquiridos passaram a trabalhar a partir do respetivo domicílio, sendo que os profissionais da rádio e televisão foram os mais solicitados para continuarem a atividade na redação.

Consequentemente, os profissionais “saíram menos em reportagem”, o que naturalmente prejudica a observação, filtragem, recolha e tratamento dos factos, e tiveram de adotar meios tecnológicos complementares para o exercício da profissão e para o contacto com as fontes de informação”. Anteriormente, este era feito através do contacto telefónico ou eletrónico, mas os

⁸ A 18 de março de 2020, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, declarou “o estado de emergência, com fundamento na verificação de uma situação de calamidade pública”. Tal medida aconteceu depois de a OMS ter qualificado, a 11 de março de 2020, “a emergência de saúde pública ocasionada pela doença COVID-19 como uma pandemia internacional”. In Diário da República n.º 55/2020, 3.º Suplemento, Série I de 2020-03-18.

A 20 de março de 2020, o regime de teletrabalho foi considerado “uma solução que permite manter genericamente o funcionamento e a qualidade dos serviços públicos” e a sua adoção passou a ser “obrigatória sempre que as funções em causa o permitam, nos termos do artigo 6.º do Decreto n.º 2-A/2020, de 20 de março”.

jornalistas tiveram de adotar outras ferramentas, como as plataformas de videoconferência e de reunião online.

O uso de meios tecnológicos, característica inerente do teletrabalho, não foi tido como problemática para os jornalistas inquiridos pelo estudo. A maioria até considera que os recursos tecnológicos são ferramentas úteis à profissão, embora possam levantar algumas questões éticas e deontológicas do jornalismo, bem como afetar a qualidade da informação.

Uma vez que o trabalho decorreu maioritariamente a partir de casa, as relações interpessoais entre os jornalistas também diminuíram. Do total dos inquiridos, 66,3% “contactavam todos os dias ou quase todos os dias com outros jornalistas do seu meio de comunicação” antes da DEE, um valor que caiu para 24,6% durante o confinamento.

A acrescentar a estes dados, importa também referir que 30,7% destes profissionais admitiram que, durante a DEE, as tarefas domésticas prejudicaram o normal exercício da profissão.

O relatório dá também conta que as expectativas de emprego e esperança de progressão de carreira dos jornalistas diminuiu.

Durante o período pandémico, os jornalistas ficaram sujeitos a um ambiente de pressão financeira, física e psicológica, sem paralelo na história recente – acentuados pelo regime de teletrabalho -, mas que este relatório aponta como paradoxo, já que, por um lado, o jornalismo está perante “uma renovada oportunidade de reconhecimento público e reconquista de públicos”, enquanto se encontra “diante de agravados constrangimentos financeiros”.

6. METODOLOGIA

6.1. Objetivos e linhas orientadoras

Concluídas as observações acerca do período de estágio no *Maisfutebol* e as reflexões teóricas sobre o jornalismo em plataformas digitais, o jornalismo desportivo e as várias definições para o conceito de teletrabalho, importa traçar o caminho metodológico que vai guiar a investigação empírica.

Uma vez que o estágio curricular decorreu durante o período de pandemia da Covid-19, foi notória a mudança no dia a dia dos jornalistas. Assim, um dos objetivos desta investigação é identificar e compreender as alterações nos métodos de trabalho dos jornalistas. Torna-se relevante entender o processo de adaptação a uma nova realidade e a influência no processo de construção jornalística num novo ambiente, uma vez que em muitas alturas houve uma passagem das redações para casa. É fundamental apurar as dificuldades na partilha e troca de ideias através de dispositivos eletrónicos ao invés do contacto pessoal e identificar de que modo estas relações foram afetadas. Por último, pretende-se perceber e analisar as consequências destas mudanças no produto final.

6.2. Questão de partida

Este capítulo serve, então, para definir o modelo de análise que melhor se adegue à questão de partida identificada, explanar as opções metodológicas e também indicar as técnicas de recolha e análise de dados. Por fim, o objetivo é responder à problemática apresentada, apontando as várias hipóteses de investigação

Deve-se, portanto, ter em conta que “cada investigação é uma experiência única, que utiliza caminhos próprios cuja escolha está ligada a numerosos critérios, como sejam a interrogação de partida, a formação do investigador, os meios que dispõe ou o contexto institucional em que se inscreve o seu trabalho” (Quivy & Campenhoudt, 1996, p.120).

Partindo do pressuposto de que “uma investigação é, por definição, algo que se procura” (Quivy & Campenhoudt, 1996, p.31), importa escolher uma pergunta de partida, que funcionará como “fio condutor” do trabalho. Esta questão deve responder “três níveis de exigência”, nomeadamente no que concerne à clareza, exequibilidade e pertinência (Quivy & Campenhoudt, 1996, p.44).

O teletrabalho concentrou uma boa parte do período de estágio, fruto das condicionantes impostas pela pandemia da Covid-19. Tendo em conta as linhas orientadoras apresentadas anteriormente, formulo a questão central deste Relatório de Estágio:

“Qual o impacto do teletrabalho no trabalho dos jornalistas desportivos?”.

6.3. Escolha do objeto de estudo

Uma vez que estamos perante uma questão de cariz subjetivo, exclui-se, desde logo, qualquer conclusão estatística ou quantitativa e optar-se-á, então, pela análise qualitativa. Godoy aponta que a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados”. Este método “parte de questões ou focos de interesse amplos, que se vão definindo à medida que o estudo se desenvolve” (Godoy, 1995, p.58).

A pesquisa qualitativa materializa-se, assim, na “obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contacto direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenómenos segundo a perspetiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (Godoy, 1995, p.58). Também nesse sentido, Minayo afirma que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender” (Minayo, 2012, p.623).

Ao contrário do método quantitativo, a pesquisa qualitativa “trabalha muito menos preocupada com os aspetos que se repetem e muito mais atenta com a sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas” (Minayo, 2017, p.2).

Para a recolha dos dados, o método escolhido prendeu-se, portanto, com entrevistas aos editores da secção de desporto dos principais jornais do país.

Deste modo, os entrevistados pertencem aos jornais *A Bola*, *Jornal de Notícias*, *O Jogo*, *Público*, *Record*, e *Maisfutebol*, sendo este último o único de cariz exclusivamente digital. Apesar disso, por ser autodenominado de “jornal” e por ter sido o local de estágio tornou-se, também, uma escolha pertinente.

Estas entrevistas tiveram como foco as alterações nas rotinas de trabalho, gestão de equipas, relações entre profissionais, contacto com o ambiente exterior da redação e impacto dos conteúdos noticiosos no público.

Assim, procurou-se entender de que forma a pandemia da Covid-19 alterou o dia-a-dia dos jornalistas desportivos, nomeadamente com a suspensão das competições, contando com a partilha de quem esteve submerso nesta realidade e, até, ocupou cargos de chefia. Tal como afirmam Quivy e Campenhoudt, estes interlocutores são “testemunhas privilegiadas”, isto porque “pela sua posição, ação ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema”.

O processo de agendamento das entrevistas foi relativamente árduo, muito devido à disponibilidade e abertura dos editores para contribuir com o seu testemunho. Apenas no caso do jornal *O Jogo*, por impossibilidade dos editores, recorreu-se à entrevista ao subchefe de redação António Barroso.

Assim, foi necessário conciliar as restantes agendas e em duas semanas o processo ficou concluído. De forma a respeitar as restrições de saúde em vigor e para garantir a segurança de todos os intervenientes, as entrevistas foram realizadas via contacto telefónico, exceto no caso do editor do *Maisfutebol*, Pedro Cunha, que optou por responder através de videochamada, na plataforma Zoom. O áudio das entrevistas foi gravado com autorização dos entrevistados e estas foram transcritas, sendo que nenhum solicitou o anonimato.

Entendeu-se a entrevista como método de recolha de dados mais indicado, pois permite ao investigador retirar “informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados”. Estas caracterizam-se por serem “uma verdadeira troca”, no sentido em que o entrevistado “exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências”. Por outro lado, “através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade” (Quivy & Campenhoudt, 1996, p.192).

De acordo com Clara Coutinho, as entrevistas assumem-se como uma “poderosa técnica de recolha de dados, porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador, possibilitando a este último a obtenção de informação que nunca seria conseguida através de um questionário” (Coutinho, 2018, p.141).

6.4. A formulação de hipóteses

Segundo Quivy e Campenhoudt “o modelo de análise é o prolongamento natural da problemática, articulando de forma operacional os marcos e as pistas que serão finalmente retidos

para orientar o trabalho de observação e de análise”. Este “é composto por conceitos e hipóteses estritamente articulados entre si para, em conjunto, formarem um quadro de análise coerente”.

Dado que dividi o meu período de estágio entre a redação e o teletrabalho e pude verificar e vivenciar as diferenças entre duas formas de trabalho, formulo as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: O regime de teletrabalho afetou as relações interpessoais entre jornalistas e criou distanciamento entre eles.

Hipótese 2: O regime de teletrabalho afetou os contactos com as fontes.

Hipótese 3: O teletrabalho prejudicou a definição da agenda e alterou o processo de construção jornalístico.

Hipótese 4: Os jornalistas tiveram de repensar a profissão e recorrer a novas ferramentas neste período.

Hipótese 5: A suspensão das atividades desportivas limitou e reduziu o trabalho dos jornalistas e as restrições nos estádios obrigaram a uma nova redefinição do *modus operandi*, com menos pessoas no estádio.

Importa salientar que a hipótese é “uma proposição provisória, uma suposição que deve ser verificada” e que, por isso, “será confrontada, numa etapa posterior da investigação, com dados de observação” (Quivy & Campenhoudt, 1996, p.150).

6.5. As entrevistas e a escolha dos entrevistados

Para a realização das entrevistas, foi construído um guião que segue algumas das linhas orientadoras já apresentadas cujas questões procuram compreender aspetos relacionados com a questão de partida.

6.5.1. Guião de perguntas

1 – Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao dia a dia dos jornalistas? Que repercussões isso teve ao nível da definição da agenda?

2 – Que dificuldades sentiram na adaptação ao regime de teletrabalho?

3 – Até que ponto o teletrabalho afetou as relações interpessoais entre os jornalistas? E as relações dos jornalistas com as fontes de que modo foram afetadas?

4 – O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

5 – Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas e limitações impostas nos estádios?

6- Quais os aspetos positivos do teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

7 – O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no jornalismo?

A seleção da amostra é um elemento essencial numa investigação, isto porque está intimamente relacionada com “a credibilidade metodológica” da mesma (Minayo, 2017, p.2). A amostra qualitativa “ideal” é aquela “que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenómeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo” (Minayo, 2017, p.10).

Posto isto, a seleção dos entrevistados recaiu sobre:

- **António Barroso**, subchefe de redação no jornal *O Jogo*, entrevistado no dia 29 de abril de 2021;
- **Filipe Pedras**, editor da secção Benfica do jornal *Record*, entrevistado no dia 29 de abril de 2021;
- **Norberto Lopes**, editor de desporto do *Jornal de Notícias*, entrevistado no dia 7 de maio de 2021;
- **Nuno Sousa**, editor de desporto do jornal *Público*, entrevistado no dia 12 de maio de 2021;
- **Pedro Cunha**, editor da redação do Norte do *Maisfutebol*, entrevistado no dia 29 de abril de 2021.
- **Rui Baioneta**, editor da secção Sporting do jornal *A Bola*, entrevistado no dia 12 de maio de 2021;

7. O QUE PENSAM OS EDITORES ACERCA DO IMPACTO DO TELETRABALHO NO JORNALISMO

Depois de explicadas as opções metodológicas que vão conduzir este trabalho, importa analisar e interpretar os dados recolhidos a partir das entrevistas realizadas de forma a dar resposta à questão de partida proposta e levando em linha de conta as hipóteses acima formuladas.

Neste sentido, e depois de feita a transcrição das entrevistas (ANEXOS), esta análise foi dividida em cinco aspetos fundamentais. Deste modo, procurou-se facilitar o processo de observação e esclarecer de forma mais detalhada aquilo que os editores pensam acerca do regime de teletrabalho imposto ao jornalismo durante o período de confinamento devido à Covid-19.

7.1. O fim das pausas para café e dos contactos informais com colegas

A trabalhar a partir de casa, os jornalistas viram-se isolados e longe do ambiente que encontravam na redação, onde partilhavam o dia a dia com os colegas. Além dos assuntos meramente relacionados com o trabalho, as pausas e conversas informais iam cimentando ou construindo relações entre eles e, por consequência, reforçavam o espírito de amizade, entreajuda e equipa.

Estes momentos da rotina diária de um jornalista – e de qualquer outra área de atividade – foram menos frequentes e feitos sobretudo pelo recurso a aparelhos tecnológicos. Ainda assim, alguns editores não concordam que o regime de teletrabalho tenha afetado as relações interpessoais dos jornalistas.

É o caso de Rui Baioneta, que realça a amizade entre colegas que trabalham juntos há muitos anos. “Somos amigos, temos uma redação unida”, afirma o editor do jornal *A Bola*, salientando que existiram “mais conversas por videochamadas” neste período e que o facto de se conhecerem tão bem “foi decisivo para que as coisas corressem normalmente”.

Também Nuno Sousa, editor de desporto do jornal *Público*, partilha deste ponto de vista e afirma não ter sentido “grandes diferenças” na relação interpessoal com os colegas. Contudo, sublinha que os jornalistas estão “em contacto permanente e é provável que este contacto em termos de minutos despendidos até tenha crescido”.

Pedro Cunha também reforça que os jornalistas sentem necessidade “de falar mais vezes durante o dia” para “trocar ideias e conselhos”.

O editor do *Maisfutebol*, à semelhança da maioria dos entrevistados, concorda que as relações informais entre os jornalistas foram prejudicadas pela experiência do teletrabalho. “O *human touch* é irreproduzível”, afirma realçando que trabalhar a partir de casa “compromete muito” a rotina de trabalho. O subchefe de redação do jornal *O Jogo*, António Barroso atesta que “somos seres humanos, portanto, sociais e sociáveis”.

O ambiente de uma redação é um ecossistema único e irrepetível, não é reproduzível em casa, por melhor que a tecnologia seja. Nada se compara às horas que passamos na redação. A partir do momento em que ficamos sem essa ferramenta tão importante que é o companheiro do lado ou da frente, somos obrigados a substituí-lo por outra espécie de apoio ou calor humano, com o Zoom ou WhatsApp. Não é a mesma coisa, sinto necessidade de ter alguém ao meu lado durante o dia para tirar alguma dúvida, ou até comentários ou piadas mais engraçadas durante o dia, pois isso faz parte do ambiente de trabalho.

Pedro Cunha, editor do *Maisfutebol*

Norberto Lopes também corrobora desta opinião, uma vez que, “numa redação e em qualquer local de trabalho, tem de existir bom ambiente”. No entender do editor de desporto do *Jornal de Notícias*, os momentos de descontração entre colegas, como as conversas “que fogem daquilo que é a lógica do trabalho”, são fundamentais “para o relacionamento e o bem-estar entre as pessoas” e “fortalecem o espírito de equipa”.

Neste sentido, Filipe Pedras, editor do *Record*, diz que rituais como as pausas para café, o momento que tinham “para falar de outras coisas sem ser sobre o trabalho” deixaram de existir, salientando que eram rotinas anteriormente consideradas “banais”, mas às quais hoje atribuem “muito valor”.

Apesar da maior parte dos entrevistados entender que as relações interpessoais foram bastante afetadas, António Barroso aponta que este “foi um desafio” ao qual os jornalistas tiveram de se adaptar, à semelhança de outros que a pandemia da Covid-19 causou.

7.2. A relação dos jornalistas com as fontes em período de pandemia

Cada jornalista conserva um leque de fontes de informação com quem cria uma relação e a reforça ao longo dos anos. Sandra Marinho aponta que “a negociação entre jornalistas e fontes de informação resolve-se, em última análise, a um nível informal e privado e é uma relação mediada por uma condição essencial: a confiança” (Marinho, 2000, p.351).

Neste sentido, “a confiança pode ser gerada, cultivada, mantida e reforçada, por vezes quebrada e, muito dificilmente, revitalizada” (Marinho, 2000, p.352). Ora, por isso, seria de esperar que as relações dos jornalistas com as fontes tivessem sido penalizadas devido ao teletrabalho. Porém, há uma variante fundamental que contorna essa situação e para a qual a maioria dos editores apontam. Trata-se, então, do facto de os contactos entre jornalista e fonte ocorrerem sobretudo por via de telefonemas ou troca de mensagens por WhatsApp.

O editor do *Jornal de Notícias*, Norberto Lopes, refere que, “tirando uma ou outra situação, não existem encontros pessoais entre jornalista e fonte”, embora reconheça que “há uns anos esses encontros eram habituais, pois não existiam estas formas grátis e instintivas de comunicação”. Rui Baioneta remata que se as fontes do jornalista forem “seguras” o acesso à informação não é afetado. O editor do *Maisfutebol* também partilha desta visão e assume que mantém “o mesmo contacto” com as suas fontes, com quem fala “com regularidade”.

António Barroso sublinha ainda que existem outros contactos com fontes, como o caso das conferências de imprensa. Estes eventos continuaram a desenrolar-se da mesma forma comparativamente àquilo que acontecia antes do período pandémico e o subchefe de redação d’*O Jogo* alerta que “um indivíduo que esteja em teletrabalho pode sair de casa e estar com a fonte”, isto desde que as normas de saúde em vigor assim o permitam.

A confiança que os jornalistas foram alimentando ao longo dos anos junto da sua fonte foi também colocada à prova durante a pandemia de Covid-19 e Nuno Sousa considera que as fontes demonstraram “abertura” para “colaborar em moldes diferentes”. Ainda assim, o editor do *Público* admite que “o que se perde nesta mudança tão brusca no método de trabalho é a capacidade de estar mais perto, garantir maior confiança da fonte e, sobretudo, fazer trabalho para o futuro”.

O contacto com as fontes também é feito de uma forma mais impessoal. É verdade que numa equipa pequena, como é o caso da nossa, nem sempre conseguimos ter um contacto cara a cara em circunstâncias normais, mas neste contexto tornou-se manifestamente impossível. Recorremos às novas tecnologias, procurando contactar as pessoas de outra forma e também pedindo da parte delas alguma compreensão para que esta relação se tornasse um pouco mais fria.

Nuno Sousa, editor de desporto do *Público*

Importa observar o ponto de vista de Filipe Pedras, que entende que ainda existem “jornalistas que têm o hábito de fomentar as fontes com encontros pessoais” e estes sentiram algumas complicações nesta fase.

Em suma, denota-se que, apesar de todos os constrangimentos que os jornalistas tiveram de enfrentar enquanto trabalhavam a partir de casa, contactar com as fontes de informação não foi um deles. Isto porque, fruto das inovações tecnológicas das últimas décadas, os profissionais de comunicação têm adotado diferentes formas de reforço das relações com as fontes, de modo a que estas não se limitam a encontros pessoais. Contudo, existe ainda uma pequena parte destes profissionais que opta por almoços ou outro tipo de encontros com as respetivas fontes e, neste período, teve de adaptar-se e remeter-se ao contacto através de dispositivos eletrónicos.

7.3. As alterações nos processos de construção de conteúdos e repercussões na agenda e produto final

As redações tiveram de se reorganizar de modo a conseguir encontrar a normalidade possível em teletrabalho. Cada jornal optou por responder às exigências da Declaração do Estado de Emergência, sendo que o ponto comum entre todos é que a maioria – e em alguns casos a totalidade – dos jornalistas trabalhou a partir de casa.

No caso do *Jornal de Notícias*, e concretamente no que diz respeito à editoria de desporto ficou estabelecido que um grupo de “jornalistas estaria durante uma semana na redação, enquanto os outros dois ficavam em casa em teletrabalho, sendo este um sistema rotativo”, explica Norberto Lopes. O editor assume que o planeamento do jornal diário não foi, portanto, afetado.

Apesar da estratégia adotada, os eventos previstos na agenda que exigissem presença física, como jogos, conferências de imprensa ou algumas reportagens, decorreram normalmente e o editor do *Jornal de Notícias* entende que os jornalistas não alteraram a forma de trabalhar a esse nível. Ainda assim, Norberto Lopes ressalva que “as questões da distância e da comunicação” provocam “algumas condicionantes e às vezes perde-se algum tempo”.

Seguindo esta linha de pensamento, também Pedro Cunha refere que os eventos *in loco* continuam a ter cobertura no terreno “sempre que há condições de segurança para tal”. Quando “não é possível criar uma atmosfera segura para as duas partes”, como por exemplo em entrevistas ou reportagens, recorrem à plataforma Zoom.

A diferença relativamente aos serviços de agenda, afirma Rui Baioneta, prende-se apenas com o local de produção dos textos, uma vez que anteriormente os jornalistas “regressavam à redação para escrever, enquanto agora voltam para casa”. Filipe Pedras, do *Record*, também

corroborar desta visão, mas alerta para alguns problemas que se erguem, como o tempo que se perde no “caminho de regresso a casa”.

António Barroso introduz ainda outra ideia que importa destacar. Apesar de entender que não houve, “de modo nenhum”, alterações a nível de agenda, o subchefe de redação d’ *O Jogo* denota que boa parte do trabalho dos jornalistas, “e não apenas devido às insuficiências económicas das empresas de comunicação social, já vinha sendo feita na banca”, isto é, “ao telefone e via internet”. Este foi um fator determinante para que a definição da agenda do jornal não se alterasse, visto que “com a oferta de ferramentas de comunicação que temos hoje em dia conseguimos chegar a quem queremos e onde queremos com facilidade”.

Por outro lado, a opinião de Nuno Sousa varia daquela que os outros entrevistados apresentaram. O editor do *Público* admite que existiram repercussões na agenda do jornal, até porque os clubes “vedaram o acesso a algum tipo de conteúdos, como algumas conferências de imprensa que eram banalíssimas, (...) em alguns casos o acesso aos jogos também passou a ser mais restrito e há mais dificuldade no acesso às creditações”.

Entre tantas alterações nas rotinas diárias de trabalho, seria de esperar uma queda da qualidade do produto final, associada ao processo de construção que se tornou manifestamente mais adverso. Ainda assim, os editores entendem que os trabalhos jornalísticos mantiveram a qualidade relativamente ao que acontecia no período pré-pandémico. Aliás, Norberto Lopes entende mesmo que “os jornais estão a apresentar exatamente o mesmo produto que apresentavam antes, mas noutras circunstâncias”.

Rui Baioneta atenta que “o jornal não perdeu qualidade porque, sobretudo naquele período em que estava tudo parado, houve outro tipo de informação”. O editor do *Público*, Nuno Sousa, assume que “o fluxo de produção de texto, o trabalho de revisão, a partilha de experiência e de pontos de vista sobre cada um dos artigos e, eventualmente, novas abordagens continuou a existir”, apesar das barreiras que se colocaram.

Já António Barroso é taxativo a afirmar que “o jornal só é prejudicado quando não publica notícias” e as condicionantes durante o processo de construção “obrigou os jornalistas a serem mais autónomos e responsabilizou-os mais”.

Apesar da mudança repentina e de todos os obstáculos, Pedro Cunha retira apontamentos positivos da nova forma de trabalhar, nomeadamente a publicação de “muitos mais artigos com

vídeo”, sobretudo pelo elevado recurso ao Zoom. O editor do *Maisfutebol* assume que o vídeo “mesmo do ponto de vista comercial, é o produto mais rico, envolve a publicidade a um preço mais alto” e, por isso, “oferecer vídeo com maior frequência” é “o lado bom” dos novos métodos de produção. O entrevistado entende ainda que “o público não tem sentido diferença no produto final nem se tem sentido defraudado” e salienta que “as pessoas que escreviam bem continuam a escrever bem, apenas de uma forma mais solitária”. A esta condição, Pedro Cunha acrescenta ainda que “a redação estimula, mas também distrai” e existem menos distrações em casa, pelo que os jornalistas estão mais focados nas tarefas que desempenham.

Este, contudo, não é o entendimento de Filipe Pedras, que indica alguns aspetos que se alteraram com a implementação do regime de teletrabalho. O editor do *Record* explica que, “quando os jornalistas estão na redação, o editor sai da reunião de planeamento do jornal e tem as pessoas que estão a trabalhar à sua disposição, fala diretamente com elas, define-se o rumo a seguir, aquilo que é preciso fazer, quem contactar, etc.”. Ora, todas estas dinâmicas mudam em teletrabalho e o editor, que no caso do *Record* trabalha na redação, tem de recorrer aos grupos de WhatsApp ou telefonemas para agilizar estas questões.

Outro aspeto negativo que o entrevistado elenca prende-se com a quase total perda do “controlo da qualidade e daquilo que cada um está a fazer”. Contrariamente àquilo que pensa Pedro Cunha, o editor do *Record* entende que trabalhar a partir de casa “altera o foco das pessoas” e exemplifica algumas situações que viveu nesta fase, como distrações com tarefas domésticas ou momentos familiares que perturbaram o normal funcionamento do jornal.

Filipe Pedras assume que a “dificuldade de comunicação entre os editores e os jornalistas” reflete-se no produto final, uma vez que alguns textos chegam “sem alguns dos tópicos que tinham sido pedidos, ou porque a pessoa do outro lado da chamada não entendeu bem ou então o grupo de WhatsApp ficou inundado de mensagens e o jornalista não captou tudo”. Desta forma, o trabalho do editor é substancialmente maior.

Neste sentido, também Nuno Sousa diz que os jornalistas sentiram dificuldades “em termos do funcionamento orgânico do jornal”, sobretudo na relação com a equipa gráfica, prejudicada pela distância. Apesar de admitir “alguma entropia no processo”, o editor de desporto do *Público* afirma não ter sido suficiente para comprometer “minimamente o funcionamento normal do jornal” e sublinha não terem existido percalços sérios que tivessem comprometido, por exemplo, o horário de fecho”.

De um modo geral, todos os entrevistados assumem que as rotinas diárias e o processo de construção sofreram algumas alterações que obrigaram à implementação de novas estratégias de trabalho. Pode-se concluir ainda que isso não afetou a definição da agenda do jornal em grande escala, mas em alguns casos, como no *Record*, o novo ambiente de trabalho prejudicou a qualidade dos artigos.

7.4. A capacidade de resposta dos jornalistas a uma realidade adversa

A mudança tão brusca nas rotinas de trabalho conduziu a um processo de algumas semanas de dúvidas, incertezas e medos sobre o futuro. Apesar desse período de inquietação, os editores sentem que os jornais conseguiram ultrapassar as adversidades com relativo sucesso e elencam alguns benefícios deste regime de trabalho, ainda que nele denotem muitas debilidades.

Depois de declarada a obrigatoriedade do teletrabalho nas empresas, Filipe Pedras reconhece que os jornalistas do *Record* viveram um momento “muito complicado” e acumularam alguns dias “com dores de crescimento no aspeto da organização”.

O editor de desporto do *Público* admite que “houve um período de receio” em que os jornalistas partiram “para o desconhecido” em busca de “encontrar o ritmo certo de trabalho”. Nuno Sousa assume que existiram dúvidas sobre a capacidade de cumprir horários, alimentar a versão online do jornal com a mesma velocidade e qualidade de outrora e cumprir os prazos relativos à versão impressa, “que são particularmente sensíveis no que diz respeito ao desporto”, já que a maior parte dos jogos de futebol decorre ao final do dia. O entrevistado acrescenta ainda que recearam que o próprio sistema fosse incapaz “de suportar tantos acessos em simultâneo e tão concentrados”.

Relativamente às horas de fecho do jornal, também António Barroso coaduna com a visão de Nuno Sousa, isto porque é um período em que os jornalistas têm de conversar bastante entre si e tornou-se “difícil falar com tanta gente por mensagens”, dado que se perdeu “a oralidade e a proximidade”.

Norberto Lopes assume alguns “problemas a nível de logística”, sobretudo no primeiro confinamento, e ainda a dificuldade em conciliar o trabalho com a gestão de espaços e privacidade de cada elemento no lar, que também trabalhavam ou estudavam remotamente.

Nesse sentido, Rui Baioneta acredita que os jornalistas d’*A Bola* estavam em vantagem, já que têm um portátil atribuído e estão habituados a escrever fora da redação, ainda que

reconheça que a maior dificuldade “foi fazer todo o jornal a partir de casa”. “A redação é o nosso porto seguro, mas para nós, jornalistas, não é desconhecido escrever noutros locais”, aponta ainda o editor.

Infetado com Covid-19 neste período, Pedro Cunha foi o único dos entrevistados que perdeu o “primeiro mês de ajustes”, mas recorda a apreensão que sentiu nas primeiras vezes que utilizou novas plataformas, como o Zoom.

Estas ferramentas que até então não eram alvo de muita utilização, foram um aliado no trabalho dos jornalistas e Rui Baioneta exemplifica com conferências de imprensa via Zoom em que participou visto não poder marcar presença no local, mais concretamente na Eslovénia. Já Filipe Pedras remata que “a vertente tecnológica também ajudou principalmente alguns dos jornalistas mais velhos, que tiveram de aprender a lidar com as plataformas”.

Também Nuno Sousa segue este raciocínio, na medida em que o Skype ou o Zoom ajudaram “às discussões nas reuniões e às propostas de trabalho que são feitas de uma forma conjunta”. Ainda assim, o editor de desporto do *Público* entende que estas ferramentas não conseguem solucionar a separação física das pessoas e que “retira alguma dinâmica àquele que é o trabalho normal numa redação”. Por isso, entende que “o espírito coletivo, até de colaboração entre diferentes secções que se apoiam entre si” foi melindrado.

Antes de apontar alguns aspetos positivos que o teletrabalho representou para os jornalistas, Nuno Sousa atesta que “os jornalistas numa situação limite conseguiram subir os seus níveis de produção de notícias”, o que é “benéfico para o leitor e para a entidade empregadora”. Contudo, o editor do *Público* reconhece que, no que diz respeito à vertente pessoal do jornalista, “isto traz alguns contratemplos, na medida em que há uma ocupação de tempo muito mais contínua e preocupação (...) em estar continuamente ligado”. Acreditando que é algo “extensível a qualquer área de competências em que haja uma grande paixão por aquilo que se faz”, o entrevistado entende que, “estando fechado em casa, com um computador à mão e com um mundo de informações à distância de um clique” o jornalista sente necessidade de “procurar dar algum conteúdo extra ao leitor”.

De um modo geral, os entrevistados extraem aspetos positivos desta experiência no plano individual. Rui Baioneta e Norberto Lopes destacam que conseguiram passar mais tempo com os familiares e o editor d’*A Bola* entende mesmo que “o jornalismo ‘rouba’ tempo para a família”. A

acrescentar a isso, a redução das despesas, nomeadamente pelo fim das viagens trabalho-casa e casa-trabalho foram um fator a assinalar por parte de Filipe Pedras. O editor do *Record* afirma ainda que em casa consegue gerir de forma mais eficiente os “tempos mortos”, como os momentos de espera entre os pedidos de alterações na paginação. Também António Barroso afirma ter ganho “tempo de vida” por trabalhar remotamente. Já Pedro Cunha assume que consegue aumentar a concentração a trabalhar a partir de casa. Nuno Sousa diz que o balanço efetuado aos primeiros meses em que o jornal funcionou em regime de teletrabalho “foi francamente positivo” e pouco a pouco “as dificuldades foram ultrapassadas”, pelo que entende que “do ponto de vista do fluxo de trabalho correu manifestamente bem”.

Outro aspeto que importa destacar é a opinião generalizada de que o jornalismo, nomeadamente o desportivo, teve de se reinventar neste período e conseguiu fazê-lo com sucesso. A capacidade dos jornalistas se adaptarem a diferentes contextos é um ponto que os entrevistados focam e António Barroso acredita até que “o teletrabalho deu mais carteira aos jornalistas”.

O subchefe de redação do jornal *O Jogo* diz que os jornalistas desportivos tiveram de se debruçar sobre um “tipo de noticiário diferente, mais relacionado com a organização, política desportiva e saúde”. Também Norberto Lopes destaca as diferenças no tipo de conteúdo produzido face às circunstâncias em causa e com o objetivo de “apresentar todos os dias um produto apetecível aos leitores”. Rui Baioneta assume que “os jornalistas tiveram de se reinventar neste tempo” e não se limitaram a “discutir o jogo dentro das quatro linhas”, tendo apostado “noutro tipo de informação também interessante”.

Nuno Sousa confessa alguma surpresa pela velocidade a que os jornalistas se adaptaram ao novo contexto e a capacidade para dar respostas imediatas. O editor do *Público* afirma que a equipa aproveitou “esta paragem longa para cuidar alguns conteúdos do ponto de vista gráfico na edição online”, uma área do jornal que reconhece ter crescido no período de pandemia. Aqui o entrevistado admite que todos perceberam “muito da essência do jornalismo”.

Por sua vez, Pedro Cunha retira desta experiência alguns ensinamentos que se podem aplicar quer como cidadão quer como jornalista. Assim, entende ser necessário perceber o raciocínio do outro e isso “envolve mais paciência, mais tranquilidade, serenidade e tolerância”.

Em suma, o discurso dos entrevistados neste ponto é bastante semelhante. Todos reconhecem as dificuldades nos primeiros dias de teletrabalho, sobretudo a nível logístico e de

recurso a diferentes tecnologias, mas assinalam aspetos positivos, nomeadamente ao nível da vida pessoal, por via da redução de custos e aumento do tempo em família, e a capacidade de resposta e adaptação do setor a uma realidade adversa.

7.5. As limitações causadas pela Covid-19 e a viabilidade do teletrabalho no jornalismo desportivo

As circunstâncias que o desporto enfrentou no início da pandemia da Covid-19 foram particularmente desfavoráveis, isto porque as competições foram suspensas e os jornalistas desportivos enfrentaram um período de interregno de eventos, mas tiveram de pensar em soluções para continuar a alimentar as páginas de jornais. Assim, as redações optaram por produzir outro tipo de conteúdos, mas, em alguns casos, tiveram de reduzir o número de páginas do jornal.

Rui Baioneta afirma que os jornalistas desportivos tiveram de “ser mais criativos”, mas reconhece que havia sempre temas “que se podiam explorar”, mas que não estavam relacionados com “o campeonato puro e duro”. António Barroso também apresenta uma visão semelhante deste problema e atenta que “deixar de haver competições é, desde logo, notícia”. Ainda assim, assume que “houve uma quantidade de notícias anormais em função daquilo que era a normalidade do fluxo de informação de um jornal desportivo”. Contudo, entende que não faltou informação.

O *Jornal de Notícias* foi um dos que optou por reduzir o número de páginas dedicadas ao desporto e Norberto Lopes justifica esta decisão com o cariz generalista do jornal, bem como a predominância da Covid-19 como assunto mais relevante. Deste modo, em função de um “espaço mais reduzido”, o editor diz que procuraram “outras abordagens”, especialmente relacionadas com as reduções salariais dos atletas, condições para a retoma competitiva, planos sanitários aplicados ao desporto e o impacto da ausência de público quando os eventos retomassem. Com este tipo de conteúdos, o entrevistado entende que o jornal conseguiu “dar outra perspetiva aos leitores cruzando determinados assuntos”.

O outro editor de um jornal generalista, Nuno Sousa, admite que o “início da pandemia foi um grande impacto, em termos de cobertura da atualidade”. O editor de desporto salienta as diferenças entre esta editoria e as restantes, assumindo que, a par da cultura, foi a mais afetada. Num cenário de difícil perceção de uma perspetiva a longo prazo, a procura de soluções foi complexa, até porque “era tudo muito novo e nem os próprios organismos tinham respostas (...), nem havia perspetivas de adiamentos ou cancelamentos das grandes provas”. Nuno Sousa

reconhece que a equipa enfrentou “dificuldades em continuar a alimentar o leitor com histórias diárias que motivassem o seu interesse”.

Filipe Pedras vai mais longe e aponta que “foram mais de 70 dias a fazer um jornal desportivo sem desporto”, naquele que considera ter sido “o maior desafio” que enfrentou ao longo de 17 anos de profissão. O *Record* também diminui o número de páginas para 32 e era “preenchido maioritariamente com informação à volta da Covid-19”.

Pedro Cunha analisa os impactos negativos e admite que “o tempo sem jogos foi catastrófico” no que diz respeito ao número de leitores diários do *Maisfutebol*, que caiu dos cerca de 600 mil “num dia bom” para 100 mil acessos nos melhores dias. Durante este período, o editor da redação do Norte explica que a estratégia adotada para continuar o fluxo informativo prendeu-se com a transmissão de jogos antigos e que tinham acompanhamento ao minuto no site, além de diretos na rede social Instagram, o que criou “alguma expectativa” nos leitores.

Foi já no final de maio de 2020 que o campeonato de futebol português retomou, ainda que sem público nas bancadas e com algumas restrições que limitaram e condicionaram o trabalho dos jornalistas. A principal diferença relaciona-se com o número de creditações disponibilizadas, já que cada jornal pode ter apenas um jornalista no estádio.

Rui Baioneta assume que as restrições nos estádios “limitam” o trabalho dos jornalistas. Antes da paragem das competições, explica o editor d’*A Bola*, estavam presentes no estádio “um redator para escrever a crónica do jogo, outros dois para fazer a análise individual dos jogadores de cada equipa e mais um ou dois para fazerem a reportagem”. Após a retoma dos eventos desportivos e em consequência das determinações das regras sanitárias, “o redator que vai ao estádio faz a reportagem e tudo o resto é feito através da televisão”, sendo que o jornalista que vê o jogo na televisão “não consegue ter a mesma visão do jogo”. Ainda assim, Rui Baioneta considera que “a informação continua a ser fiel”.

À semelhança do caso do jornal *A Bola*, também Filipe Pedras, do *Record*, explica que antes da pandemia da Covid-19 o jornal fazia-se representar nos jogos das “maiores equipas” através de três ou quatro jornalistas. Com apenas um jornalista no terreno, este profissional “tem de estar muito mais atento a tudo e tem de haver muito boa coordenação com o editor”, diz o editor.

Por sua vez, Pedro Cunha destaca a discrepância na qualidade das infraestruturas dos diferentes clubes e como não se consegue garantir o distanciamento social na tribuna de imprensa em todos os estádios.

Já Norberto Lopes volta a evocar o cariz generalista do *Jornal de Notícias* para relativizar o impacto das limitações impostas nos estádios, ainda que reconheça que em jogos de maior dimensão o jornal acreditava mais que um jornalista.

As alterações que a pandemia da Covid-19 e o teletrabalho provocaram no jornalismo desportivo trouxeram a debate a viabilidade deste regime numa área em que a presença física no local dos acontecimentos é tão valorizada. Desde logo, apenas Filipe Pedras acredita que o teletrabalho não é viável no jornalismo, enquanto os outros entrevistados explicam em que moldes pode funcionar.

O editor do *Record* mostra-se contra este regime, que considera prejudicial “para a organização do trabalho” e “comunicação entre jornalistas, editores, direção ou entre as diferentes secções”. Filipe Pedras esclarece que “há situações que demoram muito mais tempo a resolver” e, por isso, o teletrabalho “está muito longe” de ser o ideal.

Pedro Cunha, por seu turno, assume que ser jornalista em teletrabalho, “infelizmente, é viável”. O editor do *Maisfutebol* acredita, porém, que os contras pesam mais que os prós e entende este regime como “uma exceção e não uma regra”. Além disso, entende que “o jornalismo é e deve ser, muitas vezes, um trabalho de equipa” e o jornalista não é “um eremita”.

Apesar destas duas posições totalmente desfavoráveis à ideia, outros entrevistados encaram o teletrabalho como uma medida que pode ser implementada no jornalismo. Rui Baioneta mostra-se a favor, “desde que o jornalista continue a ir aos locais e a falar com as pessoas”, embora reconheça o valor “do contacto físico numa redação”, que torna o trabalho “mais rico” pela partilha de ideias. O editor do jornal *A Bola* crê que os jornais podem ser feitos a partir de casa, desde que os jornalistas continuem a ter acesso às fontes e atira: “hoje em dia temos ‘armas’ que não tínhamos antes”.

Esta é também a posição de António Barroso, defensor do teletrabalho “por várias razões”, mas sobretudo “por gestão de recursos, mas sem nunca impedir, por necessidades várias, que o jornalista se desloque à redação”. O subchefe de redação do jornal *O Jogo* acredita que esta pode ser “uma forma de as empresas aliviarem o esforço dos funcionários”, contudo, vê “desafios pela

frente em gerar consensos em função do teletrabalho”. Apesar de mostrar-se convicto “de que o teletrabalho vai ser um modo associado aos vários outros modos de funcionamento de uma redação”, António Barroso assume dificuldades em projetar “a existência de uma visão estruturante por parte de alguns empresários de comunicação social, mas também de alguns profissionais”.

As visões de Norberto Lopes e Nuno Sousa prendem-se com um cenário misto. O editor de desporto do *Jornal de Notícias* acredita na possibilidade de, no futuro, “as redações trabalhem em regimes parciais, com jornalistas na redação e outros em casa, num sistema rotativo”. Contudo, atesta que “é de todo inviável que uma redação trabalhe a 100% a partir de casa, mesmo com reuniões por Zoom e contacto permanente via WhatsApp”. De facto, este é um ponto fulcral que o entrevistado apresenta, assumindo que as reuniões de planeamento exigem “uma presença física no mesmo local”. Norberto Lopes afasta um cenário de “uma redação dispersa”, que iria aumentar o “tempo para pensar e executar um jornal” e trazer consequências ao produto final e aos timings de fecho.

O editor de desporto do *Público* crê que um regime parcial “é a solução mais conveniente para algum tipo de trabalhador numa situação familiar específica, por exemplo, mas poderá também ser útil à empresa em determinados momentos”. Nuno Sousa alerta que, antes da pandemia da Covid-19, já algumas empresas permitiam que alguns dos trabalhadores cumprissem parte do horário laboral em teletrabalho e prevê que esse cenário vai crescer “porque se percebeu que é possível manter um serviço de qualidade num registo mais flexível do que aquele a que estávamos habituados”.

À semelhança do pensamento do editor do jornal *A Bola*, Nuno Sousa afirma que as empresas não devem “descurar o contacto direto com as fontes e a ida para a rua sempre que possível”. Contudo, o trabalho entendido como “mais burocrático, depois de recolhida a informação” e que tem que ver com “a triagem dos conteúdos, a revisão dos textos ou o arranjo gráfico, está mais disposto e com mais ferramentas do que nunca ao dispor para que possa ser uma realidade em regime de teletrabalho”.

Podemos, então, concluir que a suspensão das atividades desportivas gerou apreensão e dificuldades aos jornalistas, ainda que os jornais generalistas não tenham sido tão afetados. Porém, alguns profissionais entendem que houve uma diminuição do fluxo de informação e, por isso mesmo, o *Jornal de Notícias* e o *Record* diminuíram as páginas da versão em papel. Por outro

lado, alguns entrevistados apresentam outras visões e encontraram na procura de abordagens inovadoras a solução para um período conturbado.

Relativamente à possibilidade de um jornalista desportivo trabalhar em teletrabalho, as opiniões dividem-se, mas mesmo aqueles que se mostram a favor salientam a importância de manter o contacto com as fontes e a cobertura no terreno.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto que o regime de teletrabalho teve nos três meses que estagiei no *Maisfutebol* não podia ser escurado e foi a rampa de lançamento para este relatório, que culminou na recolha de testemunhos juntos dos editores de desporto dos principais jornais e a partir dos quais se pode testar as hipóteses anteriormente sugeridas.

A primeira hipótese enunciada previa a perturbação das relações interpessoais entre jornalistas e um maior distanciamento entre eles. As opiniões dos entrevistados foram unânimes relativamente à importância do contacto físico com os colegas e da necessidade de momentos informais para criar um bom ambiente no trabalho, algo que neste período, se perdeu. Ainda assim, importa assinalar as perspetivas de Rui Baioneta e Nuno Sousa, que consideram que os laços previamente criados com os outros jornalistas e a necessidade de estarem constantemente em contacto virtual com os colegas ajudaram a combater o distanciamento a que o teletrabalho obriga.

Outra das hipóteses elencadas prendia-se com o impacto deste regime nas relações com as fontes, que passaram a ser feitas exclusivamente por via de telemóvel ou computador. Contudo, os editores salientaram que, face às inovações tecnológicas, os jornalistas têm perdido o hábito de marcar encontros pessoais com as suas fontes, pelo que a relação de confiança que mantém com as mesmas não foi totalmente afetada.

Outro ponto de elevada pertinência está relacionado com as alterações na definição da agenda e no processo de construção, confirmadas por todos os entrevistados.

A quarta hipótese formulada dava conta de que “os jornalistas tiveram de repensar a profissão e recorrer a novas ferramentas neste período”. O testemunho dos editores também foi unânime neste tópico, sendo que alguns salientaram a capacidade de resposta das redações a situações adversas e enaltecem plataformas como o Skype e Zoom, que se revelaram fundamentais neste período.

Por último, pôde-se testar a última hipótese que previa a limitação do trabalho dos jornalistas e uma nova redefinição do *modus operandi*, já que apenas um profissional recebia acreditação para entrar no estádio. Aqui, constatou-se que alguns jornais, como o *Jornal de Notícias* e o *Record*, reduziram o número de páginas da versão impressa na altura em que as competições desportivas foram suspensas. Os editores confirmaram que com a retoma destes

eventos os jornalistas acreditados diminuíram e o método de trabalho teve de ser repensado, com elementos a assistir aos jogos pela televisão, o que dificultava o rigor do trabalho.

Numa análise geral, esta investigação foi útil para entender o impacto do teletrabalho no jornalismo desportivo, ficando perceptíveis algumas das dificuldades que os jornalistas enfrentaram e que colocaram à prova a capacidade do próprio setor. No entendimento dos editores, os profissionais mostraram estar “à altura do desafio” e provaram que conseguem adaptar-se a diferentes contextos, embora a realidade ideal seja aquela que decorre num ambiente normal de redação.

De facto, o contacto humano, partilha de ideias, sugestões de artigos e as relações interpessoais foram pontos condicionados pelo regime de teletrabalho e que os jornalistas tiveram de contornar. O período inicial foi encarado com receio e dúvida, mas, aos poucos, as empresas foram colocando em prática novos métodos de trabalho recorrendo a diferentes ferramentas, algumas das quais desconhecidas ou pouco utilizadas até então.

Posto isto, o futuro do regime de teletrabalho, nomeadamente no jornalismo desportivo, é visto como uma solução de recurso e que deverá ser aplicada de forma parcial, possibilitando a presença na redação sempre que necessário e a deslocação ao local dos acontecimentos para um acompanhamento mais detalhado e rigoroso das situações, ao contrário do que aconteceu no período pandémico.

CONCLUSÃO

A experiência de estágio no *Maisfutebol* revelou-se enriquecedora a diferentes níveis, quer pessoal, académico ou profissional. A partilha de ideias e contacto direto com profissionais especializados alargaram os meus conhecimentos, além de me terem capacitado para determinados trabalhos, onde consegui “limar algumas arestas” e trabalhar as minhas debilidades, tornando-me um melhor profissional e até mais autónomo. A juntar a tudo isto, consegui aplicar alguns assuntos teóricos abordados nas diferentes unidades curriculares e, terminada esta etapa, a vontade de ser jornalista desportivo saiu reforçada.

Contudo, e tal como assumido ao longo deste trabalho, estagiar a partir de casa é muito diferente da experiência vivida em redação. O trabalho remoto tirou-me a possibilidade de “beber” ainda mais do conhecimento dos profissionais que me acompanharam e criar laços de amizade mais fortes. Além disso, as dúvidas técnicas que surgiam e que são naturais por parte de quem está a viver a primeira aventura no mercado de trabalho, eram mais facilmente resolvidas e esclarecidas na redação, uma vez que as ferramentas tecnológicas de que dispomos – apesar de valiosas – não conseguem equiparar-se à eficácia da comunicação verbal. Este foi, sem dúvida, o aspeto mais negativo que extraí do estágio curricular.

Tornou-se, então, oportuno entender as repercussões do regime de teletrabalho nas rotinas dos jornalistas desportivos, quer na organização e planeamento diário dos jornais, quer no processo de construção dos artigos noticiosos ou relações com os colegas e fontes de informação.

Para compreender as dificuldades e analisar as vantagens do trabalho remoto na profissão, o método escolhido, uma vez que se apresentou como o mais adequado, centrou-se em entrevistas aos editores dos principais jornais desportivos e, ainda, de dois diários generalistas, mais concretamente do *Jornal de Notícias* e do *Público*. Por ocuparem cargos superiores e serem responsáveis por liderar equipas com alguns jornalistas, estes profissionais conseguem ter uma visão mais abrangente do problema e, por isso, um testemunho mais condizente com a realidade.

Posto isto, a análise aos testemunhos recolhidos permitiu ir ao encontro dos objetivos deste relatório e constatar os impactos causados pelo regime de teletrabalho e os efeitos nocivos que gerou nas editorias de desporto, alguns do quais também abordados na revisão da literatura.

Os resultados deste trabalho demonstram que o teletrabalho alterou a forma como os jornalistas desportivos exercem a profissão. Privados do ambiente da redação, viram-se obrigados

a montar uma área de trabalho em casa, condicionados pelas atividades domésticas e familiares inerentes ao lar. Além do trabalho à distância, a relação com os colegas também se estabeleceu exclusivamente por via tecnológica e os contactos com o exterior restringiram-se aos estritamente necessários, como o acompanhamento de jogos no terreno. Apesar de tudo isto, denota-se que alguns profissionais estão acomodados e agradados com o regime de teletrabalho, pois entendem que lhes dá a possibilidade de dedicarem mais tempo à vida pessoal. Contudo, também estes não subestimam a importância do ambiente vivido em redação e que não é sequer reproduzível no seio do lar de cada um.

Feita a observação das respostas dos entrevistados, pode-se perspetivar que, superadas tantas adversidades num curto espaço de tempo, o jornalismo deu uma resposta cabal às dúvidas e alguns aspetos vão, naturalmente, transformar-se. A profissão foi repensada durante este período e a partir daqui espera-se que sejam implementadas medidas que reforcem o estatuto e papel nuclear que o jornalismo e os seus profissionais têm na construção do dia a dia de uma sociedade informada, crítica e democraticamente estável. A presença dos jornalistas no local dos acontecimentos, quer sejam eventos desportivos ou, por exemplo, conferências de imprensa, foi restringida devido ao período pandémico e também pelo regime de trabalho imposto, mas não poderá ser relegada para segundo plano numa possível renovação do setor.

Através da interpretação das afirmações dos editores, verifica-se que estes não estão em concordância em todos os pontos, apresentando, por vezes, visões e soluções bastante díspares para determinado assunto. Desta forma, a discussão torna-se mais rica e abre portas a futuras investigações mais aprofundadas, uma vez que este trabalho apresenta algumas limitações. Desde logo, porque se traduz em conclusões qualitativas tiradas através da opinião de cada um dos seis entrevistados e que está condicionada pelo contexto em que cada um está inserido.

É nesse sentido que uma investigação mais alargada e intensiva assume alguma pertinência. Ainda assim, esta deve traduzir-se em dados quantitativos, onde podem ser analisadas, por exemplo, eventuais quebras de produção, qualidade e rendimento dos trabalhadores em teletrabalho.

Além disso, e por ter sido uma questão abordada pela generalidade dos entrevistados, torna-se relevante avaliar o “ruído” causado pelas dificuldades de comunicação à distância e calcular o tempo desperdiçado por via destas adversidades.

A amostra de um eventual trabalho futuro também pode ser consideravelmente maior, até para que se possa compreender de uma forma mais rigorosa o real impacto que este regime pode ter no jornalismo desportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abiahy, A. (2005). O jornalismo especializado na sociedade da informação. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahy-ana-jornalismoespecializado.pdf>
- Almeida, M. (2019). O teletrabalho e o direito a teletrabalhar. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.14/28668>
- Alves, R. (2006). Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. *Comunicação e Sociedade*, vol. 9-10, 93-102. [https://doi.org/10.17231/comsoc.9\(2006\).1157](https://doi.org/10.17231/comsoc.9(2006).1157)
- Bastos, H. (2011). Para uma história do ciberjornalismo em Portugal: das origens às múltiplas plataformas. Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57427/2/ActasConfibercom000148482.pdf>
- Bastos, H. (2012). A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. *Estudos do Jornalismo e da Mídia*, 284-298. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2p284>
- Bastos, H. (2015). Das utopias à realidade: Um olhar sobre duas décadas de ciberjornalismo. *Estudos de Jornalismo. Ciberjornalismo: 20 anos Made in Portugal*, 9-18. Retirado de http://www.revistaej.sopcom.pt/ficheiros/20151007-ej_4_2015.pdf
- Bastos, H. (2017). Os ciberjornalistas portugueses em 2016: Uma aproximação a práticas e papéis. Retirado de <https://hdl.handle.net/10216/104045>
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J. Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., Martins, P. & Silva, P. A. (2020). Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. Relatório. Lisboa: Sopcom. Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/44291>
- Cabrera, A., Martins, C., & Cunha, I. F. (2020). A cobertura televisiva da pandemia de Covid-19 em Portugal: um estudo exploratório, 185-204. https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_10
- Canavilhas, J. (2003). Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web. *Informação e Comunicação Online 1*, 63-73. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.6/4358>
- Canavilhas, J. (2005). Os jornalistas online em Portugal. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf>
- Cancela, A. (2006). SIC: O espetáculo global do futebol. In F. Lopes, & S. Pereira, *A tv do futebol* (pp. 23-26). Porto: Campo das Letras. [ebook] Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40483>
- Cerezo, P. (2020). White Paper: El impacto de la pandemia en la prensa. *Evoca Comunicación e Imagen, 1-11*. Retirado de <http://evocaimagen.com/dosieres/dosier-evoca-09-medios-y-coronavirus.pdf>
- Coutinho, C. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Decreto n.º 7/2009 - Diário da República n.º 30/2009, 12 de fevereiro, República Portuguesa. Retirado de <https://data.dre.pt/eli/lei/7/2009/02/12/p/dre/pt/html>
- Decreto n.º 2-A/2020 - Diário da República n.º 57/2020, 20 de março, República Portuguesa. Retirado de <https://data.dre.pt/eli/dec/2-A/2020/03/20/p/dre>
- Direção Geral da Saúde (DGS), in <https://covid19.min-saude.pt/category/perguntas-frequentes/>

- Garcia, P. (2006). SIC: O espetáculo global do futebol. In F. Lopes, & S. Pereira, *A tv do futebol* (pp. 61-65). Porto: Campo das Letras. [ebook] Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/40483>
- Godoy, A. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas São Paulo*, v. 35, n. 2, 57-63. Retirado de <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjplFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>
- Henriques, T. (2014). Jornalismo desportivo em Portugal: notícia ou especulação? Análise das fontes nos diários "O Jogo", "A Bola" e "Record". Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/30433>
- Huws, U., Korte, B., Robinson, S. (1990). *Telework - Towards the elusive office*. Chichester: Wiley.
- Instituto do Emprego e Formação Profissional (2020). Teletrabalho: espaço, relações e tempos. Retirado de https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.show_file?pi_doc_id=258869
- Latas, R. (2017). A hegemonia do futebol no jornalismo desportivo Estudo de caso: A Bola TV. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.21/8066>
- Leitão, L. (2008). *Direito do Trabalho*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., Sá, A. (2020). COVID-19: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. In Martins, M., Rodrigues, E., *A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo III: Projeções*. UMinho Editora. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.25.11>
- Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., & Sá, A. (2020). Covid-19. *Revista Fontes Documentais*, 3, 183-191. Retirado de <https://aplicacoes.ifs.edu.br/periodicos/index.php/fontesdocumentais/article/view/637>
- Marinho, S. (2000). O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação. *Cadernos do Noroeste. Série Comunicação*, 351-356. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/4503>
- Martins, C. (2013). Jornalismo Online: a convergência dos meios. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-jornalismo-online-convergencia.pdf>
- Masip, P., Aran-Ramspott, S., Ruiz-Caballero, C., Suau, J., Almenar, E., & Puertas-Graell, D. (2020). Consumo informativo y cobertura mediática durante el confinamiento por el Covid-19: sobreinformación, sesgo ideológico y sensacionalismo. *Profesional De La Información*. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.may.12>
- Menezes, I. B. (2015). O jornalismo online da TVI24 e a sua relação com as fontes. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10362/15827>
- Minayo, M. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>
- Minayo, M. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 1-12. Retirado de <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>

- Neto, I. (2017). As multiplataformas informativas: os desafios que as redes de media social e os periféricos móveis colocam no campo do jornalismo. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/55776>
- Nolasco, C. (2004). Futebol: Desporto e Emoção. *Noites de Sociologia* (2002), (pp. 16-20). Retirado de <http://hdl.handle.net/10316/42367>
- Olsen, R. K., Pickard, V., Westlund, O. (2020). Communal News Work: COVID-19 Calls for Collective Funding of Journalism. *Digital Journalism. SAM - Department of Journalism and Media Studies*. <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1763186>
- Olson, Margrethe, (1983): Remote office work: changing work patterns in space and time. *Communications of the ACM*, v. 26, n° 3, 182-187. <https://doi.org/10.1145/358061.358068>
- Organização Mundial da Saúde (OMS), in https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1
- Organização Internacional do Trabalho (2020). Teletrabalho durante e após a pandemia da COVID-19. Retirado de https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/-europe/-ro-geneva/-ilo-lisbon/documents/publication/wcms_771262.pdf
- Palacios, M. (2014). Memória: jornalismo, memória e história na era digital. In J. Canavilhas, *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp. 89-110). Covilhã: Livros labCom. Retirado de https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf
- Papapicco, C. (2020). Informative Contagion: The Coronavirus (COVID-19) in Italian journalism. *Online Journal of Communication and Media Technologies*. <https://doi.org/10.29333/ojcm/7938>
- Pavlik, J. V. (2014). Ubiquidade: o 7.º princípio do jornalismo na era digital. In J. Canavilhas, *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp. 159-183). Covilhã: Livros labCom. Retirado de https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf
- Pinheiro, F. (2009). História da imprensa periódica desportiva portuguesa (1875-2000). Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10174/12226>
- Quiyv, R. & Campenhoudt, L. (1996). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva
- Reuters Digital News Report 2020, in https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/06/DNR_PT_2020_19Jun.pdf
- Rowe D. (2004). *Sport, Culture and the Media: The Unruly Trinity*. 2ª ed. Maidenhead: Open University Press.
- Salaverría, R. (2014). Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In J. Canavilhas, *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp. 25-52). Covilhã: Livros labCom. Retirado de https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4336/1/LIVRO_Webjornalismo_7.pdf
- Santamaría, P. (2010). *Información deportiva, la especialización más extendida em La especialización en periodismo. Formarse para informar*. Comunicación Social, Zamora.

Santarém, R. (2017). Jornalismo desportivo: Tendências dos estudantes universitários no consumo de informação desportiva. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.6/7865>

Santos, L. (2011). Journalism in transition: a study of change at Jornal de Notícias' online newsroom. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/19746>

Saraiva, A. (2013). Jornalismo Desportivo: informação ou entretenimento? – Reflexões de um estágio no jornal O JOGO. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10316/35894>

Serra, P. (1996). O Teletrabalho - conceito e implicações. Retirado de http://www.bocc.ubi.pt/pag/jpserra_teletrabalho.pdf

Tomás, J. (2006). Teletrabalho. Análise e benchmarking de plataformas tecnológicas de suporte a ambientes de Teletrabalho. Retirado de https://www.dei.isep.ipp.pt/~paf/proj/Jan2006/PROJCS_teletrabalho_1970336.pdf

Torrijos, J. L. (2012). La futbolización de la información deportiva: Un estudio de casos de cuatro diarios deportivos europeos. *Comunicação & Cultura*, n.º 13, 77-95. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.14/18110>

Torrijos, J. L. (2012). Del fútbol por exceso a la espectacularización de la información en el periodismo deportivo. Propuestas para una mayor diversificación temática de los contenidos. In *IV Congreso Internacional Latina de Comunicación Social: Comunicación, control y resistências*, 1-13. Universidad de Sevilla. Retirado de <http://hdl.handle.net/11441/18197>

Torrijos, J. L. (2020, 14 de março). Un periodismo deportivo sin competiciones, una oportunidad para reinventarse. [Post em blogue]. Retirado de <http://periodismodeportivodecalidad.blogspot.com/2020/03/un-periodismo-deportivo-sin.html>

Uma estranha forma de pneumonia está a preocupar a China. Causa é desconhecida (2020, 7 de janeiro). *Público*. Retirado de <https://www.publico.pt/2020/01/07/ciencia/noticia/estranha-forma-pneumonia-preocupar-china-causa-desconhecida-1899502>

Urze, P.; Barroso, S.; Gomes, C. (2003). Contributos técnico-culturais para a discussão do conceito de teletrabalho. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n. 15, 51-68. Lisboa, Edições Colibri. Retirado de <http://hdl.handle.net/10362/7962>

Zamith, F. (2011). A contextualização no ciberjornalismo. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto. Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/126988/3/395166.2.pdf>

ANEXOS

Anexo I – Entrevista a António Barroso, subchefe de redação do jornal *O Jogo*

Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao dia a dia dos jornalistas? Que repercussões isso teve ao nível da definição da agenda?

As principais alterações foram na dinâmica casa-trabalho e trabalho-casa. Em casa podemos começar a trabalhar sem perder tempo com deslocações. Tenho alguma inclinação, sinto conforto com o teletrabalho. Ganhei tempo de vida. Neste momento tenho tudo o que preciso para fazer bem o meu trabalho em casa, a empresa deu-me essas condições. Alterações a nível de agenda? De modo nenhum. Até porque já há alguns anos que a maior parte do trabalho, ainda que com alguma infelicidade, e não apenas devido às insuficiências económicas das empresas de comunicação social, já vinha sendo feita na banca. Ou seja, ao telefone e via internet. Com a oferta de ferramentas de comunicação que temos hoje em dia conseguimos chegar a quem queremos e onde queremos com facilidade.

Que dificuldades sentiram na adaptação ao regime de teletrabalho?

Sobretudo durante a tarde e à noite, nas horas de fecho, temos de conversar muito entre nós e foi difícil falar com tanta gente por mensagens. Perdeu-se a oralidade e a proximidade.

Até que ponto o teletrabalho afetou as relações interpessoais entre os jornalistas? E as relações dos jornalistas com as fontes de que modo foram afetadas?

Afetou, claro. Nós somos seres humanos, portanto, sociais e sociáveis. É muito mais fácil trabalhar presencialmente. Foi um desafio e tivemos de nos adaptar. Com as fontes, as relações não ficaram muito afetadas, pois já desde há 10 ou 15 anos que a maioria dos contactos com fontes não são presenciais, os outros decorrem em conferências de imprensa ou encontros pessoais que cada jornalista mantém com as suas fontes. Acho que o teletrabalho não afetou estas relações, até porque um indivíduo que esteja em teletrabalho pode sair de casa e estar com a fonte, exceto em períodos excecionais de confinamento.

O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

Pela experiência que tivemos no jornal *O Jogo*, obrigou os jornalistas a serem mais autónomos e responsabilizou-os mais. O jornal só é prejudicado quando não publica notícias.

Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas e limitações impostas nos estádios?

Deixar de haver competições é, desde logo, notícia. As razões pelas quais deixaram de haver jogos são notícia. Os motivos de uns para quererem público [nos estádios] e outros não também são notícia. Houve uma quantidade de notícias anormais em função daquilo que era a normalidade do fluxo de informação de um jornal desportivo. Mas houve uma imensidão de notícias relacionadas com a pandemia e a ausência de desporto. O pontapé na bola, propriamente dito, não era notícia, mas a organização, os impactos, o facto de a formação não poder jogar, os dramas de empresas, famílias e desportistas eram. Na minha opinião, e em função do trabalho que *O Jogo* fez na altura, não nos faltou informação. Adaptámo-nos, apenas, a um fluxo de informação completamente diferente do tradicional.

Quais os aspetos positivos do teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

No nosso caso, foi a necessidade de termos de nos focar num tipo de noticiário diferente, mais relacionado com a organização, política desportiva e saúde. Menos competição, mas mais notícias sobre outros assuntos. E isso ensinou-nos a lidar com outros temas, como, o que fazem e quem é que está nas instituições que fazem com que a bola role todos os fins de semana nos relvados ou pavilhões. O teletrabalho deu mais carteira aos jornalistas.

O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no jornalismo?

O teletrabalho pode ser adotado pelo jornalismo e pelas empresas de comunicação social por várias razões. Desde logo, por gestão de recursos, mas sem nunca impedir, por necessidades várias, que o jornalista se desloque à redação. Pode ser uma medida social, ou seja, uma forma de as empresas aliviarem o esforço dos funcionários, neste caso jornalistas. Deve ser medido em função dessa racionalização de recursos e medidas sociais. Tudo isso devia ser decidido entre as duas partes, ou seja, o indivíduo em si, que neste caso é o jornalista e as empresas. Há desafios pela frente em gerar consensos em função do teletrabalho, mas que podem resultar em circunstâncias positivas. Vejo com alguma dificuldade a existência de uma visão estruturante por parte de alguns empresários de comunicação social, mas também de alguns profissionais. Estou muito convicto de que o teletrabalho vai ser um modo associado aos vários outros modos de funcionamento de uma redação.

Anexo II – Entrevista a Filipe Pedras, editor da secção Benfica do jornal *Record*

Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao vosso dia a dia?

Sobretudo na comunicação com as pessoas. Quando os jornalistas estão na redação, o editor sai da reunião de planeamento do jornal e tem as pessoas que estão a trabalhar à sua disposição, fala diretamente com elas, define-se o rumo a seguir, aquilo que é preciso fazer, quem contactar, etc. Tudo isto muda com o teletrabalho. No *Record*, desde abril do ano passado, só o editor de cada secção vem para a redação. Depois da tal reunião, cada editor tem de recorrer aos grupos de WhatsApp ou fazer chamadas. Tudo isto altera muito as dinâmicas do nosso dia a dia. E outro problema é que se perde quase totalmente o controlo da qualidade e daquilo que cada um está a fazer. Se o jornalista estiver na redação e eu lhe disser que tem de tratar o tema X, consigo ver que ele está a tratar esse assunto. Se ele estiver em casa, não consigo controlar o que está a fazer. Isto altera o foco das pessoas. Já pedi a um colega para ligar a determinada pessoa e tratar de um assunto e ele responder que tinha de ir passear o cão ou outro que tinha de dar o lanche aos filhos. Se estivessem na redação, nada disto aconteceria, e o foco exclusivo da pessoa seria o trabalho.

Que repercussões é que isso teve ao nível da definição da agenda?

Apesar do regime de teletrabalho, quando existem serviços de agenda no exterior, os jornalistas vão sempre ao local, como as conferências de imprensa. Contudo, depois voltam para casa em vez de virem para a redação escrever. Com isto, perde-se tempo por terem de fazer o caminho de regresso a casa. Nos dias de jogos, temos na redação aquela pessoa que apoia quem está no estádio, que são aqueles que cobrem as *flashes interview*, por exemplo, para facilitar a comunicação. Aquilo que um editor fazia em 30 segundos, agora demora 5 minutos com os telefonemas que tem de fazer.

Que dificuldades sentiram na adaptação ao teletrabalho?

No início foi muito complicado. Todas as reuniões presenciais tiveram de ser feitas por Zoom e WhatsApp. Houve uma adaptação de toda a gente a estas plataformas, havia quem não soubesse sequer o que era o Zoom, ou com dificuldades nas videochamadas, porque não sabiam mexer na plataforma. Tivemos alguns dias, talvez semanas, com dores de crescimento no aspeto da organização.

Até que ponto o teletrabalho afetou as relações interpessoais entre os jornalistas? E as relações dos jornalistas com as fontes de que modo foram afetadas?

Muito. A maioria das pessoas de cada secção tinha hábitos que considerávamos banais, mas aos quais hoje damos muito valor. Por exemplo, quando o editor saía da reunião com a direção, ia com os jornalistas que estavam a trabalhar tomar um café. Era o momento que tínhamos para falar de outras coisas sem ser sobre o trabalho, cerca de 15 minutos. Perdemos estes rituais. As relações com as fontes também foram afetadas, sobretudo para aqueles jornalistas que têm o hábito de fomentar as fontes com encontros pessoais. Passamos a ter uma relação com a fonte exclusivamente por telemóvel.

O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

Sim, até pela dificuldade de comunicação entre os editores e os jornalistas. Às vezes, os textos chegam-nos sem alguns dos tópicos que tinham sido pedidos, ou porque a pessoa do outro lado da chamada não entendeu bem ou então o grupo de WhatsApp ficou inundado de mensagens e o

jornalista não captou tudo. Isso nota-se no produto final, acaba por dar muito mais trabalho ao editor.

Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas e limitações impostas nos estádios?

Foram mais de 70 dias a fazer um jornal desportivo sem desporto. Foi o maior desafio que enfrentei em mais de 17 anos de profissão. Diminuímos para 32 o número de páginas do jornal. Não havia rigorosamente nada, houve uma altura em que os jogadores foram mandados para casa e nem sequer treinavam. O jornal era preenchido maioritariamente com informação à volta da Covid-19. Nos estádios, chegamos a ter 3 ou 4 pessoas nos jogos das maiores equipas. Um para escrever a crónica, outro acerca da análise um a um das equipas e os restantes para reportagem. Passamos desse número para apenas um jornalista no estádio, que tem de estar muito mais atento a tudo e tem de haver muito boa coordenação com o editor.

Quais os aspetos positivos do teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

É positivo o facto de poder estar em casa e conseguir gerir melhor aqueles tempos mortos, como quando peço para fazerem alterações na paginação e temos de esperar que estejam concluídas. Em casa, durante esse tempo, consigo fazer outras coisas. Poupa-se, também, tempo e dinheiro nas deslocações. A vertente tecnológica também ajudou principalmente alguns dos jornalistas mais velhos, que tiveram de aprender a lidar com as plataformas.

O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no jornalismo?

Acho que não é viável. Nem para a organização do trabalho, nem para a comunicação entre jornalistas, editores, direção ou entre as diferentes secções. Há situações que demoram muito mais tempo a resolver. Por exemplo, se precisar de uma fotografia, falo com o editor de fotografia na redação e resolvo. Em teletrabalho tenho de lhe enviar e-mail, mas, entretanto, ele já recebeu outros pedidos e tenho de esperar para depois enviar para a paginação. Neste processo todo chega-se a esperar horas. É possível fazer jornalismo em teletrabalho, mas não é o ideal, está muito longe disso. Ideal é os jornalistas estarem na redação, falarem uns com os outros e entre departamentos.

Anexo III – Entrevista a Norberto Lopes, editor de desporto do *Jornal de Notícias*

Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao dia a dia dos jornalistas?

Essencialmente, as pessoas passaram a trabalhar remotamente. Na nossa redação, na editoria de desporto, as pessoas estão divididas em dois grupos. O que ficou estabelecido foi que um grupo de dois jornalistas estaria durante uma semana na redação, enquanto os outros dois ficavam em casa em teletrabalho, sendo este um sistema rotativo. Continuamos a ir ao terreno, fomos aos jogos de futebol nos estádios, cobrimos as conferências de imprensa e fizemos reportagens, portanto, não condicionou a nossa forma de trabalhar. As únicas alterações foram as questões da distância e da comunicação. Uma coisa é comunicarmos presencialmente com as pessoas e outra é fazer essa comunicação via telemóvel, existem algumas condicionantes e às vezes perde-se algum tempo.

Que repercussões isso teve ao nível da definição da agenda?

A nível de agenda não trouxe grandes repercussões.

Que dificuldades sentiram na adaptação ao regime de teletrabalho?

Estando na redação do jornal, facilmente a pessoa que está à nossa frente ouve e percebe a nossa mensagem. Perdeu-se aqui alguma coisa. O primeiro confinamento também foi mais severo e complicado a nível da logística. Em casa, com filhos em telescola e esposa em teletrabalho foi complicado gerir os espaços de forma a que cada um tivesse a sua privacidade.

Até que ponto o teletrabalho afetou as relações informais dentro do local de trabalho? E as relações dos jornalistas com as fontes de que modo foram afetadas?

Numa redação e em qualquer local de trabalho tem de existir bom ambiente. As pessoas têm conversas sobre determinados temas mais pessoais e do dia a dia que fogem daquilo que é a lógica do trabalho, mas são importantes para o relacionamento e o bem-estar entre as pessoas. Isso, efetivamente, perdeu-se. Essas conversas paralelas fortalecem o espírito de equipa. As relações com as fontes não foram de forma nenhuma afetadas. A relação que o jornalista estabelece com as fontes vive muito de conversas telefónicas ou troca de mensagens. Tirando uma ou outra situação, não existem encontros pessoais entre jornalista e fonte. Há uns anos esses encontros eram habituais, pois não existiam estas formas grátis e instintivas de comunicação.

O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

Não. Em termos de produto final, acho que não foi afetado. Os jornais estão a apresentar exatamente o mesmo produto que apresentavam antes, mas noutras circunstâncias. No *Jornal de Notícias* tivemos sempre na redação um editor de cada secção e pessoas da direção e chefia a trabalhar. Isso fez com que o planeamento do jornal diário não fosse afetado.

Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas e limitações impostas nos estádios?

Como o *Jornal de Notícias* é um jornal generalista, não foi muito prejudicado. Claro que agora existem limitações, porque antes podíamos acreditar dois jornalistas para um jogo. Normalmente, iam duas pessoas em jogos grandes, clássicos ou jogos da Taça. Isso deixou de ser possível e há uma limitação de lugares nas tribunas de imprensa e só pode estar presente um jornalista por cada órgão de comunicação social. Às vezes tínhamos essas duas pessoas [no estádio] por uma questão de segurança, ou alguma confusão relacionada com os adeptos. Agora, sem adeptos no estádio, afastou-se um problema. Na altura de confinamento, em que não havia jogos de futebol,

reduzimos o número de páginas, porque o assunto diário estava relacionado com a Covid-19. Procuramos, em função desse espaço mais reduzido, fazer outro tipo de trabalhos e com outras abordagens. Discutimos questões relacionadas com a redução salarial [dos atletas], como seria a retoma competitiva e o plano sanitário que se iria aplicar, procuramos entender o impacto da ausência de adeptos. Com a retoma do campeonato alemão, que foi um dos primeiros a voltar ao ativo, também fomos à procura daquilo que os protagonistas disseram sobre como seria jogar em recintos à porta fechada. Fizemos abordagens diferentes do normal, mas conseguimos dar outra perspetiva aos leitores cruzando determinados assuntos.

Quais os aspetos positivos do teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

O aspeto mais positivo do teletrabalho, e falando um pouco do primeiro confinamento e do ponto de vista pessoal, foi poder estar em família. Apesar de cada um estar a trabalhar ou estudar em divisões diferentes, podíamos fazer refeições todos juntos, o que em situações normais nunca aconteceria. O confinamento mostrou que os jornalistas têm de se saber adaptar às circunstâncias e perceber que o trabalho não se resume a estar na redação. Com o campeonato parado, tivemos de nos adaptar e fazer coisas diferentes, tentando apresentar todos os dias um produto apetecível aos leitores, tendo sempre como princípio o desporto. A grande lição que se retira desta pandemia é a capacidade de adaptação às circunstâncias da realidade.

O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no jornalismo?

No meu ponto de vista, é viável, mas um regime em modo parcial. Acho que é de todo inviável que uma redação trabalhe a 100% a partir de casa, mesmo com reuniões por Zoom e contacto permanente via WhatsApp. É necessária uma presença física no mesmo local para as pessoas discutirem determinadas estratégias e abordagens e definirem questões de planeamento, o que é muito mais fácil de fazer se as pessoas estiverem frente a frente. Mas admito e acho possível que, no futuro, as redações trabalhem em regimes parciais, com jornalistas na redação e outros em casa, num sistema rotativo. É impossível uma redação dispersa funcionar. Demora muito mais tempo para pensar e executar um jornal e isso teria consequências, não só no produto final como também nos timings de fecho.

Anexo IV – Entrevista a Nuno Sousa, editor de desporto do jornal *Público*

Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao dia a dia dos jornalistas?

O teletrabalho trouxe vantagens e desvantagens. Do ponto de vista da empresa, temos muita disponibilidade em termos de horário de trabalho. Ou seja, o facto de estarmos em casa de uma forma contínua, com o computador ligado quase 24 horas por dia, convida os jornalistas – e eu senti isso na pele – a estarem permanentemente ligados e a sair um pouco da rotina de trabalho normal. Mas temos a desvantagem do contacto direto entre as secções, neste caso em particular do desporto. É óbvio que as novas plataformas como o Skype ou o Zoom ajudam, sobretudo no que diz respeito às discussões nas reuniões e às propostas de trabalho que são feitas de uma forma conjunta. Mas a separação, o facto de não estarmos todos juntos, retira alguma dinâmica àquele que é o trabalho normal numa redação. Senti que faltou o espírito coletivo, até de colaboração entre diferentes secções que se apoiam entre si. Foi uma mudança muito rápida, muito radical para todos. Enquanto trabalhador do setor, acho que o jornalismo foi competente na forma como se adaptou às circunstâncias, mas continuo a entender que o cenário ideal está longe de ser este.

Houve algumas repercussões ao nível da definição da agenda?

Houve [repercussões na agenda] até porque nos vedaram o acesso a algum tipo de conteúdos, como algumas conferências de imprensa que eram banalíssimas na nossa agenda de trabalho, em alguns casos o acesso aos jogos também passou a ser mais restrito e há mais dificuldade no acesso às creditações. O contacto com as fontes também é feito de uma forma mais impessoal. É verdade que numa equipa pequena, como é o caso da nossa, nem sempre conseguimos ter um contacto cara a cara em circunstâncias normais, mas neste contexto tornou-se manifestamente impossível. Recorremos às novas tecnologias, procurando contactar as pessoas de outra forma e também pedindo da parte delas alguma compreensão para que esta relação se tornasse um pouco mais fria. Essas são as mudanças que temos sentido e parecem-me ser transversais a todas as secções do jornal.

Passado algum tempo, os jornalistas já estão mais habituados a este regime, mas que dificuldades sentiram em março de 2020 na adaptação ao teletrabalho?

Houve um período de receio, porque estávamos a partir para o desconhecido, de que pudéssemos ter dificuldades em encontrar o ritmo certo de trabalho. Ou seja, a capacidade de cumprir horários, de alimentar o online com a mesma velocidade e qualidade que estávamos habituados a fazer na redação, sermos capazes de cumprir os prazos da edição em papel, que são particularmente sensíveis no que diz respeito ao desporto, uma vez que grande parte do nosso alimento são os jogos de futebol e ocorrem muito tarde. Portanto, o período que temos para maturar o conteúdo, fazer as revisões que se impõem e as alterações necessárias é muito curto. Houve dúvidas sobre o próprio sistema, do ponto de vista da rede informática, se seria capaz de suportar tantos acessos em simultâneo e tão concentrados. Mas, pouco a pouco fomos percebendo que as dificuldades foram ultrapassadas. Fizemos um balanço dos primeiros meses do funcionamento do jornal e foi francamente positivo, porque havia alguma apreensão no início. Mas do ponto de vista do fluxo de trabalho correu manifestamente bem, embora sintamos a necessidade de trabalhar em conjunto. Porque, mesmo em termos de brainstorming e apresentação de novas ideias para novos trabalhos, somos muito mais produtivos quando pensamos em conjunto e fisicamente mais próximos.

Até que ponto o teletrabalho afetou as relações informais entre jornalistas enquanto colegas de trabalho? E as relações dos jornalistas com as fontes?

No que diz respeito à relação dentro do jornal com os outros jornalistas, julgo que não afetou muito, porque estamos em contacto permanente e é provável que este contacto em termos de minutos despendidos até tenha crescido. Não senti grandes diferenças. Já com as fontes, houve abertura por parte delas em colaborar em moldes diferentes. O que se perde nesta mudança tão brusca no método de trabalho é a capacidade de estar mais perto, garantir maior confiança da fonte e, sobretudo, fazer trabalho para o futuro. É isso que se perde no imediato. Mas no trabalho corrente do dia a dia, como conseguir uma declaração ou uma informação importante para complementar um texto, não tenho a percepção de que ficamos a perder em relação ao nosso *modus operandi* normal.

O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

O fluxo de produção de texto, o trabalho de revisão, a partilha de experiência e de pontos de vista sobre cada um dos artigos e, eventualmente, novas abordagens continuou a existir. Aí não notei uma grande diferença. Em termos do funcionamento orgânico do jornal tivemos algumas dificuldades no início, sobretudo na forma como a equipa gráfica trabalhava em casa e conseguia resolver os nossos pedidos de alterações, porque o jornal é uma entidade viva em constante mutação e sempre que precisamos de uma alteração é muito mais fácil abordar um colega do design gráfico que está ao nosso lado na redação do que estar à espera que nos devolva um contacto, se não atender à primeira, ou que esteja disponível para ver um e-mail ou uma mensagem. Aí houve alguma entropia no processo, mas não comprometeu minimamente o funcionamento normal do jornal. Não me recordo de ter havido percalços sérios que tivessem comprometido, por exemplo, o horário de fecho do jornal.

Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas e das limitações impostas nos estádios?

No início da pandemia foi um grande impacto, em termos de cobertura da atualidade. Algumas secções do jornal conseguiram lidar melhor com isso, como a saúde e sociedade, mas o desporto e também a cultura, pelo encerramento dos teatros e dos espetáculos musicais, etc., tiveram de se reinventar. Recordo-me que alguns dos temas que tratamos na altura tiveram a ver com o impacto direto da pandemia, o que iria acontecer aos campeonatos de todas as modalidades, aos Jogos Olímpicos ou se o Europeu de futebol iria ser adiado. Houve uma tentativa de procurar trabalhos novos dentro da lógica da atualidade, pois deparamo-nos com um problema de difícil evolução e de uma perspetiva de longo prazo e procuramos soluções. Fomos à procura das sequelas desportivas da Covid-19, mas confesso que as primeiras semanas foram de alguma dificuldade, porque era tudo muito novo e nem os próprios organismos tinham respostas para nos dar, nem havia perspetivas de adiamentos ou cancelamentos das grandes provas. Ficamos no limbo, com dificuldades em continuar a alimentar o leitor com histórias diárias que motivassem o seu interesse.

Além do facto de “estar sempre ligado”, que aspetos positivos retira da experiência em teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

Embora pareça paradoxal, os jornalistas numa situação limite conseguiram subir os seus níveis de produção de notícias e isso é benéfico para o leitor e para a entidade empregadora. Para os jornalistas, e referindo-me apenas à vertente pessoal, isto traz alguns contratempos, na medida em que há uma ocupação de tempo muito mais contínua e preocupação – que acho eu que é

extensível a qualquer área de competências em que haja uma grande paixão por aquilo que se faz – em estar continuamente ligado. É quase uma obrigação, não há razão nenhuma para, estando fechado em casa, com um computador à mão e com um mundo de informações à distância de um clique, não estarmos disponíveis para ajudarmos o projeto e procurar dar algum conteúdo extra ao leitor. Senti isso na pele, tenho maior dificuldade em desligar-me do que aconteceria numa situação normal. Penso que podemos retirar ensinamentos positivos [do confinamento]. Se havia alguma dúvida de que o jornalismo e julgo que o ser humano em geral tem uma capacidade de adaptação absolutamente espantosa, essa dúvida terá ficado dissipada neste período. Porque a velocidade a que tivemos de nos adaptar e a capacidade que tivemos de dar respostas imediatas surpreendeu-nos. Do ponto de vista daquilo que foi a informação, quer em termos de conteúdo quer em termos de forma, porque também aproveitamos esta paragem longa para cuidar alguns conteúdos do ponto de vista gráfico na edição online, pois foi sobretudo aí que crescemos durante o período de pandemia, percebemos muito da essência do jornalismo. Ou seja, fazer chegar informação às pessoas em quaisquer circunstâncias. A partir de casa, de uma sala de conferências de imprensa, de um estádio ou num clima de tensão civil. Isso é que é importante, não importa como a informação chega ao leitor, mas sim se esta chega até ele e com a qualidade que exige e merece.

O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no jornalismo?

Julgo que, muito provavelmente, algumas empresas vão adotar um cenário misto com trabalho presencial e teletrabalho. Creio que é a solução mais conveniente para algum tipo de trabalhador numa situação familiar específica, por exemplo, mas poderá também ser útil à empresa em determinados momentos. Havendo flexibilidade da entidade patronal, poderá existir um pequeno ajuste, não direi uma mudança de cenário drástica, que permita que o número de horas de teletrabalho possa subir relativamente àquela que era a realidade antes da pandemia. Digo isto porque algumas empresas já possibilitavam que os trabalhadores cumprissem uma parte do seu horário laboral em regime de teletrabalho. Creio que isso vai crescer porque se percebeu que é possível manter um serviço de qualidade num registo mais flexível do que aquele a que estávamos habituados. Sem descurar o contacto direto com as fontes e a ida para a rua sempre que possível, porque isso parece-me de real importância, mas o trabalho mais burocrático, depois de recolhida a informação, de fazer a triagem dos conteúdos, a revisão dos textos ou o arranjo gráfico, está mais disposto e com mais ferramentas do que nunca ao dispor para que possa ser uma realidade em regime de teletrabalho. Acredito que essa mudança possa acontecer de forma gradual, desde que nunca comprometa a qualidade do trabalho final.

Anexo V – Entrevista a Pedro Cunha, editor da redação do Norte do *Maisfutebol*

Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao dia a dia dos jornalistas? Que repercussões isso teve ao nível da definição da agenda?

A mais evidente, de facto, é a necessidade que agora sentimos de falar mais vezes durante o dia. É um paradoxo, mas acho que a companhia, a proximidade fazia com que passássemos algum tempo sem falarmos uns com os outros, estávamos muito debruçados sobre o computador e noto que temos mais necessidade de trocar ideias e conselhos durante o dia. O ambiente de uma redação é um ecossistema único e irrepetível, não é reproduzível em casa, por melhor que a tecnologia seja. Nada se compara às horas que passamos na redação. A partir do momento em que ficamos sem essa ferramenta tão importante que é o companheiro do lado ou da frente, somos obrigados a substituí-lo por outra espécie de apoio ou calor humano, com o Zoom ou WhatsApp. Não é a mesma coisa, sinto necessidade de ter alguém ao meu lado durante o dia para tirar alguma dúvida, ou até comentários ou piadas mais engraçadas durante o dia, pois isso faz parte do ambiente de trabalho. Aquilo que fazíamos anteriormente ‘in loco’, como jogos, conferências de imprensa, entrevistas e reportagens, tentámos fazer sempre que há condições de segurança para tal. Continuamos a ir aos estádios, senti sempre muita segurança, mas em relação às entrevistas e reportagens, sempre que não é possível criar uma atmosfera segura para as duas partes temos feito através do Zoom. Muitas das coisas que antes fazíamos fora da redação continuamos a fazê-las, quando não é possível recorremos ao Zoom.

Que dificuldades sentiram na adaptação ao regime de teletrabalho?

Perdi aquele primeiro mês de ajustes, porque fiquei doente com Covid-19 quando fomos enviados para casa. Quando voltei ao trabalho, lembro-me que na primeira vez em que trabalhei com o Zoom estava um pouco curioso e aflito, a pensar se não iria ter problemas com a plataforma. Mas tem sido uma ferramenta extremamente útil. Entretanto, foi fazendo parte do nosso dia a dia. Apenas duas pessoas por dia iam a cada redação do *Maisfutebol*, para evitarmos o aglomerado de pessoas.

Até que ponto o teletrabalho afetou as relações interpessoais entre os jornalistas? E as relações dos jornalistas com as fontes de que modo foram afetadas?

Compromete muito. Falamos todos os dias muito por WhatsApp, mas não tem nada a ver. O *human touch* é irreproduzível. Cada um de nós tem a sua forma de estar, há aqueles que se isolam e reagem bem a isso. Eu preciso de ter pessoas a trabalhar comigo no dia a dia. Tento ir alguns dias à redação, até para ver pessoas da *TVI*, falar de outras coisas, ir ao bar tomar um café, etc. O ser humano é um animal de sentimentos, sensações e troca de ideias. As relações com as fontes não foram afetadas. Com as minhas fontes mais próximas, quem falo com regularidade, mantenho o mesmo contacto, ou seja, o WhatsApp. É prático e quem está nesta área está sempre conectado ao WhatsApp. É das poucas coisas que ficou completamente intocada.

O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

O produto afinal não tem sido afetado, porque, com o Zoom, começamos a ter algo que não tínhamos antes, que é o vídeo. Agora, temos muitos mais artigos com vídeo e, nesta altura, mesmo do ponto de vista comercial, é o produto mais rico, envolve a publicidade a um preço mais alto. Este é o lado bom, conseguimos oferecer vídeo com maior frequência. Mas as pessoas que escreviam bem continuam a escrever bem, apenas de uma forma mais solitária. Se calhar temos menos distrações em casa, a redação estimula, mas também distrai e em casa estamos mais concentrados por estarmos isolados, focados naquilo que estamos a fazer. Medindo os prós e os

contras direi sempre que a redação é um bem inestimável e único. Acredito que o público não tem sentido diferença no produto final nem se tem sentido defraudado.

Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas e limitações impostas nos estádios?

A Liga portuguesa é muito heterogénea. Tens estádios que são luxuosos, como o Dragão e outros como a Mata Real, que já está muito melhor hoje em dia. Na primeira vez que voltei a um estádio, depois do primeiro confinamento, no reatar do campeonato em junho de 2020, foi precisamente na Mata Real. Quando cheguei lá desinfetei as mãos e medi a temperatura, mas sentei-me, olhei para o lado, para trás e para a frente e estava rodeado de gente. Na altura, incomodou-me. No Estádio do Dragão, estás completamente isolado na tua carteira, o jornalista mais próximo de ti está a 5 metros. Antes íamos em dupla, mas agora o jornalista vai aos jogos sozinho. O tempo sem jogos foi catastrófico, no que diz respeito ao número de leitores que tínhamos diariamente. Quando ficamos sem o nosso objeto de trabalho tivemos de nos reinventar. Começamos a recordar jogos antigos, jogos históricos que estivessem na memória das pessoas. Colocávamos o jogo a dar, através do Youtube e fazíamos o acompanhamento ao minuto como se fosse ao vivo. Isso criou alguma expectativa nas pessoas que nos liam. Também fizemos algumas lives no Instagram, durante algumas semanas, ao final da noite. Mas, normalmente, temos uma média de 350 mil acessos por dia, num dia bom ronda os 600 mil, e nessa altura eram pouco mais de 100 mil acessos em dias bons.

Quais os aspetos positivos do teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

Os aspetos positivos são o facto de estar em casa e por isso mais concentrado em relação àquele que é o meu comportamento na redação e também o aumento da oferta de vídeo. Ensinamentos? Somos bastante complexos, não é fácil perceber o raciocínio de quem está ao nosso lado, pois vivemos as coisas de formas bastante diferentes. Retiro disto o ensinamento de que temos, cada vez mais, de entender o que é o respeito pelo outro, que é imutável, inegociável. O maior ensinamento que retiro deste confinamento, como cidadão e mesmo como jornalista, é o respeito pelo próximo. Isso envolve mais paciência, mais tranquilidade, serenidade e tolerância.

O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no jornalismo?

Infelizmente, é viável. Mas eu espero que não vá para a frente. Digo que é viável porque está a acontecer e as coisas estão a ser feitas, mas perdemos mais do que aquilo que ganhamos. Espero que a administração entenda que assim que hajam condições temos de regressar todos à redação e trabalhar em conjunto, porque o jornalismo é e deve ser, muitas vezes, um trabalho de equipa. Não encaro esta profissão como um eremita, de seres que devem estar solitários e isolados. Pontualmente, é útil, mas é uma exceção e não uma regra.

Anexo VI - Entrevista a Rui Baioneta, editor do jornal *A Bola*

Quais as principais alterações que o teletrabalho trouxe ao vosso dia a dia?

Não existiram muitas alterações em termos de trabalho, porque com um telemóvel e um computador podemos trabalhar em qualquer lado. Apenas se perdeu aquele contacto físico na redação e não se seguiu a máxima de que “os jornais se fazem nas redações”.

O teletrabalho trouxe-vos algumas repercussões ao nível da agenda ou conseguiram trabalhar da mesma forma?

Quanto à agenda, as pessoas iam fazer os serviços normalmente e regressavam à redação para escrever, enquanto agora voltam para casa.

Que dificuldades sentiram na adaptação ao regime de teletrabalho?

No jornal *A Bola* todos temos um portátil atribuído. Estamos habituados a ir para vários sítios, como quando vamos para o estrangeiro, e a escrever fora [da redação]. A grande questão que se colocou foi fazer todo o jornal a partir de casa, essa foi a maior dificuldade. A redação é o nosso porto seguro, mas para nós jornalistas não é desconhecido escrever noutros locais.

Até que ponto o teletrabalho afetou as relações interpessoais entre os jornalistas?

Não afetou. Nós trabalhamos todos juntos há muitos anos. Estou n' *A Bola* há 20 anos e os meus colegas também. Conhecemo-nos todos muito bem, mesmo até as pessoas de outras secções. Somos amigos, temos uma redação unida. O facto de não estarmos todos juntos é como não vermos um amigo de infância durante 15 anos e, quando o vemos, parece que a última vez tinha sido no dia anterior. Claro que começamos a fazer mais conversas por videochamadas e era assim que nos íamos vendo. Mas o facto de nos conhecermos tão bem foi decisivo para que as coisas corressem normalmente. Numa redação há tempo para tudo. Estás a trabalhar, paras para beber um café com os colegas, abre-se uma discussão sobre qualquer assunto. Como trabalhamos juntos há muitos anos é natural sentirmos falta uns dos outros, mas o jornal continuou a ser feito.

E as relações dos jornalistas com as fontes foram afetadas de alguma forma?

As relações com as fontes não foram prejudicadas. Costumamos dizer que “as grandes caixas se fazem pelo telefone”, ou seja, não é por não podermos estar fisicamente com as pessoas que o teu acesso às notícias e às fontes que tens como seguras vai ser afetado.

O teletrabalho condicionou o processo de construção e o produto final?

Não sinto isso. Na redação falamos uns com os outros e alguém pode ter alguma ideia em conversa e isso perdeu-se um pouco. Mas acho que o jornal não perdeu qualidade porque, sobretudo naquele período em que estava tudo parado, houve outro tipo de informação.

Qual o impacto da suspensão das atividades desportivas, até para que conseguissem preencher todas as páginas do jornal? E de que forma é que as limitações impostas nos estádios também vos condicionam?

Tivemos de ser mais criativos, pensar em temas que interessassem às pessoas, apesar de o campeonato estar parado. Mas havia sempre entrevistas para fazer, algumas reportagens em relação ao jogador A ou B que se podiam explorar. Saímos um pouco daquilo que era o campeonato “puro e duro”. Em relação às restrições nos estádios, naturalmente que limitam. Atualmente, temos apenas um jornalista por órgão de comunicação social nos estádios. Em

condições normais iria um redator para escrever a crónica do jogo, outros dois para fazer a análise individual dos jogadores de cada equipa e mais um ou dois para fazerem a reportagem. Neste momento, o redator que vai ao estádio faz a reportagem e tudo o resto é feito através da televisão, mas não consegue ter a mesma visão do jogo e isso causa limitações. Tivemos de nos adaptar à nova realidade e penso que a informação continua a ser fiel.

Quais os aspetos positivos do teletrabalho? Que ensinamentos o tempo de confinamento trouxe ao jornalismo?

O teletrabalho permitiu desenvolver algumas coisas que já existiam, mas que não usávamos, como o Zoom ou o Skype. Fiz entrevistas por Zoom, entrei numa conferência de imprensa na Eslovénia, algo que normalmente não faria. Neste caso tratou-se do Campeonato Europeu de sub-21 e, em condições normais, estaria lá presente. E este tipo de plataformas não eram muito utilizadas no trabalho. Sinto-me cómodo e confortável quer em casa quer na redação. Claro que no âmbito pessoal há vantagens como fazer as refeições a horas e poupar tempo das viagens trabalho-casa. O jornalismo “rouba” tempo para a família. A notícia não tem hora nem local. Os jornalistas tiveram de se reinventar neste tempo. Deixou-se de discutir o jogo dentro das quatro linhas e apostou-se noutro tipo de informação também interessante. Muitas das páginas durante a pandemia eram dedicadas à vida dos desportistas das várias modalidades, dos treinadores que estavam no estrangeiro a viver isolados. Era informação que também despertava interesse nas pessoas.

O regime de teletrabalho pode ser uma medida a adotar no futuro ou não é viável no caso concreto do jornalismo?

Acho que é viável, em termos práticos, desde que o jornalista continue a ir aos locais e a falar com as pessoas. Sente-se falta, claro, do contacto físico numa redação. Às vezes, saís para reportagem e voltas com uma ideia, mas em conversa com um colega a lado mudas a abordagem. [O trabalho] é sempre mais rico se os redatores estiverem próximos. Se os jornais podem ser feitos a partir de casa? Desde que continues a ter acesso às fontes, sim. E este tempo provou-o. Hoje em dia temos “armas” que não tínhamos antes.